



SERENIDADE REVOLUCIONÁRIA NO DISCURSO DE VASCO GONÇALVES

POLÍTICA DE VERDADE

-PROPÕE-SE O II GOVERNO PROVISÓRIO

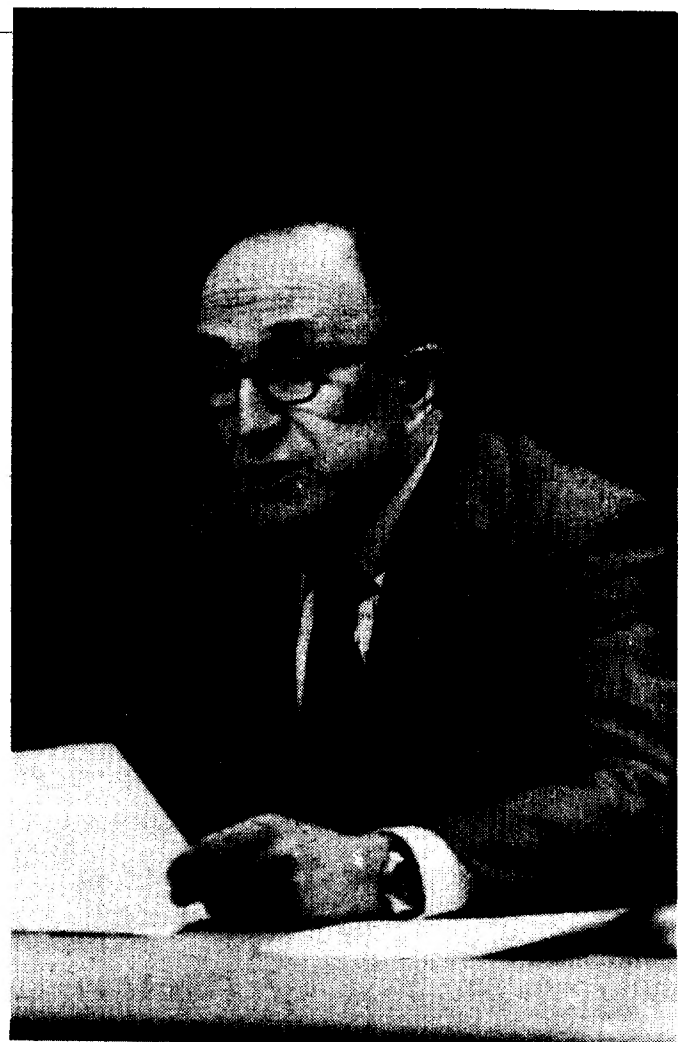
«É passado o tempo em que o Governo mentia ao Povo» — disse ontem enfaticamente o Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves numa comunicação lida pela Televisão e pela Rádio. Entrou-se doravante numa «política de verdade», e será com base nela, «e no esforço de todos os portugueses», que acabará por construir-se «o Portugal democrático, próspero e independente que desejamos». O Primeiro-Ministro, parco em palavras desde a sua posse, falou desta vez com o vagar que a situação requer. Disse por exemplo: «Não podemos convencer-nos que o 25 de Abril tenha gerado a prosperidade e a abundância onde a miséria grassava».

Disse também: «Nas a economia portuguesa vésperas do 25 de Abril estava à beira do caos».

Daí ser necessário, para já, aproximar certos preços do valor real dos produtos, mantidos artificialmente baixos pela demagógica ginástica de Caetano, e isso é — como lhe chamou Vasco Gonçalves — «uma operação dolorosa, com reflexos no nível de vida da população», mas afinal «indispensável para se evitar um desequilíbrio financeiro demasiado grave».

A contrapartida estará, tem que estar na «reanimação económica geral». Entretanto, atenção: quem espera que o termo das hostilidades em África vai subitamente oxigenar o País e lançá-lo de imediato numa vida (num fim de mês, que as donas de casa conhecem...) sem sobressaltos, engana-se redondamente. Vasco Gonçalves foi peremptório: «As vantagens económicas e financeiras do fim da guerra só se deverão fazer sentir dentro de dois anos». Só que o fim da guerra é, já por si, «uma boa e nobre solução para o nosso País e para os povos da Guiné, Angola e Moçambique».

Foi com esta autêntica serenidade revolucionária, patente sobretudo quando, sem subterfúgios, deu a conhecer à nação a iminência de alguns agravamentos de preços, que o Primeiro-Ministro ontem falou. A comunicação integral vem na pág. 4.



O Primeiro-Ministro, coronel Vasco Gonçalves, quando, ontem à noite, falava ao País através da Televisão

FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS

OS AUMENTOS IMPLICAM MAIS 5.600.000 CONTOS DE DESPESA ANUAL

«A nova tabela de vencimentos da função pública, considerada como primeira fase dum processo de actualização de acordo com as possibilidades do Tesouro, dá prioridade absoluta às classes mais desfavorecidas do funcionalismo e implica uma despesa anual de 5,6 milhões de contos, isto é, cerca de 40 por cento da despesa total que o Estado fazia com os seus funcionários» — diz-se num comunicado do Gabinete do Primeiro-Ministro.

Este aumento dos vencimentos — prossegue o comunicado — era uma exigência premente, ditada pela subida dos preços e pela consequente redução do poder aquisitivo dos trabalhadores da função pública.

Alteraram-se, porém, radicalmente os critérios seguidos em anteriores actualizações de vencimentos. Visa-se agora, como se referiu, prioritariamente, promover uma mais equitativa distribuição dos rendimentos, através de ajustamentos que terão por efeito melhorar o nível de vida da grande maioria dos funcionários.

De facto, dentro dos recursos limitados de que o Orçamento pode dispor no momento actual, houve a preocupação primordial de conseguir uma participação mais justa dos trabalhadores do Estado na riqueza criada pela colectividade.

O esquema do aumento de vencimentos adoptados caracteriza-se por uma forte degressividade. Os aumentos dos escalões inferiores são maiores, em valores absolutos, do que os escalões superiores, indo de 1400\$00 de

aumento nos escalões de remunerações mais baixas até 500\$00 nos vencimentos mais elevados.

O leque de remunerações do sector público sofre consequentemente uma redução muito significativa: com efeito, o quociente entre o vencimento da categoria mais elevada e o da categoria mais baixa passa de 7,7 para 5.

Não se estabelece uma situação estacionária relativamente à estrutura e ao nível de remunerações dos funcionários públicos.

Com efeito, persistem, especialmente nas categorias superiores, situações de nítida desigualdade entre as remunerações pagas pelo Estado e as que o sector privado oferece para funções a que correspondem graus semelhantes de qualificação, de responsabilidade e de esforço.

Exigiu-se a numerosas cate-

gorias de funcionários um sacrifício que nem por ser temporário é menos real e que haverá de ser compensado em futuras revisões. Muitos vencimentos continuam abaixo de um limite que se possa considerar socialmente desejável.

Novos ajustamentos se seguirão em harmonia com as possibilidades do Tesouro, de modo a assegurar a todos os níveis em que se desdobra a função pública — estudo, decisão, execução — uma maior aproximação em relação às remunerações pagas pelo sector privado. Significa isso que em futuras revisões não será de seguir o critério agora adoptado de, em relação aos escalões mais elevados do funcionalismo, atribuir apenas aumentos de montante reduzido.

Considera-se, com efeito,

Continua na pag. 6

ADIADA "SINE DIE" A POSSE DE MELO ANTUNES

Foi adiada «sine die» a posse do major Ernesto Augusto de Melo Antunes nas altas funções de presidente da Junta Governativa de Moçambi-

que. A cerimónia estava marcada para as 12 e 30 de hoje, no Palácio de Belém, com a presença do general António de Spínola, que para tal efei-

to se deveria deslocar do Buçaco em helicóptero.

Melo Antunes, major de Artilharia, ex-membro da Comissão Coordenadora do Programa do M.F.A. e ministro sem pasta do II Governo Provisório, seria agora graduado em brigadeiro. Graduação provisória, enquanto durasse o seu impedimento naquele território leste-africano.

Não foram conhecidos pelos jornalistas os motivos do adiamento da posse, nem a data provável em que poderá efectivar-se. Recordar-se, entretanto, que Melo Antunes regressou ontem de Dar-Es-Salaam, juntamente com Mário Soares e Almeida Santos, de um contacto com a Frelimo.

O FUNERAL

Milhares de pessoas gritaram «Presente!» ao corpo de Vítor Bernardes. O povo sentiu os tiros que roubaram a vida a um elemento activo da C.D.E. Na foto — os familiares. Uma dor acompanhada por todos acontando, conscientemente, se batem pela implantação da democracia em Portugal. Digna de registo a serenidade mostrada por jovens de cor que empunhavam, numa derradeira homenagem, as bandeiras do M.P.L.A., da Frelimo, do P.A.I.G.C. e do M.S.T.P.



GERAL

Abrandamento da tensão em Angola

LUANDA, 19. — (R.F.P.-ANI-L.) — Um comunicado militar distribuído nesta cidade, declara que a actividade dos guerrilheiros, no interior de Angola, decresceu no mês passado.

Por sua vez, a Secretaria de Estado da Comunicação Social e do Turismo divulgou um comunicado em que informou nomeadamente:

«Segundo informação do Comandante-Chefe das Forças Armadas em Angola, no que se refere ao período das 8 horas do dia 16 às 6 horas do dia 17 de Agosto, registaram-se os seguintes incidentes:

«Durante a noite foram ouvidos alguns disparos no Bairro Calumbá, desconhecendo-se a origem.

«Bairro Sambizanga: preso um civil branco com uma granada de mão ofensiva que ameaçava civis que se encontravam num bar.

«Bairro Rangel: preso um civil preto portador de uma pistola não legalizada.

«Bairro Casa Branca: disparados tiros pelas Forças Armadas sobre um grupo de civis pretos que apanhavam uma camioneta de lixo. Presos 7 civis pretos que estavam a assaltar uma fábrica de tapetes.

«Bairro Petrangol: detidos 16 civis pretos.

«Segundo informação do Banco do Hospital de S. Paulo não se registou qualquer tipo de baixa por arma de fogo durante o período.»

NOVOS JORNAIS

O secretário de Estado da Informação anunciou, noutro comunicado, que Norberto de Castro, um dos principais comentadores políticos da Emissora Oficial de Angola, foi autorizado a regressar do exílio pelo almirante Rosa Coutinho presidente da Junta Governativa de Angola.

Norberto de Castro tinha sido expulso para o enclave de Cabinda,

no mês passado, pelo anterior comandante-chefe das Forças Armadas em Angola, general Franco Pinheiro, sob a acusação de ser informador da ex-PIDE-DGS, de difamar uma autoridade policial e de ser contrário ao espírito do Movimento das Forças Armadas. Franco Pinheiro regressou a Lisboa, em Julho.

Luanda conta com um novo jornal o semanário «Jornal do Povo», dirigido e editado pelo jornalista e poeta Aires de Almeida Santos, que no editorial de apresentação escreve que o seu periódico «será um defensor intransigente do povo angolano».

Por outro lado, reapareceu, após alguns anos de suspensão, o antigo vespertino luandense «ABC — Diário de Angola», agora como semanário de «informação e opinião», conforme se lê no cabeçalho.

O novo órgão da Imprensa angolana que é propriedade da Gráfica Portugal tem como director José Manuel da Nóbrega, antigo chefe da redacção do «Notícias», e como chefe de redacção Júlio de Sousa Martins.

TURISTAS BLOQUEADOS

SASSARI (Sardenha), 19 (F.P.) — Trezentos turistas britânicos, clientes da companhia de viagens «Court Line», que abriu falência, estão bloqueados na Sardenha desde a noite de Sábado.

A maior parte deles, expulsos dos hotéis onde se alojavam, encontram-se no aeroporto D'Alghero à espera de um avião que os possa levar ao seu país.

Comissões ministeriais para o saneamento e reclassificação

Na sequência da criação da Comissão Interministerial de Reclassificação, um decreto oriundo da Presidência do Conselho acaba de mandar instituir, no prazo de dez dias, comissões em todos os ministérios com os mesmos fins ditos de «saneamento e reclassificação» de cada departamento. Serão formadas por três membros, a nomear pelo respectivo ministro de entre os trabalhadores, um dos quais ficará investido na função de presidente.

Por outro lado haverá uma comissão idêntica na Presidência do Conselho, esta a nomear pelo Primeiro-Ministro, e cuja competência abrangerá não só o pessoal do quadro único como ainda o de todos os organismos dela. Presidência, dependentes.

As comissões em epígrafe consideram-se extintas em 31 de Dezembro próximo. Poderão receber queixas, reclamações ou participação de factos, mas «por escrito, assinado e com indicação de meios de prova». Na sua competência integra-se a eventualidade de mandarem proceder a inquéritos sumários ou «outras diligências que julguem necessárias para o apuramento da verdade».

Entretanto, a competência destas comissões ministeriais não substitui, nem por qualquer forma prejudica, a que foi atribuída aos titulares das pastas ministeriais.

Por norma, as novas comissões interministeriais tomarão deliberações por maioria e com voto secreto dos seus membros. Não haverá declarações de vencido.

Poderes legislativos para Angola e Moçambique

Os governos-gerais de Angola e Moçambique foram autorizados, mediante um decreto-lei datado de hoje, a tomar (através de decreto «provincial») as medidas de carácter urgente que se tornem necessárias para prevenir ou ocorrer a possíveis perturbações dos respectivos mercados dos monetários e financeiros e do funcionamento equilibrado do seu sistema bancário.

Essas medidas urgentes serão tomadas por via legislativa desde que visem:

— limitar ou condicionar temporariamente os levantamentos, em numerário, de contas de depósito constituídas em instituições de crédito, ou tomar outras providências destinadas a evitar ou impedir a acumulação inconveniente de

fundos fora do circuito bancário;

— regulamentar o pagamento de letras, livranças e extrac-tos de factura por meio de cheque e permitir e disciplinar a regularização de pagamentos em atraso em que aqueles títulos hajam sido utilizados;

— alterar, ouvido o respectivo banco emissor, os limites das taxas de juro das operações efectuadas pelas instituições de crédito, de modo a ajustá-las à conjuntura monetário-financeira;

— alterar, ouvido também o respectivo banco emissor, os limites e condições a que se refere o artigo 7.º do Decreto-Lei n.º 48 369, de 6 5 1968, com a redacção dada pelo Decreto-Lei n.º 72/74, de 28 de Fevereiro do corrente ano.

FOGO EM SANTA LUZIA

Desde ontem à tarde que está a lavrar um violento incêndio na montanha de Santa Luzia em Viana do Castelo, numa frente de cerca de 20 quilómetros. Trabalham no combate às chamas, já próximo do templo de Santa Luzia, as duas corporações daquela cidade, e as de Caminha e Arcos de Valdevez, bem como pessoal dos Serviços Florestais.

As 10 horas da manhã continuavam a trabalhar os bombeiros sendo já considerável a área de mato devastada.

INCÊNDIO EM SACAVÉM

Ontem os Bombeiros Voluntários de Sacavém, Moscardide, Odivelas, Loures, Camarjete, Alhandra, Zambujal e Fanhões dominaram um incêndio que chegou a tomar graves proporções, e que teve início numa lixeira da Quinta da Casa Malvaria, na povoação de Unhos (Sacavém). As chamas chegaram a estender-se numa frente de cinco quilómetros.

Com receio que o fogo atingisse uma fábrica de margarina na estrada de Unhos, pediu-se a ajuda do B. S. B. que enviou material e pessoal dos quartéis da Graça, Encarnação e Avenida D. Carlos I., também acorrendo ao local os Voluntários de Lisboa, Campo de Ourique e Lisbonenses, dirigidos por JOSE Borges que assumiu o comando das operações.

Os prejuízos são avultados. Algumas torres de alta tensão ficaram negras, mas nenhum cabo foi partido. Há cerca de um ano, houve um incêndio na área, também originado pelo fogo ateado àquela lixeira.

BURLAS

Utilizando cheques sem cobertura o electricista José Ribeiro, de 33 anos, conseguiu burlar, no prazo de uma semana, várias ourivesarias da Baixa lisboeta, até que, esta manhã, foi reconhecido pelo empregado de uma joalharia na Rua do Carmo, a quem já conseguira ludibriar em tempos. Segundo o porta-voz da P. S. P. no Governo Civil, eleva-se a cem contos o valor das burlas efectuadas.

CURSOS

MECANOGRAFIA

PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO

Sistemas: IBM e UNIVAC

máq. 029-059-129-1701-1710

Início dos cursos: 23 Agosto

Informações e matrículas no:

EXTERNATO CONTINENTAL

Tel. 364272

R. do Arsenal, 100 - 1.º

MINISTÉRIO DO EQUIPAMENTO SOCIAL E AMBIENTE SECRETARIA DE ESTADO DA HABITAÇÃO E URBANISMO FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO DE EMPREITADAS

1. — Faz-se público que se encontra aberto concurso para a realização das empreitadas que se descrevem no quadro seguinte:

EMP. N.º	DESIGNAÇÃO	PREÇO BASE	CAUÇÃO PROVISÓRIA	PRAZO (Em dias)
4/74	Execução da rede de distribuição eléctrica e iluminação no A. C. E. de Caldas da Rainha	1 716 807\$00	42 920\$20	150
6/74	Construção de infraestruturas no A. C. E. de Caldas da Rainha 2.ª Fase	1 069 900\$00	26 747\$50	150

Será condição para admissão a concurso o ser possuidor de alvará da 1.ª Subcategoria da Categoria IV para a Empreitada n.º 6/74 e das Subcategorias 3.ª ou 6.ª da Categoria VI para a Empreitada n.º 4/74, e ainda da classe e subclasse a que corresponder o valor da proposta.

2. Os processos dos concursos podem ser consultados todos os dias úteis, às horas normais de expediente, na Direcção dos Serviços de Obras — Av. Columbano Bordalo Pinheiro, n.º 87-7.º — Lisboa, podendo os interessados obter cópias dos mesmos através do Centro de Documentação, sito na mesma Avenida, n.º 5-3.º andar, sendo da inteira e exclusiva responsabilidade dos interessados a verificação e comparação das cópias com os elementos dos processos patenteados.

3. O acto público do concurso realizar-se-á na Av. Columbano Bordalo Pinheiro, n.º 87-8.º andar — Lisboa e terá lugar pelas 15 horas e 30 minutos do dia 10 de Setembro de 1974, devendo as propostas dar entrada na repartição administrativa, na mesma Avenida, n.º 5-7.º andar, até às 17 horas e 30 minutos do dia 9 de Setembro, ou até uma hora antes da hora do concurso, se enviadas pelo correio, sob registro.

Fundo de Fomento da Habitação, 12 de Agosto de 1974.

PAULO DIRECTOR DOS SERVICOS DE OBRAS

Miguel Fernando Costa Santos de Sá
Engenheiro

INSTITUTO DE NOVAS PROFISSÕES

MEMBRO FUNDADOR DA ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL TURÍSTICA

CURSO DE TURISMO

Habilita com Carteira Profissional Internacional do Turismo, da Associação Mundial de Formação Profissional Turística. Prepara para Guias-Intérpretes (curso oficialmente aprovado pelo Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira).

CURSO DE SECRETARIADO

Especialização em Secretárias de Direcção, Recepcionistas, Técnicas em Documentalismo, Chefes de Secção de Correspondência. Em colaboração com a DAVIES' SCHOOL OF ENGLISH, de Londres, e a ECOLE SUPERIEURE DE SECRETARIAT, de Paris, proporciona estágios complementares, nessas escolas, com obtenção dos respectivos diplomas.

INFORMAÇÕES

Av. Duque de Loulé, 47, 1.º — Tel. 55 63 11-55 53 19
L I S B O A

EXM.ª CLASSE MÉDICA E FARMACÊUTICA

Os LABORATÓRIOS BIAL informam que o mercado se encontra já reabastecido do seu produto.

BIALZEPAM RETARD

J SILVA FALCÃO

UNIDADE E UNIVERSALIDADE ORÇAMENTAIS

De acordo com a Constituição Política transitoriamente em vigor, verificam-se em Portugal os princípios da unidade e da universalidade orçamentais. De facto, determina o artigo 63.º da Constituição que «o Orçamento Geral do Estado para o Continente e Ilhas Adjacentes é unitário, compreendendo a totalidade das receitas e despesas públicas, mesmo as dos serviços autónomos de que podem ser publicados à parte desenvolvimentos especiais». Aí está: o Orçamento deve ser uno (princípio da unidade) e deve conter todas as receitas e despesas públicas (princípio da universalidade).

Na parte substancial do Orçamento Geral do Estado são apresentadas as discriminações das receitas gerais do Estado e das despesas dos serviços dos vários ministérios, uma e outra apoiadas, conforme se julga, nos trabalhos efectuados pelo Instituto Nacional de Estatística, publicados na colecção «estudos» do I.N.E. sob o título de «Subsídios para uma nova classificação das receitas do Estado».

Na parte complementar do Orçamento, apresentam-se as receitas e despesas de serviços autónomos e de empresas públicas. Os serviços autónomos são a Emissora Nacional de Radiodifusão, a Administração Geral do Porto de Lisboa, a Administração dos Portos do Douro e Leixões, Hospitais Cíveis de Lisboa, Apostas Mútuas Desportivas e Lotaria Nacional, considerando-se como empresas públicas a Caixa Geral de Depósitos e a Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Finalmente na parte preliminar indicam-se os totais, apenas totais, das receitas e despesas de uma multiplicidade de fundos e serviços autónomos e não autónomos. Porque, não se discriminam as receitas e despesas destes fundos e serviços, cujas totalidades de receitas e despesas atingem em 1973 as previsões de, respectivamente, 21.999.377 contos e 21.901.160 contos?

Entre estes serviços figuram serviços significativos, como o Fundo de Abastecimento, segundo se crê em situação precária, em resultado de uma duvidosa política de subsídios, a Manutenção Militar, o Fundo de Renovação da Marinha Mercante, o Fundo de Desemprego, o Fundo Especial de Transportes Terrestres, o Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos e tantos outros serviços cuja análise financeira se reveste de interesse. Para o público, claro...

Quanto à definição orçamental de empresas públicas, a estrutura do Orçamento revela incoerências de todo. No Mapa n.º 3 definem-se como empresas do Estado departamentos como a Emissora Nacional, a Administração Geral do Porto de Lisboa, a Manutenção Militar, quando esses departamentos são considerados no mesmo Orçamento como serviços autónomos.

A Emissora, por exemplo, figura na parte complementar como serviço autónomo, quando existe a apresentação separada das empresas públicas. E serviço ou é empresa? Também causa estranheza a não integração entre as empresas públicas de departamentos como as Apostas Mútuas Desportivas e a Lotaria Nacional. Poderá pensar-se que será uma questão de pormenor, de somenos importância, mas quem sofre os prejuízos do pormenor são os trabalhadores desses departamentos, pagos assim como funcionários públicos, portanto mal pagos, em relação pelo menos aos trabalhadores das empresas públicas, da Caixa Geral de Depósitos, por exemplo. Considere-se o caso das Apostas Mútuas Desportivas, cujos sacrifícios trabalhadores são privados, há anos, de fins-de-semana sem contrapartida no decorrer de um ciclo semanal.

Ufanavam-se os responsáveis pelo departamento das Apostas Mútuas Desportivas do baixo peso das despesas gerais relativamente às receitas cobradas; no entanto esse baixo peso deriva sobretudo da forma como têm sido explorados os funcionários do departamento e os colaboradores em ocupação de tempo parcial, contadores e escrutinadores. Para tanto lucro, tão baixas remunerações...

Para além das carências que se deparam na apresentação do Orçamento deve referir-se que é na Conta Geral do Estado que se localizam as maiores lacunas quanto à informação acerca da administração financeira estatal.

Não se verificam para a Conta Geral do Estado os princípios da unidade e da universalidade. Na conta figuram as receitas e despesas da chamada administração pública, restrita aos serviços que constam da parte substancial do Orçamento, e as receitas e despesas de alguns serviços autónomos, com a ausência da grande maioria desses serviços, muitos deles muito significativos.

Calcula-se bem as dificuldades que deverão sentir os técnicos a quem é confiada a elaboração das contas nacionais referentes ao sector público. Sabendo-se que o sector público se compõe, no nosso País, de três sub-sectores (Administração Central, Administração Social e Previdência), os documentos basilares da administração financeira, Orçamento e Conta, deveriam satisfazer as necessidades da mencionada elaboração, englobando toda a Administração Central.

Além deste aspecto, não poderá perder-se de vista que o público tem o pleno direito de se informar, se o quiser fazer, acerca da forma como se processa a vida financeira do Estado.

A Conta Geral do Estado deverá conter toda a informação acerca da vida financeira. Para isso é elaborada. Se assim não fosse para que se publicaria, ano a ano, a Conta? Com a escassez de papel, seria um imperdoável desperdício.

Caine é um caso. Não sei porquê, mas é um caso. Durante a recente greve da TV, em França, **Paris Match** perguntava, na capa, em letras bem gritantes: «Poderá privar-se a França de Kung Fu?» A capa era-lhe, de resto, dedicada, e, no interior do magazine, quatro páginas bem ilustradas sobre a série e sobre o actor, no mundo, David Carradine. Também a **Manchete** de 3 de Agosto traz na capa a jovem família Carradine a propósito de Kung

Fu, herói contra a violência.

Kwai Chang Caine (Kung Fu) é um quase «superman» não fantástico. A primeira vista, naturalmente. Uma série menos má do que aquelas que os americanos costumam exportar para o velho mundo, que as recebe com entusiasmo ou, pelo menos, sem irritação de maior. Caine vence todos os maus, que, por acaso, são quase todas as criaturas com quem contacta. Vença-as a golpes de «karate» ou com frases da filoso-

fia que lhe ensinaram no mosteiro taoista. No tempo do senador McCarthy isto não seria considerado anti-americano? E há aquela história de Caine ser não só pacifista mas, ainda por cima, meio chinês. Então, mal ele chega, explodem a violência e o racismo. Carradine-Caine é atraente, bondoso, inteligente, culto, mas os brancos, por mais feios e brutos e brancos, sorriem e sentem-se-lhe superiores. Coisas. Caine, porém, como quase super-homem,

é invulnerável. Aprendeu muito no mosteiro, nada a fazer.

Portanto, nós, os brasileiros e os franceses (nós e eles pelo menos) esperamos com maior ou menor impaciência o dia em que nos vêm dizer que os maus são sempre castigados ou, melhor ainda, reconhecem os seus erros, que os bons vencem sempre (sobretudo quando são sem ambições) e que as séries americanas são inevitáveis e não há nada a fazer senão vê-las.

EDUARDO PRADO COELHO

A orelha de Aquiles e o calcanhar de Van Gogh

Na sua secção «Feira das Vaidades» incluiu Artur Portela Filho a crónica intitulada «A orelha de Van Gogh» — e isto acontece no jornal «República» do dia 12 de Agosto.

O objecto da crónica é a ilegalização do M. R. P. P.

Diga-se, em primeiro lugar, que os textos de Artur Portela Filho antes do 25 de Abril constituíram admiráveis exemplos do modo como fazer uma intervenção política, e à sua terrível eficácia muito de importante deve a luta antifascista.

Escrevia então Artur Portela Filho do lugar de onde todos escrevemos ou gostaríamos de ter escrito: do lugar antifascista.

Depois do 25 de Abril, Artur Portela Filho reflecte nas suas intervenções políticas uma dificuldade que afecta muitos outros: a de sentir que o lugar antifascista não é em si um lugar suficiente para a focagem de um discurso; a de perder nitidez: a de compensar por arrebatamentos extremistas a nitidez perdida.

Mas como ninguém escreve a partir do vazio, porque o vazio não é garantia que sustente a fala de qualquer de nós, Artur Portela Filho escolhe um novo lugar: o lugar da democracia.

E é assim que, depois do 25 de Abril, Artur Portela Filho reflecte nas suas intervenções políticas uma dificuldade que afecta muitos outros: a de sentir que a democracia apenas não é um lugar suficiente para a focagem de um discurso.

A de sentir que defender a ordem democrática só tem sentido se corresponder a uma posição de classe.

A de sentir que a democracia sem posição de classe é já uma posição de classe no espaço da democracia.

2

Não pretendo neste momento discutir se o projecto de ilegalização do M. R. P. P. é uma medida justa ou injusta.

Nem desejaria que ficasse naquilo que vou dizer a mais leve sombra de que um equívoco: e por isso afirmo que não é possível estabelecer qualquer equivalência entre o M. R. P. P. e qualquer grupo de extrema-direita, digamos, a Legião Portuguesa ou o Movimento Federalista.

Mas tudo começa, no texto de Artur Portela Filho, por esta frase:

«A minha liberdade passa pela liberdade do M. R. P. P.»

Frase que poderíamos aceitar se não nos ocorresse muitas outras frases paralelas que nunca aceitaríamos. Por exemplo:

«A minha liberdade passa pela liberdade da Legião Portuguesa» ou «A minha liberdade passa pela liberdade do sr. Elmano Alves».

E a única pergunta — aquela precisamente a que o texto não responde — é esta: por que motivo a primeira frase, a de Artur Portela Filho, parece aceitável, e as outras não o são?

Ou, por outras palavras: se a minha liberdade passa pela liberdade de todos, ela passa pela liberdade da Legião Portuguesa e do sr. Elmano Alves; mas se a minha liberdade não passa pela liberdade de todos, que faz que ela passe pela liberdade do M. R. P. P.?

Vejamos as respostas de Artur Portela Filho e tentemos descortinar as razões da nossa insatisfação.

Assim:

a) O M. R. P. P. põe a democracia portuguesa à prova.

Certo. Mas também o sr. Elmano Alves, o Movimento Federalista e a Legião Portuguesa põem a democracia portuguesa à prova — na medida em que todos aliás, recusam, por motivos vários, a ordem democrática inaugurada pelo 25 de Abril. Mas também o M. R. P. P. a recusa: não será esta, portanto, a boa razão.

b) O esmagamento do M. R. P. P. é um argumento da reacção.

Certo. Veja-se como a **Tribuna Popular**, jornal do Movimento Federalista, se solidariza com todos os jornais vítimas de perseguição. A suspensão de **Tribuna Popular** será também um argumento da reacção — mas isso não basta para que a deixemos de exigir.

c) O M. R. P. P. foi acusado de pôr em causa o Movimento das Forças Armadas. Ora as Forças Armadas merecem a solidariedade, não merecem a sacralidade.

Certo. Mas o problema não está em pôr em causa o Movimento das Forças Armadas. Está, sim, em não poder estar em causa a ordem democrática instituída por esse Movimento.

E se o Movimento das Forças Armadas merece solidariedade e não intangibilidade, a ordem democrática que ele institui só merece intangibilidade e não solidariedade.

d) O M. R. P. P. deve ser ideologicamente combatido.

Certo. Mas também o Movimento Federalista, a Legião Portuguesa e o sr. Elmano Alves devem ser ideologicamente combatidos. E daí?

e) O teste político e moral de uma democracia é a sorte das minorias. Se Portugal quer ser uma democracia, o M. R. P. P. é uma minoria.

Certo. Mas a Legião Portuguesa é também uma minoria. E o sr. Elmano Alves é a minoria de si mesmo. E daí?

3

Não pretendo provar que a ilegalização do M. R. P. P. é justa.

Pretendo provar que do lugar da democracia Artur Portela Filho não pode convencer-nos de que ela é injusta.

E certo que Artur Portela Filho poderia escolher outro lugar de origem para o seu discurso: e dizer que a sua liberdade passa pela liberdade do M. R. P. P. em nome do proletariado.

O que suponho estar errado — mas isso envolver-nos-ia numa discussão inteiramente outra que Artur Portela Filho ou não presente ou esquiva.

E porquê?

Porque, do ponto de vista da teoria política, a posição de Artur Portela Filho corresponde à defesa duma democracia liberal, burguesa, que, na sua coerência plena, deverá aceitar enunciados deste tipo: «A minha liberdade passa pela liberdade das forças monopolistas» ou «Se a democracia é a força das minorias e se as forças do capitalismo monopolista são uma minoria, a democracia portuguesa deve dar uma sorte favorável à força desta minoria».

E é na medida em que a posição teórica política de Artur Portela Filho corresponde a esta forma burguesa de democracia que o seu discurso se vê forçado a dissimular tal posição através de arrebatamentos extremistas.

Porque Artur Portela Filho confunde teoria revolucionária

com paleio radical: confunde transformação com gesticulação: confunde acção com alarido.

4

Se o não confundisse, como explicar aquele parágrafo que começa assim:

«O que é mais violento — a violência do MRPP ou a não-violência da Esquerda?»

Até que ponto é que esta passividade é responsável por esta impaciência?

Até que ponto é que a violência do MRPP é a má consciência da Esquerda?

Se a Esquerda fosse menos passiva, o MRPP seria menos violento?

Se a Esquerda fosse, o MRPP seria?

Frase que o leitor menos acautelado pode acabar por ler deste modo: «Se a Esquerda fosse o MRPP, o MRPP seria?»

Porque a única prova que Artur Portela Filho nos dá para demonstrar a sua tese absurda de que «a Esquerda é passiva» e o facto de ela não ter o tipo de actividade do MRPP. Tal passividade só existe em confronto: como se a actividade do MRPP e a passividade da Esquerda fossem para Artur Portela Filho uma só evidência.

Mas no momento em que as forças progressistas evitaram a «manobra Palma Carlos» e obtiveram a clamorosa vitória do termo das guerras coloniais e do reconhecimento do direito à independência dos povos colonizados — que significado pode ter algum falar da «Esquerda passiva»?

Só um: o argumento extremista oculto a posição de classe em que o texto de situa.

5

Álvaro Cunhal (in **Avante**, número de 9 de Agosto de 1974): «Poderá admitir-se que o direito de manifestação seja utilizado para levar a cabo acções de pura provocação contra o actual curso democrático da política portuguesa? Poderá admitir-se que fascistas e esquerdistas procurem conjunta ou paralelamente criar um clima de inquietação e desassossego e falta de con-

Continua na pág. 6

LEIA ÀS TERÇAS-FEIRAS



NACIONAL

O PRIMEIRO-MINISTRO AO PAÍS

Sacrifícios e austeridade para a reconstrução nacional

O Primeiro-Ministro coronel Vasco Gonçalves proferiu ontem através da televisão e da rádio a seguinte comunicação:

Algumas considerações de carácter geral sobre a situação económica e social do País.

1. A pesada herança que nos deixou o regime fascista.

Alguns dos principais mitos do regime depositado eram o da estabilidade económica e financeira e o da ausência de défice orçamental.

Contudo, a verdade era bem outra. Nas vésperas do 25 de Abril a economia portuguesa estava à beira do caos: Havia um défice real do orçamento.

Todos os anos se apresentava um total de receitas que excedia ligeiramente o das despesas. Mas não se explicava que o saldo só era positivo porque havia emissões da dívida pública, destinadas a cobrir o défice real, e que entravam como receitas.

Era como se um trabalhador contasse como receitas mas não só os seus salários, mas também aquilo que pedisse emprestado.

2. A balança de pagamentos que tinha sido normalmente superavitária em virtude, sobretudo, do contributo das remessas de emigrantes, apresentava no final de Abril um défice superior a 6 milhões de contos.

3. Os preços mostravam em Março um aumento de 30 por cento em relação a um ano antes.

4. Campeava uma especulação desenfreada na bolsa nos bens imobiliários, etc. sem qualquer benefício para o País.

5. A política fiscal sobrecarregava os mais desfavorecidos.

6. As despesas militares com a manutenção de uma guerra que não conduzia de modo nenhum a uma solução justa dos problemas do Ultramar, atingiam níveis difícilmente suportáveis pela nossa capacidade económica cerca de 45 por cento do orçamento.

7. Verificavam-se grandes despesas com subsídios a alguns bens alimentares, cujos preços haviam subido em flecha no mercado mundial, mas que continuaram a ser vendidos no mercado interno, a preços políticos, artificialmente baixos, o que se conseguia à custa de subsídios para os quais não se dispunha de recursos financeiros suficientes. Esses subsídios eram financiados pela Caixa Geral de Depósitos, Bancos Comerciais e Banco de Portugal, o que significava que se estava a consumir nos prejuízos suportados pelos preços «políticos» de alguns produtos uma parte da poupança nacional tão necessária para o investimento produtivo.

As dificuldades apontadas atrás há que acrescentar algumas surgidas depois do 25 de Abril:

Um aumento geral de salários, que era justo e necessário, dados o nível de vida anterior dos trabalhadores, e a inflação, mas que cria problemas a uma economia sem base sólida;

Uma certa retracção injustificada de alguns sectores financeiros industriais, uma diminuição do turismo, reflexo da recessão que a Europa atravessa;

Uma temporária diminuição das remessas dos emigrantes que no entanto se reactivaram posteriormente, atingindo agora níveis bem reveladores da confiança dos trabalhadores portugueses emigrados no futuro do Portugal democrático.

nómica reprodutiva, com evidente prejuízo para a Nação a médio e a longo prazo.

É necessário, portanto, aproximar os preços do valor real dos produtos.

Trata-se de uma operação dolorosa com reflexos no nível de vida da população, mas indispensável para se evitar um desequilíbrio financeiro demasiado grave.

Assim torna-se necessário aumentar os preços de certos produtos alimentares, entre os quais avul-tam o pão, o açúcar e o leite, bem como os adubos e as rações para animais.

Para evitar um maior agravamento do custo daqueles produtos alimentares, os subsídios do Estado continuam embora em menos volume, e há ainda que aumentar os preços dos combustíveis.

Nestas condições o défice do Fundo de Abastecimento aumentará ainda de 1 milhão de contos até ao fim do ano.

O Governo considera a reanimação e a expansão da economia como uma tarefa prioritária de todos os portugueses.

A reanimação económica geral é do interesse de todos, qualquer que seja, a sua classe social. Esta reanimação não é compatível com o desenvolvimento súbito e injustificado do entesouramento, isto é, o guardar o dinheiro a um canto da gaveta, sem o pôr a render. O entesouramento prejudica a economia portuguesa na medida em que traz dificuldade à política de crédito e consequentemente à dinamização da produção.

O Governo tomou medidas e tomará outras para que essa reanimação se torne um facto.

São traços dominantes do Programa de Acção do Ministério da Economia:

Revisão do condicionamento industrial;

Incentivos fiscais e financeiros;

Apoio às P. M. E.;

Estímulo e garantia aos investimentos;

Gestão coerente e coordenada das participações do Estado na indústria (criação do Instituto Nacional de Promoção Industrial);

Interesse nos investimentos estrangeiros com reais efeitos de dinamização da economia e respectivas garantias dadas pelo Governo.

No sector da Construção Civil temos algumas dificuldades.

A política da construção do regime anterior estava errada: havia especulação nos terrenos, nas vendas e nas rendas.

Esta especulação só pode ser combatida desenvolvendo amplamente a construção de habitação social, e estimulando a construção corrente de menor preço.

Vamos pôr em prática uma nova política com dois objectivos simultâneos:

Reanimar a indústria da construção civil;

Contribuir para a solução do problema da habitação.

No tempo do regime depositado, em cada 100 casas construídas, apenas cinco eram sociais.

Agora o Governo vai empreender um vasto plano de construção social, ao qual destinará 5 milhões de contos, 1500 fogos por mês.

O fim das guerras em África conduzirá, no futuro, a libertar verbas importantes.

No entanto, devemos ter em atenção:

A guerra ainda não acabou

o nosso esforço

de manter

considerável melhoria da situação de muitas centenas de milhares de trabalhadores.

Reconhecemos que há sectores em que se torna difícil a aplicação desse mínimo.

O Governo está a estudar esses casos, am alguns dos quais os próprios trabalhadores mostram grande compreensão.

Mas devemos também ter presente que os salários estabelecidos por lei e os contratos colectivos de trabalho são para se cumprir.

SITUAÇÃO PROVISÓRIA

Na sua política de salários e preços, o Governo de acordo com o Programa do M. F. A., tem sido norteado pela preocupação de atender, prioritariamente às classes mais desfavorecidas.

Não se pode resolver tudo de um dia para o outro. Foi-se para um congelamento dos salários a partir de certo nível.

Trata-se de um congelamento provisório: o desenvolvimento económico precisa de bons técnicos e especialistas e estes devem ser bem pagos.

Contudo, não podemos arrancar do estúdio em que nos encontramos, com salários elevados idênticos aos de outros países muito mais desenvolvidos que o nosso, nem com horários de trabalho inferiores aos desses mesmos países.

Embora contra sua vontade, o Governo não pode de momento atender a todas as situações.

O aumento previsto custará ao Estado 5,6 milhões de contos por ano e representa um acréscimo médio de 37,5 por cento do conjunto das remunerações do funcionalismo. Trata-se de aumento nitidamente superior ao dos preços que vai melhorar a situação económica real de numerosos funcionários, especialmente os de mais baixos vencimentos. Não se poderia ir mais além, sob pena de se agravar perigosamente o défice orçamental que já é considerável.

O Governo acabou por decidir-se, de acordo com o Programa das Forças Armadas por um critério de justiça social e por uma escala fortemente regressiva, isto é, os maiores aumentos beneficiarão os salários mais baixos.

O Governo tem a noção clara que os quadros dos escalões mais elevados têm vencimentos bastante inferiores aos equivalentes das empresas privadas.

E tem também a noção de que precisa do trabalho de funcionários altamente qualificados.

É objectivo do Governo corrigir essas desigualdades logo que possível e na medida dos recursos disponíveis.

A mesma preocupação de justiça social está na reforma fiscal, que acaba de ser decidida, em que se elevam as isenções em diversos impostos e se estabelecem taxas mais progressivas no imposto complementar.

Os aumentos de salários e vencimentos, embora ainda insuficientes e não respeitando a todos os trabalhadores, resolverão já situações mais difíceis.

Infelizmente, apesar das medidas de congelamento de preços não se está de momento em condições de evitar o progresso da inflação, embora se procure limitá-la através da expansão controlada da actividade creditícia.

Como se disse atrás, torna-se necessário e inevitável o aumento de certos preços, quer devido a causas externas, quer devido a causas internas.

de tudo, acautelar o futuro.

Uma das principais preocupações do Governo Provisório, de acordo com o Programa do Movimento das Forças Armadas, tem sido lançar os fundamentos de «uma nova política social que, em todos os domínios, terá essencialmente como objectivo a defesa dos interesses das classes trabalhadoras, e o aumento progressivo mas acelerado, da qualidade de vida de todos os portugueses» (Programa do Movimento das Forças Armadas, B6b).

Os aumentos do abono de família e o seu alargamento a mais de meio milhão de crianças, a continuidade dos benefícios da Previdência no tempo de desemprego, a duplicação das pensões sociais para inválidos e maiores de 65 anos, medidas de ajuda aos desempregados actualmente em estudo, etc., são exemplos dessas preocupações.

A par da atenção pela situação das camadas mais desfavorecidas, o Governo encara, no quadro de uma política de austeridade que a situação impõe, pôr termo a situações escandalosas de reformas de muitas dezenas de contos fixando como máximos para pensões o correspondente ao vencimento dos ministros.

O Governo coloca como sua tarefa imediata, essencial, resolver os problemas económicos e financeiros mais urgentes que decorrem das modificações políticas realizadas pelo 25 de Abril.

As medidas até agora decididas têm na sua maior parte, um carácter de emergência.

Muitas delas abrem, porém, uma perspectiva mais larga e estabelecem novas bases e novos critérios para a solução dos grandes e graves problemas económicos nacionais.

Ao procurar-se a solução dos problemas mais imediatos não pode deixar de olhar-se para o futuro.

E esse futuro, o futuro de um Portugal democrático, próspero e independente, exigirá:

Um desenvolvimento económico que ponha os recursos do País ao serviço da comunidade nacional e que constitua sólida base de independência do País;

Uma indústria avançada, dinâmica, rentável e competitiva que permita a rápida aproximação de Portugal do nível dos países desenvolvidos;

Uma agricultura que vença o seu atraso, para o que é indispensável e premente remodelar a sua estrutura;

Transportes que respondam às exigências de uma economia evoluída.

CONCLUSÕES

Procurei focar, de um modo geral, os aspectos mais característicos da presente situação económica e social do País.

Através dos vários meios de comunicação, a partir da semana que hoje se inicia, os Senhores Ministros e Secretários de estado explicarão, com mais detalhe, cada um dos aspectos agora tratados.

Portugal vive um momento muito particular da sua história, simultaneamente de grande esperança pela liberdade alcançada e de preocupação pela grave crise herdada, da qual urge libertarmo-nos.

E passado o tempo em que o Governo mentia ao povo.

O País tem necessidade de conhecer a sua situação real.

Só assim poderá compreender os sacrifícios e a austeridade que se lhe pedem.

O Governo Provisório tem o dever de tomar a tempo as medidas que se impõem para o saneamento económico, não fazendo política demagógica, e criando assim con-

dições que facilitem o trabalho do Governo que, no próximo ano, há-de ser livremente escolhido pelo Povo Português.

De imediato estão a ser e vão ser tomadas medidas no sentido de sanear toda uma vida económico-social doente, ao mesmo tempo que se lançam iniciativas cujos reflexos se não farão sentir a curto prazo.

Não podemos convencer-nos que o 25 de Abril tenha gerado a prosperidade e a abundância onde a miséria grassava. Não se passa de um momento para o outro de país dos mais atrasados da Europa para o nível de uma França ou de uma Itália.

É um processo que exige uma devoção e um patriotismo capazes de fazer aceitar, a todos, mas a todos, os maiores sacrifícios, quer na austeridade em que teremos que nos habituar a viver, quer no trabalho, muito trabalho, a que temos que nos entregar, tudo isto num clima de verdadeira ordem democrática e de paz social, condições indispensáveis para a reconstrução nacional a operar.

Por outro lado, a política de descolonização em curso não permitirá que se libitem rapidamente os homens e os meios hipotecados, que deixemos de ter encargos neste domínio, os quais ainda hão-de pesar fortemente no nosso orçamento, durante um ou dois anos pelo menos.

A primeira condição para vencer as dificuldades é conhecê-las, é ter bem consciência delas, o que exige em todos os instantes, uma política de verdade por parte dos dirigentes.

E com base nessa política de verdade e no esforço de todos os portugueses, qualquer que seja a classe social a que pertençam, que se constituirá o Portugal democrático, próspero e independente, que desejamos.

MANIFESTAÇÃO DE FEDERALISTAS CABOVERDIANOS NEUTRALIZADA POR SIMPATIZANTES DO P.A.I.G.C.

Quando cerca de uma centena de adeptos da União Democrática de Cabo Verde se dirigiam para a Praça do Comércio, para a sua anunciada manifestação, foram «abafados» por cerca de três centenas de simpatizantes do P. A. I. G. C. que assim neutralizaram a acção dos primeiros filiados numa organização política, considerada por estes «neocolonialista» e «extremamente reacçãoária».

A manifestação da U. D. C. fora convocada através de um comunicado intitulado «A nossa terra e o nosso pão em perigo» e que responsabilizava o P. A. I. G. C. e seus simpatizantes do desemprego actualmente existentes entre os cabo-verdianos, sobretudo no sector da construção civil.

Formaram-se assim, cerca das 16 e 30, na Praça do Comércio, dois grupos: um, da U. D. C., com duas bandeiras daquela organização política,

várias bandeiras nacionais e diversos distícos e bandeirolas («O povo de Cabo Verde não quer o P. A. I. G. C.», «Não queremos deixar de ser portugueses, embora como Estado independente», entre outros). No outro grupo, podiam ver-se bandeiras da República da Guiné-Bissau e distícos como «Unidade Guiné-Cabo Verde» e «A luta continua — Vencemos».

Os simpatizantes do P. A. I. G. C., entretanto, dirigiram-se para um carro em que tinham chegado as bandeirolas utilizadas pela U. D. C. e conseguiram abrir a sua traseira. Retiraram dele os comunicados, convocatórios e outros panfletos, que rasgaram e queimaram em plena praça.

Geraram-se então alguns conflitos entre os manifestantes que foram sanados pelos simpatizantes do P. A. I. G. C., os quais em seguida dirigiram-se ao Rossio, a fim de rea-

lizarem um comício de esclarecimento sobre os acontecimentos.

MAIS DE UMA DEZENA DE FERIDOS

Quando o comício decorria calmamente, com vários simpatizantes do P. A. I. G. C. a usarem da palavra, apareceu o grupo dos Federalistas (U. D. C.), tendo-se chegado a uma certa altura em que os dois grupos se encontravam frente a frente, gritando as respectivas palavras de ordem.

A dada altura, geraram-se os primeiros atritos físicos, originados pelos manifestantes da U. D. C.. Ao primeiro conflito alguns manifestantes utilizaram os paus que antes tinham servido para sustentar as suas bandeirolas. Seguindo-se uma saraivada de pedras, que durou mais de cinco minutos, e que pôs em debandada os milhares de pessoas que dos passeios, no Rossio, assistiam ao desenrolar dos acontecimentos.

Comissão liquidatária

ESPECTÁCULOS

VASCO GONÇALVES: APERTAR O CINTO PARA QUE NÃO NOS APERTEM O PESCOÇO

Moustaki acabou agora mesmo a sua última canção. Dedicada a Portugal, à sua revolução de Abril. Eis que, a propósito, nos fala da Espanha crucificada, das torturas no Chile, do Vietname onde prossegue uma guerra esquecida. Moustaki, vagabundo por vocação, «hippie» envergonhado, com umas tintas róseas de manso trotskismo: connosco para nos ajudar a vencer a cartada. Viu ele como, lá pelas Europas do seu caminho, semeavam boatos alarmistas para diminuir o fluxo turístico ao nosso País. E não gostou. Não gostou mesmo nada da brincadeira. Pelo que jogou o seu nome, a sua popularidade, as suas canções, o seu talento a favor da esperança que nascia a Ocidente. Meteu pés a caminho a dar-nos o que tinha. E que tanto é: a sua arte de cantar, a sua capacidade de amar (a liberdade, a vida, a paz) arquitecto criador de espaços verdes. A dar-nos as suas canções onde, de súbito, a organização rigorosa se mistura com a improvisação; o projecto pára, ou suspende a sua marcha, a invenção nasce para criar novas dimensões à melodia. Ao destruir-se, a canção (a alma da canção) renasce. Deixamos de poder falar de música para falarmos de convivência de «meeting» de um desdobramento que se enriquece de novas significações como certas construções árabes. Sobretudo, a ausência de pressa, a destruição de barreiras: uma canção acaba quando acaba, quando tiver de acabar quando o acaso, as circunstâncias, a paixão ou a invenção nada mais tiverem, de momento, com ela.

Moustaki veio ajudar à sua maneira a revolução portuguesa. Veio sentir a alegria de ser português num mundo em que existem ainda tantos focos de fascismo nas suas formas mais dramáticas. Veio dar a sua homenagem ao povo que resistiu e às Forças Armadas, representantes da vontade popular, que derrubaram uma ignominia de quase 50 anos.

Derrubaram uma ignominia chamada salazarismo e marcelismo nas suas actividades criminosas, mas não derrubaram (não era possível fazê-lo em tão pouco tempo) as suas terríveis consequências. Esse é o trabalho que está na ordem do dia.

PAGAR, SIM;
SABER, NÃO

Falamos ainda muito do tempo morto. Certamente para o acusarmos para o amarrarmos bem ao banco dos réus. Para implicitamente, amarrarmos bem ao banco dos réus todos aqueles que o defenderem ou, de qualquer modo, possibilitarem o seu regresso: a reacção propriamente dita e um certo tipo de esquerdismo que constitui a vanguarda da reacção.

Alguns comentadores deixam-se confundir com uma inocência angelical. Por oportunismo? Por cobardia? Por ausência de princípios firmes? Vá lá saber-se! Eles dizem que o perigo vem das direitas, mas não denunciam fundamentalmente as direitas, nem as suas manobras; garantem que é antidemocrático contrariar os designios dos inimigos da democracia... Que o Movimento das Forças Armadas, sim senhores; mas que opor-se ao Movimento das Forças Armadas que também sim senhores. Que a Esquerda para a direita, a Esquerda para a esquerda.

E confundem a Esquerda com o esquerdismo, a ideologia com o aventureirismo, a política com a calúnia, a opção com a agressão. A análise e o estilo fazem ginástica na corda bamba da ambiguidade. Posto o que, o Artur Portela fica muito inchado a pensar que esteve a pensar e alguns ficarão a pensar no esforço que o Artur Portela deve ter feito para alimentar de alguma lógica as suas confusões.

Ai Portela, Portela, é tão bom, é tão agradável, é tão cómodo estarmos de bem com todos, não é?

... Pois, como iam dizendo, temos falado muito do passado. Será tempo de, passado o tempo das flores, principiar a tratar da vida. A arrumar a casa. Saber, resolutamente, de que lado está o futuro. E construir-lo, sem tibiezas.

O primeiro-ministro do Governo provisório, coronel Vasco Gonçalves, veio exactamente falar-nos disso. Sem floreios. Sem as literatices que denunciam a sala política de salão com a severidade e a crueza de um relatório. Cartas na mesa: o trunfo e o conhecimento das dificuldades.

As dificuldades estão à vista. A mentira orçamental. A dívida a acumular-se, cada vez mais perigosamente. Os preços políticos de artigos alimentares: artificialmente mantidos para dar ao povo português a ilusão de tranquilidade, de prosperidade. Claro que o povo acabava por pagar as di-



Por MARIO CASTRIM



ferenças, por outras vias mas isso ele não sabia, porque apenas lhe competia pagar, e saber, não.

APOIO POPULAR: O MELHOR CAPITAL

Vamos, portanto, apertar o cinto. Para não termos de apertar o pescoço. Com a certeza, porém, de que os sacrifícios serão repartidos por todos proporcionalmente e não assentam unicamente nos ombros das classes trabalhadoras, como era usual fazer-se.

Habitado à mentira, acostumado a ser tratado como uma criança ou como um atrasado mental, o povo português teve ontem, com a presença do coronel Vasco Gonçalves, a sua hora adulta. Da parte do seu primeiro-ministro, nem um sorriso, nem um piscar de olho, nem ao menos uma anedota demagógica para ajudar a engolir a «pílula». O nosso povo saberá compreender e avaliar o que nessa atitude existe de mudança essencial.

No entanto, indispensável se tornará que à televisão e à rádio e aos jornais venham ajudar a compreender. Repetindo as palavras daquela canção de Moustaki: «os que compreendem, explicarão aos que não compreendem e assim todos compreenderão». A democracia conquistada pelo Movimen-

to das Forças Armadas como intérprete da vontade popular demonstrada pela resistência de tantas lutas ao longo dos anos, «está já suficientemente referendada pelo povo português», como disse ontem Vítor Direito na sua crónica das «Actualidades da Semana». No entanto, nunca será demais manter os cidadãos ao corrente das medidas indispensáveis.

Vasco Gonçalves, meu amigo, companheiros do Governo Provisório: apelem para o povo, façam por despertar ao máximo a sua força criadora, a sua capacidade de iniciativa, desapertem a camisa de forças da inacção e da irresponsabilidade que durante anos e anos o fascismo lhe vestiu. No processo de conquista em que nos lançamos, tudo será fácil se as massas populares tiverem voz activa na responsabilidade; tudo será difícil se se pretender apenas que ele seja mandado.

Apesar dos esforços dos reacçãoários da direita e de tantos radicais pequeno-burgueses no sentido de semear o descontentamento e a desconfiança, o povo português tem mostrado acreditar na boa-fé, na coragem, na determinação e na capacidade política dos homens que fizeram o 25 de Abril. Com esse capital bem aproveitado, o futuro está ganho.

As pessoas provam o Ballantine por ser um Whisky famoso



Depois
ficam
cativadas
pelo seu
paladar

j.a. da costa pina, lda.

RUA DO ALECRIM, 73 // LISBOA

costa pina, & vilaverde, lda.

RUA DO BONJARDIM, 420 // PORTO

O processo não é rectilíneo. A tocar flauta e sem desafios só os anjinhos do céu. Haverá avanços, recuos, zig-zags. Mas a presença auster-

ra e amiga de Vasco Gonçalves alimenta a certeza de que, se lutarmos ombro com ombro, arrancaremos este País que deixaram atolado na lama.

TEATRO MONUMENTAL
TELEFONE 555133

Vasco Morgado apresenta
UM SUSEXO EM LISBOA!
O ÚLTIMO FADO EM LISBOA
com
BADARÓ
ALINA VAZ/SANDRA/DAVID SILVA
CARLOS QUEIROZ/CRISTINA CASSOLA
NUNO EMANUEL/ANA LE MATTRE

*
BALLET DI
FERNANDO REINA

Colaboração da Estrela Internacional
VIOLETA MONTENEGRO

EL AMERINDIO/BARRY BURGESS

*
o corpo sem censura de
POUPÉE LA ROSE
vedeta do Crazy Horse Saloon de Paris

*
O SHOW RUSSO DE
VAHÉ DJERRAHIAN
em
"DANÇAS E CANTARES DA URSS"

HUMOR, LINDAS MULHERES E MÚSICA NUM
SEXERCÍCIO TEATRAL!

TEXTO E ENCENAÇÃO DE **BADARÓ**
MÚSICA DE **CORREIA MARTINS**
MONTAGEM DE **EDUARDO CRUZEIRO**
FIGURINOS DE **PINTO DE CAMPOS**
DIRECÇÃO DE CENA DE **SPINA**
CENOGRÁFIA **JOSÉ MANUEL**
E **REBOCHO**
ORQUESTRA **FERNANDO ALBUQUERQUE** E SEUS NETINHOS

UM ATREVIMENTO ERÓTICO-MUSICAL

Maquiaria
Guarda - roupa
Ponto
Iluminotécnica
Contra Regra
Ajud. Contra Regra
Secretário Teatral
Paineis de Publ.
Fotos
Artes Gráficas
Publicidade

JOSÉ MANUEL PALMA
MESTRA EMILIA LIMA
FREDERICO REIS
MÁRIO MENDES
ORLANDO ALMEIDA

DUARTE SILVA
EDUARDO JOSÉ e JOAQUIM RANTOS
MANUEL COSTA
RIBEIRO DA SILVA
CARLOS GRAÇA

HOJE ESTREIA!!

As 20.45 e 23 horas

NACIONAL

O aumento dos funcionários públicos

Continuação da pág. 1

inuito importante que os técnicos mais qualificados possam prosseguir no sector público a sua actividade sem que se lhes sejam pedidos sacrifícios excessivos.

No diploma agora aprovado procede-se igualmente à actualização das pensões de aposentação, dentro do mesmo critério seguido para o aumento dos vencimentos das classes activas. Procurou, assim, atender-se às necessidades vitais de uma parcela numerosa da população portuguesa com reduzido poder aquisitivo.

Para além da institucionalização do denominado 13.º mês pago também aos aposentados, é introduzida para os funcionários do activo a concessão de um subsídio de férias, igual a metade do vencimento mensal, o que corresponde a cerca de 4 por cento da remuneração anual.

Por outro lado, as horas extraordinárias passam a ser obrigatoriamente pagas a uma taxa superior à do horário normal, à semelhança do que sucede na empresa privada.

Determina-se ainda a revisão das tabelas de ajudas de custo e dos subsídios de viagem e marcha dos funcionários.

O Estado passará a despendar mais 5,6 milhões de contos por ano com o pagamento dos seus funcionários, incluindo 500.000 contos que se destinam à actualização das pensões de aposentação. Este aumento de despesas com pessoal equivale a 37,5 por cento do montante total que o Estado tem despendido anualmente. E, por isso, um encargo financeiro pesado.

O Governo Provisório herdou do regime anterior «deficits» orçamentais que obrigavam ao recurso à dívida pública por valores que se situavam ultimamente acima dos 3 milhões de contos e que no corrente ano, mesmo sem o aumento do funcionalismo, atingiria os 9 milhões de contos.

A utilização de meios obtidos através de empréstimos para financiar despesas públicas, como forma de estimular a actividade

económica, é apenas aceitável dentro de certos limites, para além dos quais se iria impor ao País um agravamento da inflação. E de notar, por outro lado, que o aumento da carga fiscal, embora previsto desde já, não pode conseguir-se, com os instrumentos de que se dispõe, dentro de um prazo muito curto.

Deste modo, se se excedessem os valores agora estabelecidos para o aumento dos vencimentos, ultrapassando-se as possibilidades do Tesouro, avolumar-se-iam dificuldades, sendo certo que o desequilíbrio da economia pode pôr em causa as conquistas e progressos alcançados.

Com as medidas que hoje se anunciam ao País visa-se realizar objectivos básicos de justiça social, sem comprometer a intervenção do Estado no crescimento económico, condição indispensável para garantir a progressiva elevação do nível de vida de todos os portugueses.

1. As pensões atribuídas aos funcionários do Estado e autarquias locais, nas situações de aposentados e reformados, bem como as pensões de invalidez, beneficiarão, a partir de 1 de Julho de 1974, dos seguintes aumentos:

- a) Pensões inferiores a 900\$000 são aumentadas para 1.650\$000;
- b) Pensões de 900\$000 a 2.000\$000, são aumentadas de 750\$000;
- c) Pensões de 2.000\$000 a 4.000\$000, são aumentadas de 500\$000, com um mínimo de 2760\$000;
- d) Pensões de 4.000\$000 a 9.800\$000, são aumentadas de 2.000\$000, com um mínimo de 4.510\$000;
- e) Pensões de 9.800\$000 a 10.000\$000, são aumentadas para este quantitativo.

f) Pensões iguais ou superiores a 10.000\$000 permanecem ao seu nível actual.

2. Para aplicação dos aumentos definidos nas alíneas a) e b) do número anterior os montantes das pensões a considerar são os que vigoravam até 31 de Maio de 1974.

Categorias	Vencimento anterior (a)	Aumento	Nova Vencimento	Porcentagem de aumento
Y	2 400\$00	1 400\$00	3 800\$00	58
X	2 500\$00	1 400\$00	3 900\$00	56
V	2 600\$00	1 400\$00	4 000\$00	54
U	2 700\$00	1 400\$00	4 100\$00	52
T	2 900\$00	1 300\$00	4 200\$00	45
S	3 100\$00	1 300\$00	4 400\$00	42
R	3 400\$00	1 300\$00	4 700\$00	38
Q	3 700\$00	1 300\$00	5 000\$00	35
P	4 100\$00	1 200\$00	5 300\$00	29
O	4 400\$00	1 200\$00	5 600\$00	27
N	4 900\$00	1 100\$00	6 000\$00	22
M	5 300\$00	900\$00	6 200\$00	17
L	6 000\$00	800\$00	6 800\$00	13
K	6 700\$00	600\$00	7 300\$00	9
J	7 500\$00	500\$00	8 000\$00	7
I	8 200\$00	500\$00	8 700\$00	6
H	9 000\$00	500\$00	9 500\$00	5,5
G	9 900\$00	500\$00	10 400\$00	5
F	10 900\$00	500\$00	11 400\$00	4,5
E	11 800\$00	500\$00	12 300\$00	4
D	13 400\$00	500\$00	13 900\$00	3,7
C	15 000\$00	500\$00	15 500\$00	3,3
B	16 700\$00	500\$00	17 200\$00	2,9
A	18 400\$00	500\$00	18 900\$00	2,7

(a) Antes da criação do salário mínimo.

Servidão militar

Um decreto oriundo do Ministério da Defesa Nacional mandou ficar sujeita a servidão a área de terreno confinante com o Quartel de Santo Estevão, em Penamacor, compreendida entre a vedação do aquarte-

lamento e uma linha poligonal paralela àquela e à distância de 30 metros. Motivo: a necessidade de garantir ao quartel (disciplinar) as medidas de segurança indispensáveis à execução das funções que lhe competem.

AUMENTARAM ALGUNS BENS DE CONSUMO PARA ABRIR CAMINHO AO INVESTIMENTO

Na execução da anunciada vontade governamental de sanear financeiramente o Fundo de Abastecimento e para evitar que este Fundo apresente no fim do ano corrente o previsto «deficit» de nove milhões e meio de contos, capaz, só por si, de desequilibrar as finanças públicas tão debilitadas, o Ministério da Economia aumentou os preços de alguns bens essenciais que até aqui eram subsidiados pelo Fundo de Abastecimento. Paralelamente, foram aumentados os preços dos dois produtos que até há poucos anos constituíam fonte principal das receitas do Fundo de Abastecimento: produtos petrolíferos e cereais.

Os novos preços, fixados a partir de agora, são os seguintes: **Derivados do petróleo (litro):** gasolina super-12,50; gasolina normal-11,00; petróleo de iluminação-3,00; gás-sóleo-4,00 e fuel-óleo-1,30, o quilograma. **Pão e cereais (v. Quadro 1):** Destaque-se que se mantém o preço do pão de 2.ª qualidade para defesa dos interesses da população de menores recursos, especialmente nas zonas rurais. **Açúcar, granulado** embalado-12,50; e refinado correnje-10,80. **Aduchos (v. Quadro 2):** É de assinalar que os aumentos atingiram aqui percentagens altíssimas, a mais acentuada no superflato de cal que passou de 2673,00 a tonelada para 5330,00. Ou seja: sofreu um aumento de 99 por cento.

Contando já com as dificuldades que poderão ocasionar tais preços em uma agricultura depauperada, a nota do Ministério da Economia adianta que: **Serão revistos os actuais esquemas de crédito, instruindo-se o Banco de Portugal no sentido de facilitar a concessão de crédito nas operações relativas às transacções de adubos.**

A economia portuguesa, tal como a de outros pequenos países, é fortemente dependente dos mercados internacionais, quer no domínio das importações quer no das exportações — diz a nota do Ministério da Economia que, mais adiante, quantifica esse grau de dependência do caso português:

As nossas transacções com o exterior atingem mais de 30 por cento do rendimento nacional, enquanto nos países de grande dimensão e elevados rendimentos o comércio externo apresenta percentagens muito mais baixas, o que os torna muito menos vulneráveis às modificações das cotações do mercado internacional das matérias-primas e dos produtos alimentares.

Cada aumento de cotações no mercado internacional destes bens que importamos reflecte-se, drasti-

camente na economia portuguesa. Nos últimos anos e especialmente a partir de 1972 o petróleo bruto aumentou 300 por cento, o trigo mole 150 por cento, o milho 80, o arroz 245, a carne de bovino 35, o bacalhau 130, açúcar das colónias 220 e açúcar comprado no mercado internacional 475 por cento.

O resultado está à vista: o Fundo de Abastecimento que subsidiava alguns destes bens de consumo para lhes manter o preço a um nível político baixo teve de suportar encargos pesadíssimos. O Governo fascista escondeu isso ao povo assim como não obviou à progressiva redução de importância das fontes abastecedoras de receitas do Fundo. Daí os «deficit» monstruosos para que se caminhasse e daí o desvio de verbas, que deviam ser utilizadas em investimentos e no desenvolvimento do país, para subsídios ao consumo. Ou seja: uma política de presente que atraía e punha em risco sério o futuro. Daí que se possam compreender os aumentos agora anunciados.

A situação do Fundo de Abastecimento já foi analisada em nota anterior publicada na nossa edição de sábado passado. Apenas se repete, por isso, que a receita mais importante resultava da carga fiscal que incidia sobre os combustíveis líquidos e que as importações de trigo a baixo preço permitiam obter receitas importantes para o Fundo. A transformação radical das condições de aquisição destas mercadorias no mercado internacional levou a que o agravamento da situação do Fundo era de 26 mil contos por dia e ao fim do ano «deficit» seria de quase 10 milhões de contos. Perante esta situação o Governo resolveu:

— **aumentar os preços dos produtos subsidiados, de modo a não ultrapassar as possibilidades reais do Fundo;**

— **aumentar substancialmente as receitas do Fundo, o que, nas actuais circunstâncias e antes de ser possível uma reorientação das receitas do Estado, só poderia ser conseguido através de elevações espectaculares do preço dos combustíveis;**

— **finalmente, adoptar uma solução intermédia que consiste em aceitar alguns aumentos nos preços de determinados produtos e, paralelamente, aumentar os preços dos combustíveis na medida necessária a não agravar a situação financeira do Fundo de Abastecimento, em termos incompatíveis.**

O aumento dos preços da gasolina justifica-se para evitar decretar

aumentos espectaculares nos preços dos bens essenciais a toda a população, como são o pão, o açúcar, a carne. Afectam-se os consumidores com maior capacidade de absorção (os consumidores de gasolina) para aliviar aqueles que mais sofreriam com aumentos acentuados de bens de primeira necessidade isto é as classes mais desfavorecidas.

A partir deste aumento, as gasolinas portuguesas virão a ser das mais caras da Europa (só ultrapassada pela Grécia-14,00, a super e Itália, esta na gasolina normal — 11,20). Em contrapartida o fuel-óleo, base energética de indústrias básicas é o mais barato da Europa e, no gasóleo, apenas dois países (Grécia e Suécia) têm preços inferiores aos portugueses.

O aumento do fuel, na ordem dos 30 por cento, impõe dificuldades adicionais às actividades produtivas, diz a nota do M.E., mas não se retira capacidade competitiva à nossa indústria face ao exterior.

Quanto aos cereais Houve, que rever os preços de todos os cereais e produtos derivados, prevendo-se, mesmo assim, que o Fundo de Abastecimento venha a ter ainda que suportar um encargo da ordem de 1 milhão e 750 mil contos.

O Ministério da Economia informa ainda que a indústria de moagem pediu que a taxa de moagem fosse elevada na ordem dos 100 por cento, o que não foi atendido, considerando-se bastante, nas actuais circunstâncias de austeridade económica, a melhoria, que lhe foi

concedida, de cerca de 35 por cento.

Também a indústria de panificação pretendia um acréscimo na sua taxa de panificação, o qual não lhe foi concedido no nível pretendido, uma vez que representaria um agravamento no preço do pão que se considerou incompatível para o consumidor.

Por este mesmo motivo, manteve-se ainda o preço do pão de 2.ª qualidade fortemente subsidiado, tendo em vista a defesa dos interesses da população de menores recursos, especialmente nas zonas rurais. Por sobre esta situação e sobre os aumentos que o Governo entende dever aplicar ficam as palavras transcritas da nota do Ministério da Economia e que o Primeiro Ministro já apontara em linhas gerais na sua comunicação de ontem à noite:

Na linha de recuperação da economia nacional, em que todos estamos empenhados, o aumento dos preços de bens que tanto importam ao consumidor não era de modo algum evitável, tendo em conta a subida dos preços das matérias-primas, como o das tabelas salariais. Outra atitude conduziria perigosamente ao agravamento de défices e manutenção de distorções que a colectividade teria, tarde ou cedo, de suportar mais duramente.

Há que enfrentar corajosamente as realidades. O Governo Provisório não tinha outra alternativa senão assumir as responsabilidades de uma situação que herdou e cuja solução, possível no esforço solidário de todos, não se deve por mais tempo proteger.

QUADRO N.º 1

Pão de 1.ª qualidade (fabricado com farinha esportiva de trigo de 1.ª qualidade):	
De 50 g	\$60 (12\$00 por quilograma)
De 250 g	3\$00 (12\$00 por quilograma)
De 500 g	6\$00 (12\$00 por quilograma)
Múltiplos de 500 g ao preço correspondente de 12\$00 por quilograma.	

Pão de 2.ª qualidade (fabricado com farinha esportiva de trigo de 2.ª qualidade):	
De 500 g	2\$80 (5\$50 por quilograma)
Múltiplos de 500 g ao preço correspondente de 5\$50 por quilograma	

Pão de farinha de trigo em rama e pão de mistura:	
De 100 g	8\$80 (8\$00 por quilograma)
De 400 g	3\$20 (8\$00 por quilograma)
Múltiplos de 400 g ao preço correspondente de 8\$00 por quilograma.	

QUADRO N.º 2

	Preços Anteriores	Novos Preços	Agravamentos	
			valor	%
<u>Azotados</u>				
• Sulfato de amônio a 20 e 21%	1.896\$00	2.540\$00	644\$00	34
• diluição de nitratos de amônio a 20,5 %	1.883\$00	2.740\$00	857\$00	46
• a 26,0 %	2.351\$00	3.300\$00	1.049\$00	45
• sulfonitrato de amônio a 26,0 %	2.330\$00	3.320\$00	992\$00	43
• nitrato de cálcio a 15,5 %	1.720\$00	2.540\$00	820\$00	48
<u>Fosfatados</u>				
• superfosfato de cal a 18,0 % em pó:	1.085\$00	2.100\$00	1.015\$00	94
granulado:	1.157\$00	2.170\$00	1.013\$00	88
• superfosfato de cal a 42 %	2.673\$00	5.330\$00	2.657\$00	99

OPINIÃO DO PARTIDO SOCIALISTA

“A POLÍTICA ECONÓMICA PORTUGUESA ENTRA NO CAMINHO DA VERDADE”

«As medidas previstas no sentido de aproximar os preços de certos produtos relativamente aos valores de custo relevam de uma efectiva preocupação pelo futuro do País acima de tentações de popularidade imediata» afirmou-nos o porta-voz do Partido Socialista Sottomayor Cardia ao comentar a comunicação do Primeiro-ministro coronel Vasco Gonçalves.

Outro juízo: «Não é com preços políticos artificiais e subsídios a empreendimentos sem viabilidade, que se promove a dinamização da actividade económica — e sim com a aplicação dos recursos financeiros do Estado a uma política coerente de desenvolvimento auto-sustentado, que se espera será alicerçada na eficaz articulação das participações estaduais e na extensão do sector público».

E ainda:

«A comunicação que o eminente Primeiro-Ministro dirigiu ao País sobre a situação e perspectivas da economia portuguesa, deve ser saudada como um acto de serenidade revolucionária. Foram declarações de grande clareza, inexeceláveis sinceridade e verdadeiro realismo sobre problema de capital importância. Nunca os portu-

ses tinham ouvido palavras assim precisas de uma autoridade pública tão altamente responsável».

Afirmou também Sottomayor Cardia:

«Cumprir sanear o capitalismo parasitário e fazer frente ao poder dos grupos privilegiados que se apostam na sabotagem política da democracia nascente».

E acentuou o porta-voz do Partido Socialista:

«A política económica portuguesa entra, finalmente, no caminho da verdade».

A ORELHA DE AQUILES...

Continuação da pág. 3

fiança que abra caminho a conspirações contra-revolucionárias? (...) Quero ainda sublinhar que se exigiu a esquadristas que respeitem a ordem democrática em formação, o mesmo se deve exigir à direita contra-revolucionária. A reacção conspira. Urge descobrir, e imobilizar as suas estruturas clandestinas e a sua propaganda».

6

Jornal O Século, 13 de Agos-

to de 74: «No Porto: populares impediram a anunciada manifestação do MRPP. Porto — Estava marcada para ontem ao fim da tarde, na Praça da Liberdade, uma manifestação do MRPP (...) Aconteceu no entanto que largas centenas de pessoas postadas junto da referida estátua, algumas das quais munidas de paus e canas, não consentiram que a manifestação se realizasse, obrigando os manifestantes, em reduzido número, a dispersar. (...) Nem as Forças Armadas, nem a P.S.P. ou qual-

quer outra autoridade intervieram».

7

Artur Portela Filho constrói a democracia como quem constrói um puzzle.

Se lhe falta uma peça — a peça do MRPP no puzzle da sua democracia —, amua e faz queixa.

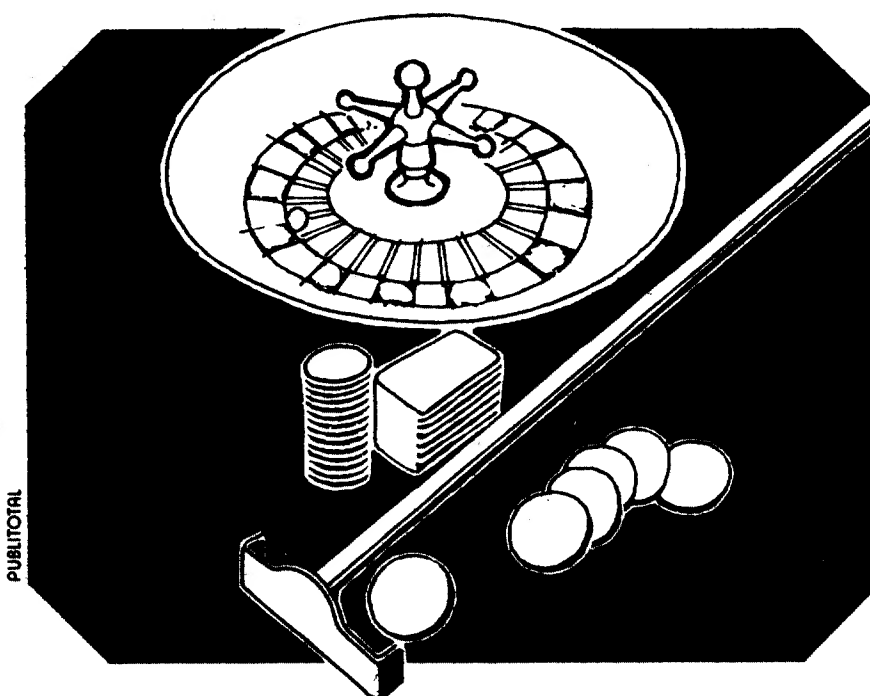
Resta saber quem fabricou o puzzle, quem distribuiu as peças, onde está a marca do jogo.

A marca de classe, claro.



CASINO DE
alvor

CASINO DE
vilamoura



descubra a sua sorte nos casinos do Algarve





Assente bem os pés nos números.

Deposite as suas economias na **CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS**. É terreno firme.

3% ao ano, nos depósitos à ordem até 50 contos.

7% ao ano, nos depósitos a prazo de 6 meses, renovável.

8% ao ano, nos depósitos a prazo de 9 meses, renovável.

8,5% ao ano, nos depósitos a prazo superior a 1 ano, renovável.

9,5% ao ano, para depósitos especiais de poupança.

Os juros dos depósitos estão isentos de quaisquer impostos. Os depósitos beneficiam da garantia do Estado.

Estas são as vantagens. Mas ainda há outra: estamos ajudando Portugal a crescer!



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

NACIONAL

A qualidade de magistrados para inspectores da Judiciária

Dois diplomas do Ministério da Justiça, a publicar no «Diário do Governo», introduzem algumas modificações na estrutura da Polícia Judiciária e incorporam nesta entidade o Gabinete Nacional da Interpol, anteriormente, dependente do ex-D.G.S. Este Gabinete será chefiado por um funcionário de categoria não inferior à de subinspector de 1.ª classe, competindo à directoria da Judiciária, através da sua Secção Central, a instrução dos processos de ex-

tradição. Por seu lado, estipulam-se medidas tendentes a descongestionar os serviços da corporação, nomeadamente, permitindo-se a possibilidade de serem arquivados, ou passarem a aguardar melhor prova, os autos de instrução preparatória, por decisão do inspector responsável, nos casos permitidos por lei. O diploma que estabelece estas medidas confere ao director, subdirectores e aos inspectores da P. J. a qualidade de magistrados do Ministério Público.

O pessoal da casa de Portugal em Paris desmente acusações

Acusada de desencorajar os turistas de virem até ao nosso País, com base em «notícias falsas sobre o surto de cólera», a Casa de Portugal em Paris enviou-nos um telegrama em que o seu pessoal «desmente formalmente as alegações formuladas contra ele». O telegrama refere um documento sobre o assunto enviado ao Ministério dos Negócios Estrangeiros pela comis-

são que organizou em França as comemorações do 10 de Junho e acrescenta que as atitudes do pessoal da C.P.P. a favor do Movimento das Forças Armadas, assim como a correspondência trocada depois do 25 de Abril com as autoridades de Lisboa a respeito da situação da Casa como organismo turístico do Estado Português, «demonstram o absurdo dessas acusações», permitindo ao pessoal defender-se facilmente contra elas.

O telegrama do pessoal da Casa de Portugal em Paris termina assim: «Observando que, a este respeito, os artigos escritos nos diferentes jornais foram feitas sem a mínima verificação, o pessoal da Casa de Portugal em Paris informa a Imprensa em geral que está à disposição para toda a informação respeitante à atitude dos seus membros e deseja que para o futuro a sua lealdade não seja posta em dúvida sem fundamento».

Teatro Maria Matos

A R. T. P. apresenta
«PORTUGUÊS, ESCRITOR, 45 ANOS DE IDADE»
de **Bernardo Santareno**
Todos os dias
às 21.45 horas
Domingos, «matinées»
às 16 horas
Segundas-feiras
descanso da Companhia
AR CONDICIONADO
Bilhetes à venda
Telef. 71 70 17
Interdito a menores
de 13 anos

ASTRÓLOGA ELGA

Trata e resolve todos os problemas e assuntos de sua vida, mesmo sendo os mais difíceis. Só senhoras. Tel. 77 43 43.

ALUGAM-SE

APARTAMENTOS

GRANDE LUXO — MOBILADOS — NÃO MOBILADOS
AV. COLUMBANO BORDALO PINHEIRO, 89

CURSOS DE FÉRIAS

EXAMES DE 2.ª EPOCA

PREPARATÓRIO — LICEAL — COMERCIAL
ADM. INSTITUTOS

ADM. UNIVERSIDADE — EXAMES «AD HOC»

EXTERNATOS

São Vicente

Rua 1.ª de Março, 8
Tel. 848864 5

Marquês de Pombal • Álvares Cabral

Rua Morais Soares, 93 Tel. 82 02 21 83 46 58 Avenida Graça Vasco, 1 (Benfica) Tel. 766974 5

ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA 1974/75

COMÍCIO DO EMIGRANTE

AMANHÃ, Terça-feira, dia 20, às 21,30 h.
NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS DE LEIRIA

TEMAS :

- ★ ESCLARECIMENTO SOBRE A ACTUAL SITUAÇÃO POLITICA PORTUGUESA
- ★ LINHAS DO PROGRAMA DE ACTUAÇÃO DO P. P. D. — O PARTIDO DA

SOCIAL-DEMOCRACIA



NACIONAL

"TAMBÉM SOU DEMOCRATA" —diz o autor de "Angola é nossa"

Do dr. Duarte F. Pestana de S. Pedro do Estoril, autor da marcha «Angola é nossa», recebemos a seguinte carta:

«Tendo o sr. presidente da Sociedade Portuguesa de Autores (S. P. A.) invocado o meu nome, numa reunião de sócios, administrados e empregados da mesma sociedade, parece-me pertinente esclarecer:

A acção profissional de compositores ou autores dramáticos, em relação ao tempo histórico, parece ter sido esquecida pelo sr. presidente ao referir-se, tendenciosamente, à minha qualidade de autor da marcha «ANGOLA É NOSSA», escrita em 1961 por ocasião do início da guerra colonial, num período confuso e apaixonado da política portuguesa.

Creio bem que a referência em questão não passou de pura demagogia, para impressionar a assistência, tendo, assim, cometido um acto discriminatório injusto e, até, desleal, por ter sido feito na minha ausência.

A marcha não tinha ambições artísticas ou culturais, nem foi minha intenção, ao escrevê-la, fazer um hino ou qualquer obra que tivesse dimensão partidária ou ideológica e a sua inspiração deveu-se, somente, a um momento de exaltação patriótica. Não o entenderam assim os dirigentes da S. P. A. que, ao exagerarem

o seu significado, lhe deram a honra de publicação destacada, no n.º 15 do boletim «AUTORES» (Inverno de 1962), da referida Sociedade.

Mas, se fossemos aprofundar a bibliografia artística à responsabilidade de cada uma das pessoas que se notabilizaram, por certo raríssimos seriam aqueles cuja isenção pudesse definir-se de acordo com a actual situação política e, também, se alguém quisesse preocupar-se na análise de obras de grande projecção e compromisso, facilmente as encontraria nas tertúlias de que fazem parte.

Espero que a actual di-

recção da S. P. A., de que fazem parte pessoas ilustres das Artes e das Letras portuguesas, tais como o poeta dr. David Mourão Ferreira, os compositores Frederico de Freitas e Joly Braga Santos, o escritor Bernardo Santareno, a poetisa D. Fernanda de Castro, etc., tome em consideração este meu leal e legítimo esclarecimento e compreenda a razão por que julgo necessário trazê-lo ao conhecimento público. E só me resta acrescentar que, além de autor de «ANGOLA É NOSSA», também sou democrata, sem que, para tal, tivesse mandado a casaca ao alfaiate. Ou duvida sr. presidente?»

SINDICÂNCIA À I.G.A.E.

Ordenada pelo ministro da Economia, corre actualmente na Direcção-Geral de Fiscalização Económica, da Secretaria de Estado do Abastecimento e Preços, uma sindicância tendo em vista o apuramento de responsabilidades dos seus funcionários cometidas por ocasião do exercício das funções.

Como se torna indispensável que as pessoas agravadas por condutas ilícitas dos ditos funcionários, desde há 15 anos para cá, tragam a conhecimento o teor desses agravos, uma nota do Ministério agora distribuída pelos órgãos da Informação esclarece que as pessoas lesadas

não devem dirigir-se indiscriminadamente à sede daquele serviço a fim de que não ocorram aglomerações e perdas de tempo que a ninguém aproveitam. Antes devem dar-se a conhecer, indicando o nome e morada, e oportunamente serão contactados para recolha de depoimentos.

A indicação deve ser fornecida através de via postal, de preferência registada, a fim de evitar extravios, e endereçada para: Juiz de Direito Sindicante Direcção-Geral de Fiscalização Económica (ex-Inspecção-Geral das Actividades Económicas), Avenida Duque de Avila, 139 - Lisboa.

Dizem os leitores A BRIGADA DE TRÂNSITO

«Aconteceu há dias. Uma patrulha de trânsito ia de caminho para o seu serviço habitual quando viu um carro estacionado em local duvidoso e decidiu parar. O carro não estava em contravenção mas, mesmo assim, o rádio do carro patrulha entrou em comunicação com a central telefónica e esta, por sua vez, com o proprietário do carro. Era, afinal, uma viatura roubada, sem gasolina nem carga na bateria. E foi por isso

que o carro patrulha andou vários quilómetros em busca de uns litros de gasolina; foi por isso que aqueles dois homens da patrulha empurraram esforçadamente até que o motor se pôs em marcha; foi por isso que ao despedir-nos com um aperto de mão, vimos nos seus rostos suados a satisfação de uma missão bem cumprida.

Por esta e outras acções que tenho presenciado ao lon-

go das estradas, entendo que este novo espírito da Brigada de Trânsito da G. N. R. deveria servir de exemplo às novas políticas deste novo País.

É por isto, «camaradas» automobilistas que, quando passamos por uma brigada de trânsito, não devemos piscar faróis só para proteger ladrões de automóveis ou potenciais assassinos da estrada. A Brigada de Trânsito é, afinal a nossa brigada.» — J. Q. (Lisboa).

os astros e as viagens



ARIES
de 20/3 a 20/4

Amor: Se tem uma amizade especial pelos Gêmeos, poderá tirar-lhes o melhor partido em que se encontram.
Vida social: Examine a sua situação muito lucidamente. De mais tempo aos seus verdadeiros amigos.
Saúde: Cuidado com as grandes exposições ao sol.
O nosso conselho: Crie um novo ambiente a sua volta. Viva mais feliz com verdadeiros amigos. Propõe uma viagem em grupo.
Alegre vida de Londres fascina-las.



LEO
de 23/7 a 22/8

Profissão: As suas excelentes qualidades de trabalho são susceptíveis de o conduzirem a alguns novos sucessos.
Amor: As suas questões sentimentais não são, de momento, realizáveis. De tempo ao tempo.
Saúde: Irritabilidade será o seu problema. Não se distraia.
O nosso conselho: Profissionalmente esteja sempre pronto a uma possível competição. No campo sentimental terá de adoptar um novo tipo de relações.
Um casamento a Indonésia der-lhe-ia uma nova vida.



SAGITTARIUS
de 22/11 a 21/12

Vida social: Tente reorganizar o círculo de amigos que possui e que tanto o ajudaram. Continue a contar com eles.
Amor: Um desejo novo de liberdade e afastamento do quotidiano leva de ser encarado da melhor maneira.
Saúde: Sem problemas.
O nosso conselho: Crie um novo ambiente a sua volta. Aproveite bem as suas novas condições criando um novo ar fazendo um Casarão a Itália.



TAURUS
de 21/4 a 20/5

Profissão: Se poderá ascender ao lugar que pretende dando o seu máximo.
Vida social: Não tome decisões importantes senão depois de profundas reflexões. A amizade e o respeito são mais conselheiros.
Saúde: Não beba em demasia.
O nosso conselho: É altura para fazer férias e descansar. Por isso o ano de trabalho que se avizinha promete, mas evite grandes esforços.
Conheça, em Palma de Maiorca, o verdadeiro clima de alegria.



VIRGO
de 23/8 a 22/9

Amor: A influência de Marte poderá reforçar as paixões e a paixão da sua vida.
Saúde: Faça um bom regime e, sobretudo, coma muito pouco.
O nosso conselho: O seu clima sentimental vai melhorar, se antes, tudo dependeu de si. Seja disciplinado.
Passe dias de Sol e alegria no Algarve.



CAPRICORNUS
de 22/12 a 20/1

Profissão: Clima de tensão com os seus colaboradores. Seja sempre diplomático. Possibilidade de esclarecer definitivamente situações confusas. Enfrente-as com confiança.
Amor: Possibilidade de estabelecer contactos com pessoas pouco comuns que lhe interessarão muito mais que poderão confundir-lhe. Evite certos sujeitos.
Saúde: Ocasionalmente leve uma vida regular.
O nosso conselho: As pessoas pouco comuns com quem poderá estabelecer contactos não se encontram no seu círculo de amigos. Tente de se deslocar para conhecer estas novas gentes. Um casamento no punchal seria o mais indicado.



GEMINI
de 21/5 a 20/6

Amor: A influência de Júpiter e Saturno fazem sentir a maneira mais agradável. Aproveite todas as boas oportunidades que vão surgindo.
Profissão: Enfrente os problemas com confiança e optimismo. As circunstâncias favorecem-no e os astros prolongam-no.
Saúde: Procure distrair-se.
O nosso conselho: Já que a época está a avançar e excepcionalmente se vai, aproveite-a bem e divirta-se. Faça um excelente casamento no punchal.



LIBRA
de 23/9 a 22/10

Profissão: Você nem sempre dirige bem a sorte que possui. Exige uma certa renovação que você não é, sendo raras vezes capaz de acompanhar.
Vida social: Provável aumento de prestígio e enriquecimento intelectual. Evite fazer prevalecer as suas ideias políticas na sua empresa.
Saúde: Não abuse do álcool nem das gorduras. Cuidado com o fígado.
O nosso conselho: Não se agarre ao passado. Renove e seja mais de vir e fazer as coisas. Acompanhe e prepare-se. Um casamento Casarão de Ilha der-lhe-ia um novo capítulo.



AQUARIUS
de 21/1 a 19/2

Profissão: Excelentes perspectivas mesmo se os resultados dos seus esforços não forem imediatos.
Vida social: Contactos satisfatórios com os Taurus e Scorpius. Mas seja mais activo e faça propostas agradáveis.
Saúde: Faça exercício.
O nosso conselho: Não tenha pressa. Você é uma pessoa com valor e isto será plenamente reconhecido, impondo as suas ideias e a sua maneira. A felicidade é um local a visitar por si e pelos seus amigos.



CÂNCER
de 21/6 a 22/7

Vida social: Não seja tão desconfiado frente às pessoas que o envolvam. Tente ver o seu lado bom e não as suas qualidades.
Amor: Aceite de bom grado as aparições extravagantes do seu ser amado. Devidos aos seus conselhos.
Saúde: Com paciência os seus nervos não se alterarão.
O nosso conselho: Já é tempo de se desfazer de uma nova maneira. Não imponha sempre a sua vontade. De outras lumbares contem. Viva dias de verdadeiro sonho nos Açores.



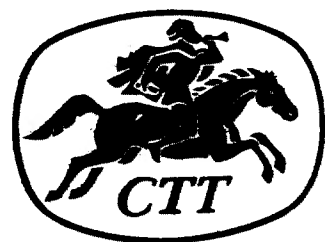
SCORPIUS
de 23/10 a 21/11

Amor: O excelente clima do Verão une amor e beleza, arte e pávido. Encontros novos com amores antigos.
Profissão: Bom clima de trabalho. Ideias novas, vontade de as realizar e grande apoio dos Leo e Sagittarius.
Saúde: Evite a preguiça. Se for para fazer, mantenha-se em actividade.
O nosso conselho: Perdoe os interesses que deve apresentar da melhor maneira. Governado, saiba escolher. A Córrego é um destino de férias que lhe agradará bastante.



PISCIS
de 20/12 a 20/1

Amor: Pequenas dificuldades serão ultrapassadas se fizer um apelo ao seu bom senso. Aproveite as circunstâncias para obter resultados concretos.
Vida social: Situação favorável. Não perca tempo em questões de ordem secundária. Os seus amigos esperam muito de si.
Vida social: Situação favorável. Não perca tempo em questões de ordem secundária. Os seus amigos esperam muito de si.
Saúde: Descanse mais. O cansaço provoca irritabilidade.
O nosso conselho: Você está no bom caminho. Embora tenha de se adaptar às novas circunstâncias, e talvez sentir-se. Faça uma viagem a Roma.



SERVIÇO TELEFÓNICO INTERURBANO AUTOMÁTICO

ATENÇÃO BEJA

OS CTT INFORMAM

Os assinantes dos Grupos de Redes de BÉJA e CASTRO VERDE, com acesso ao serviço telefónico interurbano automático, passam a obter directamente os telefones automáticos dos grupos de redes abaixo indicados, marcando os seguintes indicativos:

PORTO TLP	029
BRAGA	023
PENAFIEL	025
S. JOÃO DA MADEIRA	026
VALENÇA	021
VIANA DO CASTELO	028
VILA NOVA DE FAMALICÃO	022

que aconselha o seu signo?

A viagem do seu horóscopo faz parte dos nossos programas. Que, também, incluem outras aliciantes sugestões. Consulte-nos. Será o primeiro passo para a realização dos seus projectos.



OREY, ANTUNES

os peritos em viagens e turismo

Praca Duque da Terceira, 4 - Tels 36 60 56 36 22 66 - Lisboa 2

NACIONAL

Construtores alheios aos incidentes em Loures

A direcção do Sindicato Nacional dos Construtores Civis tornou público um comunicado ocorrido há dias entre a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Loures e um grupo de empreiteiros. É do seguinte teor:

«A direcção do S.N.C.C., repudia a violência havida durante a manifestação hostil levada a efeito em 31 de Julho, à qual é estranha; está ao dispor de todas as câmaras municipais para a colaboração que lhes puder prestar no sentido de servir o desenvolvimento do País no sector da construção civil: esclarece que a designação de **construtor civil** é incorrectamente aplicada a empreiteiros e industriais da construção civil, que podem ou não ser construtores civis: os construtores civis são técnicos diplomados que traba-

ham para a construção civil, normalmente por conta alheia.»

O LIXO EM OEIRAS

O Município de Oeiras acaba de adquirir uma viatura de recolha de lixo acoplada com contentores. Esta medida — entende a respectiva comissão administrativa — poderá contribuir eficazmente para a solução de um problema que nos últimos anos tem assumido, por vezes, aspectos dramáticos no que diz respeito à salubridade pública.

Brevemente serão espalhados por todo o concelho (Amadora incluída) recipientes para armazenamento diário de lixo. Recorda-se que os detritos em toda a zona oeirense tinham até aqui uma singular vocação para permanecerem ao ar livre horas e horas...

Salão de fotografia

GONDOMAR — Integrada nas festas deste concelho, o Orfeão de Gondomar promove de 4 a 12 de Outubro o seu 2.º Salão de Fotografia, aberto a todos os fotógrafos residentes em Portugal. Cada concorrente pode apresentar seis trabalhos sobre o tema «O Concelho de

Gondomar», a preto e branco e diapositivos a cores, e quatro trabalhos de tema livre. As fotografias deverão ter o formato de 30X30 cm, devendo constar no verso de cada uma delas o nome e morada do concorrente. A taxa de inscrição é de 30\$00, devendo os trabalhos ser entregues até ao dia 8 de Outubro no Orfeão de Gondomar, Rua D. Oliveira Salazar, Gondomar.

ANDAR DE LUXO

Ao Calhariz de Benf., c/ 6 soa., 3 c. b., 2 var., sec. roupa, climatizado, c/ arrecad. e garagem. Preço 3.000 contos c/ hipot Montepio de 800. Aceit. ofertas. Tel. 72 27 68.

Canto livre na Póvoa

Organizado pela comissão concelhia da Póvoa do Varzim do Movimento Democrático, efectuou-se ontem no ginásio da Escola Comercial daquela cidade, um convívio Canto-Livre, que terá entre outros, a participação de José Jorge Letria, Carlos Paredes, Luís Basto, Henriqueta Maia e Vítor Carvalho.

PORTO

O povo da Sé limpa as ruas e organiza-se

Desde sempre a limpeza das zonas antigas e mais densamente habitadas da cidade do Porto constituiu motivo de preocupação para os respectivos moradores. As causas são bem conhecidas: o lixo acumula-se nas ruas estreitas onde as crianças brincam todo o dia. Os protestos das pessoas e as notícias nos jornais nunca chegaram ao «conhecimento» da Câmara Municipal, que arrumou a questão na gaveta dos «problemas insolúveis». Pois agora os moradores da freguesia da Sé, uma das que ostenta ruas mais imundas, decidiu-se a provar que o problema pode ser, em grande parte, resolvido.

A livre iniciativa das populações, quando tornada possível e apoiada, aponta as soluções correctas e permite concretizá-las. Assim, uma comissão de doze moradores da freguesia da Sé, interpretando as preocupações gerais, conseguiu já pôr em andamento uma série de iniciativas que visam tanto a limpeza das ruas como o aproveitamento de locais para recreio e práticas desportivas das inúmeras crianças da zona e a criação do Centro Social de Santana.

Para a limpeza a comissão pediu a colaboração dos organismos oficiais. A Câmara forneceu uma boa quantidade de material (vassouras, carrinhos, mangueiras, etc.) e um subsídio de nove mil escudos mensais. A P.S.P. entregou os carros da água que o antigo regime utilizava para sujar as pessoas (e o País) reprimindo manifestantes. Como dizia o comandante,

major Mota Freitas, os carros são agora muito mais úteis... A operação de limpeza das ruas, iniciada no dia 1 do corrente, cobre ainda um limitado número de artérias da freguesia: «isto é um começo, as outras zonas da freguesia certamente vão fazer o mesmo organizar-se» dizia-nos um dos moradores da zona de Santana. As ruas cobertas por esta primeira iniciativa são as seguintes: Largo de Pedro Vitorino, Escadas e Largo do Colégio, Largo, Rua e Travessa de Pena Ventosa, Rua das Albas, Rua e Travessa de Santana. Este espaço foi dividido em partes e cada uma delas terá dois moradores ocupados, durante uma parte do dia, nessa tarefa. Por regra serão mulheres sem trabalho que vivem no local e que passam a auferir um subsídio mensal de 1500\$00. A comissão de moradores é quem administra as verbas concedidas pela Câmara.

Na visita feita àquela zona pudemos ver o aproveitamento já dado pela comissão de moradores e locais e a material até há pouco desaproveitados. Dezenas de crianças enchem agora um recinto fechado há anos, junto ao Paço Episcopal, onde raparigas e rapazes mais velhos ali moradores e que são praticantes de modalidades desportivas nas associações portuenses, iniciam a cultura física. A Obra Diocesana de Promoção Social dispunha de material desportivo que já se encontra ao serviço. O atleta José Esteves, do «Vasco da Gama», ofereceu-se para orientar o desporto das crianças da sua própria freguesia, o que faz gratuitamente depois do seu trabalho.

A mesma comissão de moradores vai ampliar os banheiros para que as crianças tenham o seu banho e conseguiu também que os arquitectos da Câmara tenham já iniciado a feitura de um projecto para lavadouros, coradouros e banheiros, em terreno camarário ali existente, para serviço da população. Neste momento as mulheres vão lavar longe de casa, atravessando a cidade com os filhos, ou lavam na rua, sujeitando-se (até há pouco) às multas que o polícia lhes aplicava: «muitas vezes fugíamos e abandonávamos a

roupa para não ter que pagar a multa» dizia uma moradora.

Em toda esta movimentação há questões fundamentais que interessa sublinhar. Desde logo a capacidade de organização evidenciada pelos moradores através da comissão eleita. E depois a escolha das actividades a desenvolver: problemas imediatos e urgentes capazes de congregarem mais facilmente a iniciativa e a participação das pessoas (limpeza das ruas e ocupações úteis das crianças). De salientar ainda o aproveitamento das possibilidades existentes entre os próprios moradores (caso dos praticantes de desporto). Estes aspectos são tanto mais importantes quanto é certo que contrariam hábitos e processos impostos durante muito tempo. As autoridades fascistas, quando não ignoravam as crianças destas zonas da cidade, como era regra, impunham-lhes os recintos fechados e os «centros» onde essas mesmas crianças evidenciavam a sua revolta (bem conhecida, aliás de todos quantos com eles lidavam: professores e, sobretudo, assistentes sociais). A esta «pedagogia» tendente a modelar as crianças segundo um tipo de educação particular, os moradores da Sé, por simples prática da iniciativa popular, contrapõem os recintos abertos e a colaboração dos próprios moradores que melhor que ninguém conhecem os processos de comunicação utilizados dentro da comunidade que todos ali

constituem. Foi este, exactamente, o tipo de participação e de educação que mais se reprimiu até há pouco.

Mas, por isso mesmo, seria agora bem que outros métodos de trabalho não tentassem sobrepor-se à espontânea organização dos próprios moradores. Eles sabem muito bem aquilo de que necessitam e quando tentam resolver os seus problemas estão a praticar um método de educação que nenhum outro pode substituir com vantagem. Seria bom, realmente, que a metodologia para que aponta a nova experiência dos habitantes da Sé não fosse perturbada. Aqui, como noutras circunstâncias (e já que falamos do Porto podemos citar o exemplo da luta dos moradores dos bairros camarários) a **existência** de métodos de organização provindos de formações alheias às populações directamente em causa opera uma substituição de responsabilidades e é, por isso mesmo, desmobilizadora. Foi por isso que num ou noutro bairro camarário as populações reagiram à imposição de comissões não eleitas pelos moradores. A essas populações e ao seu processo de transformação interessa, acima de tudo, da parte de quem com elas se mostra identificado, uma simples e verdadeira disponibilidade para apoiar, sem impor caminhos, as iniciativas populares já desencadeadas.

JOSÉ GOMES BANDEIRA

Jorge Jardim diz-se vítima de uma campanha

LOURENÇO MARQUES, (L) — Vai fazer um ano que foi redigido na capital zambiana um documento conhecido como «Programa de Lusaka», de que é co-autor o eng. Jorge Jardim, que visava resolver o problema de Moçambique: terminar com a guerra colonial e encontrar uma solução política harmoniosa. O referido documento data de 12 de Setembro de 1973 e segundo o eng. Jorge Jardim é considerado ainda válido pelos Governos dos países limítrofes que colaboraram na sua formulação.

Estas e outras revelações foram feitas pelo eng. Jorge Jardim em extensa entrevista concedida ao vespertino «A Tribuna». O entrevistado surge como vítima de uma campanha organizada para o desacreditar mas dela emerge como interlocutor válido no processo de descolonização de Moçambique.

Ao longo das suas declarações o eng. Jorge Jardim nega que esteja envolvido nas incriveis histórias dos mercenários vindos do Malawi, país que «curiosamente, há poucos meses atrás, era acusado pelas autoridades portuguesas — e através dos mesmos diplomatas — de dar abrigo às forças da Frelimo que actuariam a partir do seu território, sobretudo nas regiões fronteiriças e contra o caminho-de-ferro para Tete».

Esse programa elaborado em Setembro de 1973, de que foi co-autor o eng. Jorge Jardim conjuntamente com o presidente Kaunda e com os seus assistentes pessoais Mark Chana e Peter Kassanda, foi aceite pelos diri-

gentes da Frelimo e pelo próprio Governo da Tanzânia, com inteiros e entusiásticos aplausos do Governo do Malawi. Esse documento facultava as mais amplas garantias de se encontrar uma solução honrosa e pacífica em que se respeitassem todos os interesses legítimos de todos aqueles que quisessem continuar a permanecer e viver em Moçambique, fosse qual fosse a sua origem étnica, o seu credo ou a sua ideologia. Mais, assegurava o documento os laços culturais e económicos, abrangendo o comércio, o investimento, a cooperação técnica, os aspectos da educação, a influência social e cultural, e até as condições religiosas e estruturais respeitadas a influência portuguesa que tinha servido de cimento agregador em Moçambique e usando-se a língua portuguesa como língua franca oficial do novo Estado.

Revela o eng. Jardim, que o primeiro contacto, no sentido de convencer o Governo do regime anterior a aceitar tal solução, foi promissor, mas este logo após, afirmava que «teríamos ido longe demais e depressa demais». Em Fevereiro de 1974 o eng. Jorge Jardim encontra o lado governamental de Lisboa numa posição de irreversibilidade. O último contacto do eng. Jorge Jardim, com o mesmo propósito data de 17 de Abril, exactamente uma semana antes do Movimento das Forças Armadas, tendo-se-lhe então parado uma reacção fria por parte do prof. Marcelo Caetano, devido a pressões contrárias provenientes de grupos influentes.

FRUITEX

IMPORTAÇÃO - EXPORTAÇÃO

Aos Senhores Comerciantes!

LOUÇAS DE PORCELANA E FAIANÇAS CHINESAS E JAPONESAS

Inglesas, italianas, moveis orientais, cristais, artigos de menage, novidades decorativas e brinquedos

SEDE — Rua António Silva Marinho, 84 — Telef. 67066 67809 Porto
FILIAL — Rua Maria Andrade, 50-1º — Telef. 831799 - Lisboa



CHARTERS

PARTIDAS FREQUENTES

VOOS DE FRETAMENTO PARA

**LONDRES
FUNCHAL
LAS PALMAS
P.ª DE MAIORCA
ROMA
PARIS**

PREÇOS MUITO BAIXOS

CONSULTE

MUNDIRAMA

R. DO GAUCHEIRO, Nº 33
LISBOA 2 - TELÉF. 323633 / 324296
328856 / 363294

PASSAPORTES

ESTRANGEIRO

CHIPRE

Moscovo acusa a Nato

MOSCOVO, 19 REUTER

A União Soviética acusa a NATO de ter «lançado uma agressão aberta contra o povo cipriota» para consolidar a sua posição no Mediterrâneo.

Reiterando a sua tese inicial de que a Aliança Atlântica era a principal responsável pela crise de Chipre, o órgão do Partido Comunista Soviético «Pravda», preconiza o regresso ao regime constitucional que vigorava antes do início das hostilidades no mês passado.

Numa análise da política internacional o «Pravda» evita criticar directamente a Turquia pela sua ocupação da região nordeste da ilha — reflexo provável das esperanças que o Kremlin nutre de se manter em boas relações com o seu vizinho do flanco sul. Dentro dessa mesma linha refere-se ao cessar-fogo de Chipre sem se deter sobre a forma como as hostilidades recomeçaram na semana passada.

Durante toda a crise cipriota, o principal receio de Moscovo foi de que a NATO saísse do conflito com a sua posição reforçada no Mediterrâneo oriental e beneficiando mesmo de uma nova base na ilha.

A vida comprovou mais uma vez o carácter agressivo do bloco militar da NATO que, numa tentativa para consolidar as suas posições no Mediterrâneo, lançou uma agressão aberta contra o povo cipriota — escreve o «Pravda».

Os receios soviéticos quanto ao papel da NATO não pareceram ter sido atenuados pelo facto de dois membros da Aliança

Atlântica se encontrarem envolvidos no conflito, nem por a Grécia ter decidido retirar do Pacto as suas forças militares.

O jornal soviético afirma que a crise interna causada na NATO pela retirada grega «deriva não só das rivalidades entre os seus dois membros, como também, e fundamentalmente da política geral daquela organização imbuída de militarismo e dirigida contra o desanuviamen-

A inquietação que o conflito cipriota despertou no Kremlin pode relacionar-se com a perda da influência diplomática soviética entre os países árabes do Médio Oriente.

Os observadores ocidentais consideram que as recentes propostas de Moscovo para a retirada de todas as unidades navais soviéticas e norte americanas, incluindo submarinos porta-mísseis, reflectem uma aguda apreensão pela sua fraqueza estratégica no Mediterrâneo.

O «Pravda» voltou hoje a denunciar as garantias dadas pela Inglaterra, Turquia e Grécia no âmbito do tratado e constituição de 1960 como «uma cortina de fumo para a interferência directa da NATO nos assuntos internos da república soberana de Chipre».

Os observadores salientam que os constantes ataques desferidos contra o Tratado Tripartido, aliados à insinuada incapacidade da Inglaterra de policiar a situação, levantam a suspeita de que Moscovo procura desempenhar um papel na eventualidade de se encontrar uma solução para Chipre cujos garan-

tes sejam as grandes potências mundiais.

O «Pravda» volta a apelar entretanto, para a retirada de todas as tropas estrangeiras da ilha e acrescenta: «devem assegurar-se condições e possibilidades autênticas aos cipriotas turcos e gregos para viverem e trabalharem em benefício do seu estado — um Chipre soberano, independente e territorialmente integral».

Por outro lado, a agência Tass noticia que o secretário geral do Partido Comunista Soviético, Leonid Brejnev, regressou hoje a Moscovo das suas férias no Mar Negro.

Sendo o principal porta-voz soviético em matéria de política internacional, é provável que com o seu regresso o partido defina com maior nitidez os objectivos da União Soviética no Mediterrâneo em face da crise cipriota.



Continuam em Atenas as manifestações antiamericanas. A imagem acima foi colhida na Praça da Constituição, junto ao monumento ao «Soldado Desconhecido». As legendas: «Kissinger assassino», e «americanos, nós não nos renderemos». (Telefoto UPI-Telimprensa-DL).

Tiros em Nicósia no fim de semana

NICOSIA, 19 (F.P.)

O porta-voz das Nações Unidas em Chipre, Rudolf Stajduhar, declarou domingo à tarde que houve trocas de tiros toda a manhã de domingo, as quais prosseguiram ainda às 4 h 45, no momento em que falava, nos sectores de Dhenia e de Piroi, a Oeste e a Leste de Nicósia.

No resto da ilha reinava a calma.

Stajduhar acrescentou que o presidente da República de Chipre protestou violentamente contra os ataques turcos às aldeias de Pitroi e Athineu, na estrada de Nicósia-Limassol. Clerides exprimiu ao Comando das Nações Unidas a esperança de ver o Governo turco ordenar ao seu comando em Chipre que cesse os seus ataques. O comandante-chefe da Guarda Nacional Cipriota Grega deu instruções à sua artilharia para fazer o possível por não ripostar aos turcos, afirmou o presidente.

O representante das Nações Unidas prosseguiu revelando que no sábado as forças turcas tinham avançado em direcção ao Aeroporto Internacional de Nicósia, mas depois afastaram-se em direcção à estrada Nicósia-Morfu.

No sábado, as forças da ONU conseguiram convencionar um cessar-fogo no sector da aldeia de Trulli, a leste de Nicósia, a pedido das autoridades cipriotas, para safar elementos feridos da Guarda Nacional.

Stajduhar disse que as nações não puderam prestar nenhuma protecção aos engenheiros cipriotas gregos encarregados de reparar as bombas de água no sector Oeste da capital. A água está cortada em dois terços da cidade e as autoridades turcas prometeram ocupar-se da reparação das bombas e das canalizações.

O porta-voz das Nações Unidas anunciou, por outro lado, que o major Frank Hann, chefe do Estado-Maior da ONU, inspeccionou no sábado as suas tropas em Limassol, Larnaca, Paphos, Famagusta e Lefka, que pôs de sobreaviso contra o perigo das minas.

No sábado, os turcos entregaram 112 foragidos cipriotas gregos da região da Kyrenia no porto de Ledra Palace, na linha verde de Nicósia.

Caravanas de mantimentos e de assistência médica da ONU alcançaram no sábado os enclaves turcos de Paramari e de Limassol e ainda o campo dos foragidos turcos de «Happy Valley», situado no recinto da base britânica de Episkopi.

O presidente Glafos Clerides pediu «a comissão» das Nações

Unidas para os foragidos que se ocupe do problema dos cipriotas gregos fugidos ante o avanço turco, revelou o porta-voz, o seu número, segundo uma boa fonte, seria superior a cem mil. Finalmente, Stajduhar anun-

ciou que uma personalidade cipriota grega irá segunda-feira a Famagusta sob a protecção de uma escolta das Nações Unidas para negociar com as autoridades turcas a questão dos cipriotas gregos que ficaram ali.

Sete presos mortos na Venezuela

CARACAS, 19 (ANI)

Membros da Guarda Nacional alvejaram e mataram sete prisioneiros na prisão de San Cristobal nos Andes e salvaram dois funcionários que tinham sido tomados como reféns.

Autoridades do Ministério da Justiça informaram que os dois reféns, o director da prisão Arcadio Ruedas Chacon e Rafael Ochoa Castro, um funcionário vindo de Caracas, tinham sido feridos na operação de salvamento.

Os sete prisioneiros tinham agarrado os dois homens na sexta-feira e ameaçaram matá-los se não lhes dessem a liberdade,

armas e munições, bem como um autocarro no qual planeavam fugir para a Colômbia.

San Cristobal fica a 904 quilómetros da cidade de Caracas. O chefe do grupo, Pedro Vargas, ofereceu-se para formar uma comissão de seis companheiros a fim de se reunirem com Ruedas e Ochoa, que tinham sido enviados a San Cristobal para solucionar o protesto.

Quando funcionários concordaram em se reunir com os presos na cantina, foram agarrados e feitos prisioneiros.

Os sete tinham ameaçado fazer explodir a prisão com bombas que teriam fabricado.

Etiópia: confrontação entre a Igreja e os militares

ADIS ABEBA, 19 (ANI)

Uma confrontação surgiu hoje entre a poderosa igreja ortodoxa etíope e os militares no Governo com o imperador Haile Selassie a perder vestígios do poder em disputa — afirma-se em círculos diplomáticos de Adis Abeba.

A situação surgiu depois de o patriarca ortodoxo Abune Tewoflos ter atacado fortemente este fim-de-semana, algumas secções de um esboço de constituição apoiada pelos militares,

cuja revolta contra o Governo tem mantido este antigo reino em agitação há seis meses.

No seu ataque, o patriarca destacou secções da constituição proposta que tratavam da separação entre a Igreja e o Estado e do afastamento do imperador como chefe da igreja.

Os comentários colocam a igreja neste país, meio-cristão meio-muçulmano num cami-

nho de colisão com os militares, que pode resultar na prisão do patriarca — afirmam alguns diplomatas.

«Tudo o que o imperador controla é a Igreja. O Exército despojou-se de tudo o resto. A declaração do patriarca vai ser considerada, certamente pelo Exército como um desafio do imperador» — indicou um dos diplomatas.

Estatuto civil

ADDIS ABEBA, 19

(UPI-ANI) — O Exército e o primeiro-ministro etíope, Michael Imru, conseguiram um solução de compromisso que preservará o estatuto civil na Etiópia, pelo menos temporariamente — revelaram ontem círculos diplomáticos.

A Igreja etíope participou pela primeira vez activamente na crise que atingiu a Etiópia durante seis meses, criticando partes de um projecto para uma nova constituição.

Circulam notícias de que os cidadãos eritreus, temendo a perseguição do Exército, estavam a voltar à sua província natal, no norte do país.

Imru, que formou um no-

vo Governo há apenas três semanas, ameaça resignar neste fim-de-semana, afirmou os diplomatas, devido às divergências existentes com o Exército, mas no último momento conseguiu-se aparentemente uma solução de compromisso com os oficiais.

O primeiro-ministro tinha objectado a um plano do Exército para prender pelo menos quatro dos seus ministros — afirmam os mesmos círculos.

Mas durante o fim-de-semana, os dois lados concordaram que os indivíduos em questão poderiam demitir-se calmamente dos seus cargos governamentais durante as próximas semanas e que não será tentada qualquer acção imediata contra eles.

Operação «cegonha-especial»

BRIZE NORTON (Inglaterra), 19 (ANI)

Um dos últimos voos que a R. A. F. realizou na ponte aérea de retirada e transporte de súbditos britânicos de Chipre foi uma «cegonha especial»: levava 44 futuras mães a bordo — informou a Força Aérea.

As mulheres, acompanhadas de 56 crianças, foram transportadas de Akrotiri, na costa sul de Chipre, para esta base aérea a noroeste de Londres.

Um informador disse que tudo correu bem, mesmo quando a «cegonha» chegou a bordo durante o voo de quatro horas.

A mãe foi assistida por um obstetra e quatro assistentes que se encontravam no avião e o bebé só veio a nascer, normalmente, depois de algumas

MÓVEIS

SALVADOS DE INCÊNDIO

Móveis e móveis soltos, vários estilos, jogos maples, sofás-cama, lustres, candeeiros, estatuetas, quadros a óleo, grande quantidade de artigos decorativos e adornos de casa.

AV. DA REPÚBLICA, 12
(junto estação metro do Saldanha)

GRANDE FEIRA DO DISCO

MILHARES DE DISCOS

A 25\$00

DESCONTOS ESPECIAIS PARA REVENDA

RUA FORNO DO TIJOLO, 25 - C

ESTRANGEIRO

ABRE HOJE EM BUCARESTE A 1ª CONFERÊNCIA DA ONU SOBRE A POPULAÇÃO MUNDIAL

BUCARESTE, 19 (R. e UPI-ANI) — Cerca de cinco mil delegados de mais de 130 países afluem a Bucareste para participarem na primeira conferência das Nações Unidas sobre a população mundial que se realiza a nível governamental.

O secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim, que preside hoje a sessão de abertura considera que a conferência, que se prolonga por duas semanas, será uma das reuniões mais importantes jamais organizadas pelas Nações Unidas.

«Espero que contribua para a solução do problema da discrepância entre o aumento da população e a crescente carência de alimentos» acrescentou.

Waldheim foi recebido no aeroporto Otopeni de Bucareste

pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, George Macovescu, que presidirá à conferência.

A conferência, que culmina anos de planeamento e de debates, deve em princípio chegar à conclusão de que existem problemas demográficos, e que embora enormes somas de dinheiro sejam necessárias para os resolver, os Governos nacionais devem estabelecer as suas próprias prioridades.

O chefe da delegação norte-americana, Gaspar Weinberger, afirmou que os Estados Unidos pressionaram no sentido

duma «fórmula melhor e duma melhor linguagem» do plano assim como de mais «clareza e precisão».

«Estamos a procurar um grau de especificidade nalguns objectivos» — declarou Weinberger num encontro informal, acrescentando que esses objectivos seriam anunciados à mesa da conferência.

Mas os delegados dos países do Terceiro Mundo indicaram que usarão a conferência para pressionar os países desenvolvidos a uma maior ajuda e alguns querem que seja incluído no do-

cumento um ponto em que se retira a transferência dos recursos dos países ricos para os países pobres.

O Brasil e outras nações tornaram claro que se opõem a quaisquer medidas tendentes à limitação da população, juntamente com a Roménia, a nação que irónicamente está a fazer tudo ao seu alcance para estimular a sua taxa de nascimento.

As autoridades romenas têm mantido um controlo rigoroso da sessão, mas é inevitável o aparecimento de questões políticas secundárias. Na conferência sobre a população juvenil, na semana passada, antes de Rafael Salas, director-executivo do Fundo das Nações Unidas para as actividades da população, fazer a sua intervenção, um delegado do Governo Provisório revolucionário, do Vietname do Sul fez um discurso de 15 minutos, condenando a política norte-americana e sul-vietnamita na Indochina.



O rei Hussein da Jordânia foi o primeiro estadista estrangeiro a travar conversações com o presidente norte-americano, Gerald Ford, recentemente empossado naquele cargo por resignação de Nixon. Após as conversações, Hussein manifestou-se satisfeito, tendo declarado que a sua visita a Washington tinha constituído um passo importante para o estabelecimento da paz no Médio Oriente. (Telefoto UPI-Telimprensa).

Igrejas rodesianas contra a violência

SALISBURIA, 19 (F.P.) — As igrejas rodesianas decidiram reunir provas das violências cometidas pelas forças de segurança rodesianas contra africanos, declarou o bispo anglicano Paul Burrough numa entrevista publicada no domingo pela «Rhodesian Sunday Mail». «Há dezoito meses que observamos a situação» explicou o prelado. As provas obtidas serão utilizadas na própria Rodésia, quanto possível. «Não queremos publicidade, queremos resultados», acrescentou.

Movimento a favor da lei de Imprensa decretada no Peru

HAVANA, 19 (ANI) — A União dos jornalistas cubanos (UPEC) pôs em marcha um movimento de solidariedade a favor da nova lei de Imprensa promulgada no Peru, e sublinhou a necessidade da criação duma organização latino-americana de jornalistas.

Logo que a «sociedade interamericana de imprensa» (SIP) começou, em Julho e em Nova Iorque, uma campanha antiperuana, os jornalistas cubanos acionaram, por seu lado, um processo que consiste em assembleias que se realizam em todos os órgãos de Imprensa do país, tendo em vista apoiar o Governo Revolucionário do Peru.

Segundo a «Prensa Latina», Ernesto Vera, secretário-geral da UPEC e vice-presidente da organização internacional dos jornalistas (OIJ), teria afirmado que este é o momento propício para a criação duma organização de jornalistas democráticos.

FUGA ESPECTACULAR

Dezanove elementos do IRA evadiram-se da prisão

DUBLIN, 19 (R.) — Forças da Polícia e do Exército montaram uma das mais vastas operações de segurança jamais vistas na República da Irlanda para tentarem recapturar 19 guerrilheiros do I. R. A. que

se evadiram espectacularmente ontem da prisão.

Os fugitivos empregaram cargas explosivas para rebentar os portões da prisão e seguidamente, de arma em punho, apoderaram-se de automóveis, desaparecendo.

Fontes da Polícia disseram que pelo menos dois dos fugitivos foram atingidos por tiros disparados pelos guardas mas os companheiros levaram-nos consigo mesmo feridos.

O Governo irlandês, embaraçado com esta fuga, que é a segunda efectuada por homens do I. R. A. nos últimos dez meses, ordenou um inquérito.

A anterior fuga foi organizada com auxílio de um helicóptero que desceu na prisão de Mountjoy desta cidade e arrancou com três dos principais militantes do I. R. A. ali detidos.

Apesar de estarem a tomar parte nas buscas milhares de soldados e polícias, apoiados por cães e helicópteros, não foi ainda encontrada qualquer pista dos fugitivos.

A evasão dos 19 homens de Portlaoise, considerada uma prisão muito segura, foi uma das mais espectaculares até hoje organizada pelo I. R. A.

Na Irlanda do Norte, em 1971, sete homens fugiram a nado de bordo do navio-prisão «Maidstone» e em Belfast outros onze, equipados para jogar futebol, saíram calmamente da prisão de Crumlin Road sem ninguém lhes perguntar para onde iam.

As autoridades de Portlaoise pretendem agora descobrir como foi levado para dentro da prisão o explosivo que permitiu rebentar os portões.

As armas de monsenhor Hilário Capucci

JERUSALEM, 19 (F.P.) — Um porta-voz da Polícia, entrevistado pela rádio, declarou que as armas encontradas no veículo pertencente a mons. Hilário Capucci eram «metralhadoras, revólveres e pistolas automáticas, granadas, explosivos e dispositivos explosivos».

Recusou-se a fornecer pormenores quanto aos atentados perpetrados «com armas transportadas por mons. Capucci».

O arcebispo Yossex Raya, que foi interrogado pela rádio israelita em Maifa, onde tem a sua diocese, declarou-se «muito surpreendido». «É-me difícil acreditar que mons. Capucci possa ser acusado de tais actos. De um modo geral, direi que o encargo de um dignatário da Igreja é servir a Deus e aos seus fiéis e não desrespeitar as leis do país onde tem a sua diocese», prosseguiu mons. Raya que segundo certas informações foi convocado hoje apressadamente

a Beirute pelo patriarca Maximus V.

Foi passado um mandado de detenção de quinze dias no domingo contra o vigário patriarcal grego católico, monsenhor Hilário Capucci, acusado de pertencer ao FATA, de que seria o representante na Cisjordânia.

Fonte bem informada revelou que o prelado é suspeito de ter trazido as armas e os explosivos que serviram no assassinato de um motorista de táxi em Jerusalém, encontrado morto no seu carro transformado em armadilha.



SAPATARIAS PIEDADE

PIEDADE informa as suas Clientes amigas que inicia os seus SALDOS com sapatos desde 139\$50 na sua SAPATARIA N.º 2 na Rua Morais Soares, 44.

SAPATARIAS PIEDADE

Praça do Areeiro, 12 - B e 12 - C • Rua Morais Soares, 44

Esperança em Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 19 — (R.L.) — Os moçambicanos negros e brancos esperam que a sua nova Junta Governativa, constituída por sete membros, acelere o regresso à normalidade como prelúdio da independência do território.

O território tem sido atormentado com problemas sociais, políticos e económicos, passada a primeira vaga de entusiasmo que saudou o 25 de Abril em Portugal. Agora a população, sem distinção de raças, parece ansiosa pelo regresso a um Governo firme.

Assim, espera-se que a Junta decida sobre a composição de um novo Governo Provisório, que administrará Moçambique até à autodeterminação. Toma-se quase como certo que farão parte desse Governo membros da Frelimo.

O Comando-Chefe das Forças Armadas em Moçambique emitiu entretanto o seu comunicado número 45/74, que tem o seguinte texto:

«Em anteriores comunicados deste Comando-Chefe, oportunamente divulgados, tem sido noticiado que está a processar-se no território moçambicano a remodelação do dispositivo militar, tendo em vista uma mais perfeita adaptação e prossecução dos objectivos que possibilitam atingir e garantir a tão desejada paz.

«Neste sentido, várias guarnições militares junto das fronteiras norte e noroeste foram já retiradas, sendo esses efectivos concentrados nos principais centros urbanos e em áreas vitais para a vida económica e co-

lectiva de Moçambique.

«De entre os últimos aquartelamentos encontra-se o da missão de Nangololo, encerrada em 1964 após o assassinio do missionário holandês padre Borman e devido a outros condicionais então vigentes e restituída intacta à Igreja Católica de Moçambique».

BALANÇA DE PAGAMENTOS

Sabe-se, por outro lado, que foi de 74 760 contos o saldo positivo da balança de pagamentos de Moçambique relativamente ao mês de Maio.

Naquele mês, o grupo de invisíveis correntes teve um saldo positivo de 492 270 contos. O de operações de capitais foi de 395 647 contos.

O grupo de mercadorias registou um saldo negativo de 813 157 contos.

Em virtude de o Fundo Cambial se encontrar a um nível baixíssimo as importações encontram-se, de momento quase proibidas com excepção para os produtos e artigos de primeira necessidade.

Também em virtude da difícil situação em que se encontra a Fazenda Pública, foi expressamente proibida a admissão de pessoal eventual por parte dos serviços oficiais, nem sequer sendo permitida a substituição do pessoal exonerado. O Governo pretende reduzir gradualmente o número de agentes ao seu serviço, até que se corrija o equilíbrio entre o montante de salários pagos e a sua produtividade.

Mercado negro no "Último Tango"

«Mercado negro» na venda de bilhetes para «O Último Tango em Paris»: Jaime Carvalho, vendedor ambulante, foi preso na Avenida da Liberdade, quando transaccionava com o lucro de cem por cento, plateias parciais das sessões até ao próximo dia vinte.

Em seu poder foram encontrados quatrocentos e cinquenta e dois bilhetes e sete contos em dinheiro, que ele confessou ser o produto de vários «bal-

cões» vendidos durante a tarde. Entretanto, as pessoas que se deslocam ao S. Jorge deparam com o letreiro «otações esgotadas» a encimar as bilheteiras encerradas.

Quem estará na cúpula desta engrenagem deliciosa de que Jaime Carvalho é apenas um elemento secundário? Eis um enigma a desvendar com urgência, para que esta escandalosa «candonga», cesse em definitivo.

TRÊS ANOS APÓS O CRIME...

Aproveitando a sonolência do pedreiro Manuel Bicho, que dormitava pacatamente num recanto do Largo Martim Moniz, o soldador Manuel Sereno, de 20 anos, roubou-lhe o relógio de pulso e um fio em ouro. Mas alguns populares que, à distância, observaram a silenciosa «operação», perseguiram Sereno e acabaram por detê-lo sem

difficuldade, recuperando os objectos que foram devolvidos ao seu proprietário.

Manuel Sereno, que se encontrava em liberdade condicional, esteve implicado no assassinato do costureiro Francisco Simão, que, há cerca de três anos, apareceu morto numa «boutique» de Cascais.

NO CEMITÉRIO DOS PRAZERES

Já passava das 20 horas quando o corpo de Vítor Bernardes deu entrada nos Prazeres. Centenas e centenas de pessoas aguardavam a urna dentro e fora do cemitério. Elementos da C.D.E., secundados por outros antifascistas, formaram um cordão de segurança, abrindo espaço para a passagem da vítima dos tiros da «noite negra do Rossio».

«Bandeiras vermelhas de várias organizações «esquerdistas» confundiam-se com a Bandeira Nacional, bandeiras do Partido Socialista, do M.E.S., dos G.A.P.S., da C.D.E. e dos Movimentos de Libertação Africanos. Por diversas vezes, os «esquerdistas» tentaram colocar os seus estandartes na posição adequada para tomarem a dianteira do cortejo logo que chegasse a urna. Tal atitude deu azo a certa efervescência, prontamente combatida por elementos da C.D.E. e outros democratas, que, deste modo, davam cumprimento ao disposto no comunicado do Ministério da Administração Interna. Referimo-nos concretamente ao ponto quarto do mencionado comunicado: «tornado público poucas horas antes do funeral no qual se apelava para o bom-senso, civismo e vigilância das pessoas que se integrassem no funeral, para que, unidas com as Forças Armadas, estivessem atentas e neutralizassem, através de atitude firme e digna, as manobras extremistas que não se coadunavam com a justa homenagem a Vítor Bernardes».

Quatro horas demorou a percorrer a distância entre a Igreja de Nossa Senhora de Fátima e o cemitério dos Prazeres, devido a incidentes que, noutro ponto, vão descritos. Com efeito, um grupo minoritário, sem qualquer respeito pela família de Vítor Bernardes, impediu que o seu funeral constituísse uma digna manifestação de repúdio contra a repressão. Essa minoria, rompendo com a «fraternidade», maculou dois versos de «Grândola, vila morena»: «O povo

é quem mais ordena / dentro de ti, ó cidade!» Fazia, em suma, o jogo da reacção.

Através da rádio (muitas eram as pessoas que sintonizavam a reportagem do cortejo fúnebre nos seus transistores) sabia-se no cemitério, de momento a momento, a que distância se encontrava o corpo de Vítor Bernardes. Quando, cerca das 20 horas, se soube que o carro fúnebre se encontrava já a 300 metros dos Prazeres, os «esquerdistas» tentaram, de novo, obstruir o acesso ao portão central, insultando os democratas presentes. Conseguiram, de facto, esse objectivo. Contudo, dentro do cemitério, o cordão da C.D.E. mantinha-se imperturbável. Na intenção de chamar a si os populares, que, por espontânea solidariedade antifascista ali se encontravam, os «esquerdistas» de várias denominações distribuíam e afixavam para o ar centenas de panfletos, cujo denominador comum era o ódio às forças mais progressistas do País. Assim, por exemplo, a C.D.E. (movimento em que Vítor Bernardes activamente militava) era descrita como uma «organização invertebrada». Mas, como mais adiante se verá, a C.D.E. teve «vértebras» suficientes para barrar o caminho aos provocadores...

Minuto a minuto, Vítor Bernardes encontrava-se cada vez mais próximo. Os distúrbios causados pelos «esquerdistas» no largo fronteiriço ao cemitério dos Prazeres tiveram, em certos momentos, o efeito de uma manobra de diversão política bem sucedida: a indignação pelo que se estava a passar naquela hora quase se sobrepuja ao protesto desencadeado pelas bal-fascistas que dois dias antes tinham roubado a vida a um democrata.

Porém, essa manobra não tardou a ser neutralizada. Mal a urna foi retirada do carro fúnebre, os populares, auxiliados por jovens da C.D.E., conseguiram que fosse a

Bandeira Nacional a abrir o cortejo, deixando para trás as bandeiras dos movimentos «esquerdistas» que abusivamente pretendiam conferir a Vítor Bernardes, depois de morto, uma ideologia diferente daquela por que ele lutara em vida.

Depois de um momento de confusão (e confronto físico), a urna acabou por ser encaminhada para o espaço aberto pelo cordão da C.D.E. Frustrados os intentos dos «esquerdistas», estes afastaram-se do grosso do cortejo, e, com o uso de um megafone, empunhado por um simpatizante do M.R.P.P., tentaram realizar, já dentro do cemitério, um comício. Todos os seus inconscientes «slogans» eram, no entanto, abafados pelos gritos «Abaixo a reacção» e «O povo unido jamais será vencido».

Mais tarde, esses mesmos «esquerdistas», já em silêncio, assistiram à deposição do corpo de Vítor Bernardes no jazigo juncado de flores. Nesse momento, as bandeiras do P.A.I.G.C., Frelimo, M.P.I.A. e M.L.S.I.P., empunhadas por naturais da Guiné, Moçambique, Angola e S. Tomé e Príncipe, ondularam numa derradeira homenagem. Eram oito e vinte da tarde.

A saúda, chamadas altearam-se sob o apaucho da multidão: três bandeiras do M.R.P.P. foram reduzidas a cinzas. Queimadas e esquecidas. Só que as cinzas de Vítor Bernardes vítima da repressão reacçãoária, jamais serão esquecidas por todos quantos se batem pela implantação da democracia em Portugal.

LUTA POLÍTICA

No gavetão 1491 do cemitério dos Prazeres, repousa para sempre o corpo de Vítor Manuel Ferreira Bernardes, democrata assassinado pela polícia no desenrolar dos acontecimentos registados na passada quarta-feira, no Rossio. Milhares de pessoas, entre representantes de organizações ou partidos políticos e massas populares, ocorreram ao funeral, que constituiu uma impressionante manifestação.

A porta da Igreja de Fátima, gerou-se violento conflito entre o «serviço de ordem» da C.D.E. e os numerosos populares. Ao desejo dos primeiros de que o funeral seguisse de automóvel, responderam os segundos aos gritos de «O povo não tem carros»: «O povo vai a pé», «A pé, a pé».

Os primeiros recontros verificaram-se na Avenida Marquês de Tomar, eram já 17 horas. Durante todo o trajeto (Parque Eduardo VII, Sidónio Pais, Rato, Alvaros Cabral, Estrela) sucederam-se as agressões, os socos e as palavras de ordem. «Abaixo a nova P.I.D.E.», «O povo vencerá», «C.D.E. polícia de choque», «Morte ao fascismo», ao que os elementos da C.D.E. respondiam com «Abaixo os provocadores» e «Abaixo a nova C.I.A.».

Junto ao portão principal do cemitério dos Prazeres, encontravam-se desfaldadas bandeiras de diversas organizações, nomeadamente do Partido Socialista, do M.D.P./C.D.E., do Grupo Antifascista do Partido Socialista, do Movimento de Esquerda Socialista, da Liga Comunista Internacionalista, do Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado, da Frelimo.

Comício do P.S. em Bragança

BRAGANÇA — Conforme se encontrava anunciado, o secretário da Zona Norte do Partido Socialista levou a efeito na noite de ontem, com início às 22 horas no ginásio da Escola Técnica desta cidade, a sua segunda sessão de esclarecimento.

Com a presença de cerca de 400 pessoas, a sessão foi presidida pelo presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Bragança, Manuel Ferreira. Usaram da palavra, Eurico Figueiredo, de Vila Real, Carlos Cardoso e José Luís Nunes, membro do Conselho Directivo do Partido Socialista.

No decorrer das suas intervenções, os oradores abordaram a questão da reforma agrária, tendo-se referido aos objectivos políticos do P.S. e às diferentes posições dos partidos na coligação governamental.

ESTIGMATIZA A C.D.E.

"MANOBRAS PROVOCATÓRIAS"

«Grupos pseudo-revolucionários, nomeadamente do M. R. P. P.», transformaram o funeral de Vítor Bernardes numa manifestação provocatória contra o processo democrático em curso no nosso País», estigmatiza a comissão executiva do Movimento C. D. E. de Lisboa num comunicado divulgado ainda anteontem.

A sua reacção aos incidentes é do seguinte teor:

«Realizou-se hoje o funeral de Vítor Manuel Ferreira Bernardes, activista da C. D. E. morto no Rossio, vítima dos incidentes registados na madrugada de quinta-feira.

Milhares de pessoas quiseram prestar uma última homenagem a este nosso firme companheiro, tendo o funeral constituído uma larga manifestação de solidariedade de todos os democratas e significado um veemente repúdio contra as manobras reacçãoárias que permitiram a morte de Vítor Bernardes.

Há, no entanto, a assinalar alguns incidentes, embora sem grande significado, devendo-se exclusivamente à acção provocatória de grupos pseudo-revolucionários, nomeadamente do M. R. P. P.

É necessário referir que não foi feita nenhuma segregação em relação a qualquer das organizações políticas que se quiseram fazer representar. O grupo acima citado tinha-se, aliás, comprometido perante a família a respeitar a vontade desta relativamente à forma digna e silenciosa que se pretendia imprimir ao funeral.

No entanto, e bem pelo contrário, tais grupos procuraram aproveitar a cerimónia fúnebre para se autopropagandear e para a transformarem numa manifestação provocatória contra o processo democrático em curso no nosso País, levando pelos seus actos à natural e justa indignação dos populares presentes.

Estas actuações vêm mais uma vez provar a repetida afirmação das forças democráticas de que estes grupos fazem efectivamente o jogo daqueles que querem fazer regressar Portugal ao fascismo.

O Movimento C. D. E. de Lisboa, que associando-se aos desejos dos familiares de Vítor Bernardes e do próprio Governo, fez repetidos apelos à calma e serenidade, repudia veementemente os incidentes ocorridos.

O Movimento C. D. E. de Lisboa considera ainda que, graças à energia e firmeza dos seus activistas e simpatizantes, também hoje a reacção foi vencida, sendo apesar de tudo, necessário manter uma permanente vigilância contra aqueles que conspiram contra a situação democrática do País.

Lisboa, 17 de Agosto de 1974

Comissão Executiva do Movimento C. D. E. de Lisboa.

Já conhece o "buffet" Girassol?

Escolha o seu almoço ou jantar entre os frios, quentes, patés e saladas preparadas pelo «Chefe» Oliveira. Solução ideal para os «solteiros de Verão». Com um preço que é uma agradável surpresa...



HOTEL ALTIS
Rua Castilho, 11
Telefs 560071 562491 Lisboa 1

novidades EUROPA-AMÉRICA

PARA UMA DECISÃO CONSCIENTE, UMA INFORMAÇÃO CRITERIOSA

A DEMOCRACIA
— Georges Burdeau 40\$00

OS CINCO COMUNISMOS
— Gilles Martinet 77\$50

AS ORIGENS DA BURGUESIA
— Régine Pernoud 25\$00

O SOCIALISMO — Do Renascimento aos nossos dias
— Claude Willard 25\$00

A REVOLUÇÃO CULTURAL CHINESA
— Alberto Moravia 50\$00

A INTERVENÇÃO AMERICANA NO CHILE
— Armando Uribe 85\$00

AS HIERARQUIAS SOCIAIS
— De 1450 aos nossos dias
— Roland Mousnier 55\$00

O PODER DA INFORMAÇÃO
— J.-L. Servan-Schreiber 160\$00

Peça na sua livraria ou directamente a publicações europa-américa
Apartado 8 — Mem Martins

EXCURSÕES CP

GOZE FÉRIAS EM PORTUGAL

PARTIDAS DIÁRIAS

Viagem nos melhores comboios (1.ª classe)

● JARDIM DO MINHO

- ★ Excelentes ares, excelente cozinha, paisagens encantadoras...
- ★ Aloj. nos Hotéis de mais categoria em Viana do Castelo.
- ★ Praia do Cabedelo (transporte assegurado dos Hotéis).
- ★ Excursões facultativas: Passeio de manhã ao grande mercado de Barcelos; Passeio de barco no Lima, com almoço-piquenique; e Passeio a Valença e a Vigo.

— Períodos de 4, 5, 8 dias e mais...

— Preços de Lisboa, desde 1.100\$00.

● ALGARVE MARAVILHOSO

- ★ As belas praias de Lagos, Albufeira, Quarteira, Faro e Monte Gordo.

— Períodos de 2, 3, 4, 5, 7 dias e mais...

— Preços: Lisboa, desde 580\$00; Porto, desde 830\$00.

FAÇA JÁ A SUA RESERVA:

LISBOA: T. 36 75 29 — PORTO: T. 5 70 61

Informações e folhetos:

LISBOA — Estações de Lisboa-Rossio e St.ª Apolónia.

» — E. G. T. — Rua do Arsenal, 124.

PORTO — Estação de Porto-S. Bento.

SR. AUTOMOBILISTA...!

ECONOMIZE, AUMENTANDO A DURAÇÃO DO SEU AUTOMÓVEL

MANDANDO APLICAR NOS CHASSIS UM BANHO PLÁSTICO



UNDERCOATING
ANTI RUÍDOS E DISPENSA PINTURA

REVESTIMENTO PROTECTOR PARA CARROS NOVOS OU USADOS
GARANTIA DE 6 ANOS — PREÇO TABELADO

COTAL

RUA ARTILHARIA UM, 105 - A — TELEF. 68 31 31

RUA DOS LUSÍADAS, 113 - A — TEL. 63 10 57

Faça a sua marcação com antecedência

MÓVEIS PORTUGÁLIA
MÓVEIS DE ESTILO — ESTOFOS
CARPETES E ALCATIFAS —
CAPACHOS PARA AUTOMÓVEIS,
ELEVADORES, ETC.
Av. Almirante Reis, 100-A e D — LISBOA
Tel.: 82 16 12

LUSOFRIO

REPARAÇÕES
FRIGORÍFICAS

Telef. 77 62 87 — LISBOA



**MARIA ANNA NUNES
DE CARVALHO**

SERRA DA MOTTA

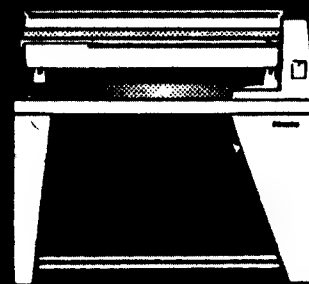
Confortada com todos os sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

Manuel Serra da Motta, Maria Manuela Nunes de Carvalho, Serra da Motta de Mello Sousa, seu marido João José Guerreiro, de Mello. Sousa e filhos, Maria do Patrocínio Serra da Motta Oleiro, seu marido e filhos, Fernando António Nunes Carvalho e sua mulher (ausentes) e mais família participam o falecimento da sua muito querida mulher, mãe, sogra, avó, cunhada, tia e parente e que o funeral se realiza amanhã às 11.30 horas, antecedido de missa de corpo presente, da Igreja do Sagrado Coração de Jesus para o seu jazigo no cemitério do Alto S. João.

AGÊNCIA BARATA

Máquina de passar a ferro B 855



Com o rolo ideal para peças grandes, e ainda uma das extremidades livres adequada à passagem de camisas e saias.

Miele

Agente Oficial:

M. L. FERREIRA

RUA DE D. ESTEFANIA, 48-A

Telef. 580498-45019-58958

AVENIDA DA REPÚBLICA, 54

Telef. 769430 — LISBOA

EXCURSÕES CP

MADRID

TODOS OS CAMINHOS VÃO DAR A MADRID
MAS O CAMINHO DE FERRO
É O MAIS SEGURO E CÔMODO

- Aproveite as nossas EXCURSÕES INDIVIDUAIS, com saídas DIÁRIAS nos comboios Ter (partida às 8.30) e «Lusitânia-Expresso» (partida às 21.10).
- Hotéis centrais de 2.ª e 1.ª classes. Assistência em Madrid.
- Partidas de Lisboa e Porto e das principais estações da CP.

Preços desde 980\$00

Programas e informações:

LISBOA — Estações de Lisboa-Rossio e St.ª Apolónia.
» — E. G. T. — Rua do Arsenal, 124.

PORTO — Estação de Porto-S. Bento.

Reservas rápidas — LISBOA: Telef. 36 75 29

» — PORTO: Telef. 5 70 61

OU NA SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

Serviços Municipalizados de Água e Saneamento do Concelho de Cascais

AVISO

Avisam-se os senhores consumidores de que para concessão de férias ao pessoal do Serviço de Leituras e Cobranças não será efectuada leitura dos contadores no mês de Setembro do corrente ano e que a cobrança dos consumos de água e das taxas de aluguer de contador do mês de Setembro, serão efectuadas no período de 1 a 13 do mês de Outubro próximo futuro.

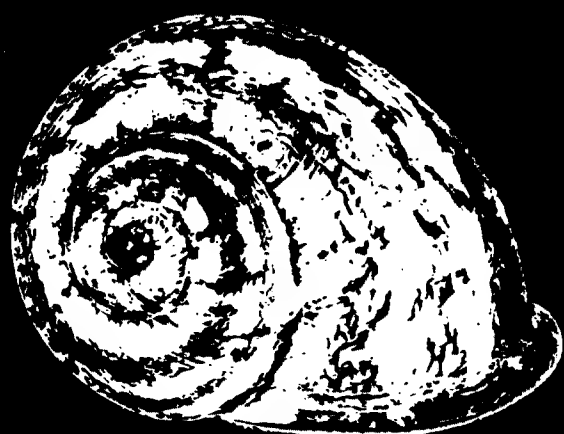
Cascais, 12 de Agosto de 1974.

O Presidente do Conselho de Administração

Sociedade de Construções Soares da Costa, SARL

DELEGAÇÃO DE LISBOA

COMUNICA A MUDANÇA DAS SUAS INSTALAÇÕES PARA A RUA VIRIATO, 25-1.ª, D.ª, EM LISBOA, COM OS TELEFS. 58610-553936, A PARTIR DO PRÓXIMO DIA 20 (TERÇA-FEIRA).



O que é construção Social?

O que é viver em casa própria?

**J. PIMENTA
E%PLICA-LHE I\$S\$O!**

O ENFARTE DO MIOCÁRDIO E OS FENÓMENOS IMUNOLÓGICOS

Tem-se prestado a maior atenção ao envelhecimento, à tensão arterial, ao colesterol do sangue e ao vício de fumar, como factores que podem conduzir ao enfarte do miocárdio. Numa recente edição de uma revista médica, patologistas e epidemiologistas ingleses revelam que também podem estar envolvidos factores imunológicos.

Colheram sangue a doentes hospitalizados por enfarte do miocárdio e por outras razões e descobriram que uma elevada percentagem dos doentes com enfarte tinham anticorpos contra o leite e contra a clara de ovo, mas não contra o gluten. Os teores de anticorpos eram mais altos nas pessoas que morreram até 6 meses após um enfarte.

Parece que altos títulos daqueles anticorpos, detectados precocemente após um enfarte, representam um grave prognóstico. Quando havia simultaneamente anticorpos contra o leite e contra a clara de ovo, a morte ocorria com o triplo da frequência. Mas está por descobrir como é que tais anticorpos predisponem para o enfarte.

PEIXES CONTAGIADOS PELO HOMEM

Uma equipa de investigadores da Escola Médica de Chicago demonstrou que os peixes não só são afectados pela poluição industrial dos rios, como também já começaram a sofrer de doenças tipicamente humanas, podendo manter o ciclo destas enfermidades, contagiando, por sua vez, aqueles que os comem, ou utilizam as águas, com fins desportivos, por exemplo. O estudo partiu da verificação de que as águas do rio Fox, próximo de Chicago, continham muitas bactérias e sobretudo imensos vírus, causadores de doenças humanas. A análise dos peixes daquele rio, revelou que eram portadores dessas infecções, sobretudo de constipações e de pomielite, à qual as carpas aparentam ser susceptíveis de um modo especial.

PROBLEMAS DOS VETERANOS DO VIETNAM

Quando o problema do consumo de heroína estava no acme, há alguns anos, os peritos fizeram a previsão de que os militares viciados, de regresso do Vietnam, viriam a contaminar toda uma geração de americanos com o vício da terrível droga. Um estudo dirigido pela «Repartição Especial da Casa Branca para Prevenção do Abuso de Drogas», acaba de concluir que o vício da heroína não constitui um problema grave para os veteranos desmobilizados. Os verdadeiros dramas são o alcoolismo, o desemprego e o divórcio.

Um investigador da Universidade St. Louis estudou 1000 casos de veteranos do Vietnam desmobilizados e regressados em 1971. No decurso de 8 a 10 meses após o regresso, 53 por cento entregaram-se ao alcoolismo e 45 por cento fumaram marijuana, mas o uso de outras drogas voltou aos níveis anteriores ao serviço militar. Só 14 por cento dos que se tinham habituado aos narcóticos no Vietnam se mantiveram viciados.

Ainda que o problema da heroína não seja tão grave como se temia, já outros dramas de readaptação que afectam os veteranos da guerra do Vietnam. 10 por cento deles divorciaram-se a seguir ao regresso. daquelas que casaram depois de terem voltado à sua pátria, 20 por cento já se tinham divorciado, no fim do período de duração do estudo. Na altura da primeira entrevista, 15 por cento dos ex-soldados não tinham emprego, nem tinham retomado os estudos. 20 por cento já tinham sido presos, sendo os delitos mais frequentes determinados por embriaguez.

EDUCAÇÃO MÉDICA E SERVIÇOS DE SAÚDE

Pelo prof PINTO CORREIA

A problemática do ensino das ciências clínicas está, na fase actual da evolução da sociedade portuguesa, muito mais dependente da estrutura e funcionamento do Ministério da Saúde (M.S.) e suas instituições do que das coordenadas universitárias, consideradas em sentido restrito. Esta afirmação é verdadeira a todos os níveis, desde os motivos de matrícula em Medicina até às carreiras médicas, especializações pós-graduadas, etc. etc. Tem repercussão muito mais profunda na educação dos estudantes de medicina e dos métodos das decisões tomadas no M.S. e em organizações médicas como o Sindicato Médico, do que as tomadas a nível de Universidade. Vistas as coisas de outro ângulo, a verdade é que a Universidade deve estar ou ser posta ao serviço da sociedade e portanto, neste sector, ao serviço dos problemas de Saúde que são equacionados pelo País e pelas estruturas de Saúde. Se assim for, então as decisões universitárias virão a ter real impacto na formação dos médicos. A este ponto voltaremos noutra altura.

Neste momento porém, não há dúvida de que o nó górdio do problema está no sector Saúde. Do que forem ou quiserem que sejam as suas instituições depende o futuro da Educação Médica em Portugal. Poderemos analisar alguns pontos separados, para comodidade de exposição.

1. As razões da escolha do exercício da medicina são várias, como é natural. Para uns será correspondente a qualquer coisa que se tem vindo a chamar vocação. Para outros será tradição familiar (2); para outros um modo como qualquer outro de exercer uma profissão e estar no mundo; para outros uma maneira mais ou menos fácil de ganhar a vida. O peso de cada factor depende, é evidente, das personalidades de cada um. Na situação actual da Medicina em Portugal, porém, só por engano é que alguém vai para Medicina com a ideia de desempenhar cabalmente uma actividade profissional com o nível social, moral e técnico que os padrões internacionais lhe conferem. Com efeito, a nossa medicina deve ser a de mais baixo nível da Europa. Socialmente, basta entrar no maior serviço de urgência do País, numa enfermaria ou nas cozinhas de qualquer hospital, visitar as luxuosas clínicas que se têm aberto ou um posto das Caixas de Previdência, para perceber que ali não está a justiça. Moralmente — enfim, cada um mete dentro da moral as forças que entende. Se aí incluir não só o seu comportamento individual mas também as dimensões sociais e técnicas que mencionei, será preciso meditar bem onde está a honestidade. Se as condições criadas pelas estruturas públicas ao exercício da Medicina se alheiam das suas exigências técnicas, sociais e morais, mas facilitam por

mecanismos vários (acumulação de funções, inoperância dos serviços públicos, culto do individualismo, obscurantismo médico, etc) a arrecadação de rendimentos, é provável que esta seja uma razão importante para muitos jovens escolherem Medicina. Ora não é esta certamente a motivação que se deve cultivar. De momento não vejo que seja possível outra. A educação médica não muda enquanto não mudarem substancialmente as motivações de escolha do curso de Medicina; e isto depende do modo como se exercer a Medicina.

«A etapa verdadeiramente fundamental na mudança do ensino dos futuros médicos e na educação permanente destes é a transformação dos nossos hospícios em Centros de Ciências de Saúde, com autêntica vida académica no sentido anglo-saxónico do termo, isto é, a prática da medicina no seu nível mais elevado de estudo, crítica, técnica, justiça e humanidade. Por Centros de Ciências de Saúde entendo aqui não só os Hospitais Centrais e muito provavelmente alguns Regionais (ou equiparados) mas também Centros de Saúde abertos directamente à população, escolas de enfermagem e profissões paramédicas. Sem a profissionalização do pessoal destes Centros não se dará nenhuma transformação profunda na educação médica em Portugal. Profissionalização significa que quer ensinantes quer ensinados consagram todo o seu tempo profissional a estas funções. A experiência de todo o mundo é clara. O que os E.U.A. fizeram no princípio do século, a Inglaterra e Escandinávia nos anos 30 e 40, os países socialistas após a guerra, a França em 1958 e a Espanha no último decénio são exemplos inofensíveis do que se afirmou. Só quem nunca viveu e trabalhou num destes locais tem dificuldade em imaginar a capacidade de rendimento intelectual, técnico e moral destas instituições. Elas têm que ser os centros animadores e alimentadores de toda a prática médica no País. Sem eles não se passa de mau artesanato. Ora a criação e funcionamento de tais Centros, embora dependa simultaneamente, como em todo o Mundo, do M.S. e da Universidade, está muito mais dependente da Saúde. Ela é que tem que decidir da sua existência, localização, dimensão etc. etc.

A Universidade deve depois dar-lhe a dimensão e os quadros de trabalho de investigação e ensino que a Saúde precisa mas de que não terá necessariamente que se ocupar. É aliás no fundo apenas uma questão de divisão de tarefas. Mas tem-se revelado útil. Em Centros destes, em Hospitais destes, cada acto tem dimensão educacional. Em relação aos profissionais

que nele trabalham, aos alunos, aos profissionais que trabalham na sua área de influência a ele estão ligados, ao doente, à população em geral. As alterações curriculares, o número de anos, o tipo de exames, etc. etc, cavaleiros de batalha de tantas lutas passam imediatamente a ter muito menos importância. Têm-na toda contudo quando nada mais há a oferecer.

A estrutura hospitalar, ligações com a população e com a classe médica em geral, condições de trabalho e remunerações, etc., são problemas que se levantam e merecem análise autónoma mas não são obstáculos intransponíveis. E não são porque o País não os pode dispensar.

3. A maioria das pessoas condiciona a sua preparação profissional por aquilo que lhe é exigido em provas ocasionais e sobretudo no exercício diário da profissão. Sob pretexto de ausência de estruturas válidas algumas correntes demagógicas e oportunistas têm proposto a abolição pura e simples ou a extrema redução das provas (seja exames ou concursos) sem a substituição por qualquer coisa que seja a garantia social dos mínimos exigidos. Isto está errado. Contudo, embora se admita sempre uma certa distância entre o conhecimento perfeito exigido (também para aprovação se exige apenas metade da pontuação da escala) e a prática regular, a verdade é que na medicina portuguesa, essa distância atingiu muitas vezes quase o infinito. O que se faz, ou pode fazer, na maioria dos Hospitais, em pouco excede o que uma boa prática extra-hospital devia conseguir.

A prática clínica corrente, institucionalizada, é representada paradigmaticamente pela Medicina dos Serviços Médico-Sociais, Burocratizada, isolada das estruturas de Saúde, sem dimensão preventiva, feita como expediente, comercializada nas suas ligações com as técnicas mais diferenciadas ou com os internamentos, representa entre nós o tipo de Medicina que não deve ser.

É legítimo perguntar que tipo de motivações encontram os profissionais para se aperfeiçoarem, se sabem que não vão poder exercer uma melhor profissão. Desaparecida a dinâmica da oferta e procura ou da melhor oferta da Medicina liberal, não se criou outra dinâmica válida que a substituisse. E por isso se assiste à montagem duma dispendiosíssima medicina organizada e ao florescimento paralelo da medicina livre. Sem competição e sem infra-estruturas esta perdeu porém o seu impacto como força de aperfeiçoamento dos profissionais. Qualquer esforço para melhor treino e educação dos médicos possa

forçosamente pela organização dos Serviços médicos de tal modo que seja necessário e útil uma melhor preparação (e a população portuguesa bem a merece), mas também que seja inadmissível a impreparação e negligência.

4. Intimamente ligado com as estruturas hospitalares ou extrahospitalares, está o problema das carreiras médicas. Carreiras pressupõe organização clara, conhecida, possibilidade de promoção; mas também condições dessa promoção, garantias de trabalho e responsabilidade pelo mesmo trabalho. Pressupõe educação permanente e responsabilidade permanente. E o oposto de acaso, negligência, ignorância, irresponsabilidade. Se o factor demagógico, oportunista ou facilitador se introduz por vias políticas em carreiras profissionais, o assunto pode ficar definitivamente inquinado. Aquelas eram as ideias propostas no conhecido Relatório das Carreiras Médicas; estes os vícios com que eles foram introduzidos durante os últimos 6 a 8 anos. É fácil abrir o Internato a todos os Médicos. Apenas questão de verba. Mas em que Hospitais e em quais Hospitais. Nada se alterou nestes e inundaram-se 5 organizações hospitalares do País (os chamados Hospitais Centrais) com todos os recém formados, a trabalhar 3 a 4 horas por dia, sem se promover decididamente a transformação dos Hospitais Distritais para a eles obrigatoriamente, se alargar a carreira. Por outro lado, estes mesmos internos são solicitados simultaneamente pela Medicina organizada para aí se burocratizarem e perderem todo o sentido de observar doentes.

Para garantir mais a «estabilidade» hospitalar alargam-se subitamente os quadros de especialistas dos mesmos hospitais, com o que se satisfaz larga clientela mas se deixa intocado, e talvez intocável durante longo período, o regime de funcionamento dos mesmos.

Especialista de quê e para quê? Onde se vai exercer? Nos mesmos Hospitais? Mas então todos os Médicos do País vão ficar nos 5 Hospitais Centrais? Se todos são especialistas pode presumir-se que o nível ou é excepcional ou é muito baixo. E a população, quem a vê e trata? Os mesmos especialistas que, fora do Hospital, desempenham as mais variadas tarefas médicas?

E portanto natural que com este panorama de falsas carreiras o estímulo educacional seja escasso, a responsabilidade seja mínima e a competição saudável e promotora nula. E sobretudo, fique cada vez mais longe a noção de serviço do doente e da população.

Mais uma vez: os esquemas educacionais, a sua motivação ou funcionamento estão intrinsecamente ligados ao modo de organização dos Serviços de Saúde.

DESPORTOS

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

UM CHARCO CHEIO DE PEDRAS, DE LODO, DE LAMA

O ciclismo profissional português riscou o seu nome do mapa. Morreu, Acabou. Finou-se. Não na glória do Senhor mas, indesejavelmente, em lodo e lama, por entre desconfianças e ofensas, sem o mais pequeno respeito de humanos por gente da mesma pele. Foi pena: mas aconteceu. E, se o pensamento (com o funeral para Alvalade) é passível de uma ressurreição, a longo prazo, ela apenas será possível a partir do instante em que o Desporto acerte o passo para remodelações que, noutros sectores, se operaram após o «25 de Abril».

De facto, e pese embora o respeito que o novo Secretário dos Desportos e o recém-vindo Director-Geral possam vir a merecer, assistimos neste momento a uma total apatia de quem já teve tempo mais que suficiente para dar sinal de vida, agir, mover-se, manifestar-se. Dar, ao menos, um pio.

Os acontecimentos que ensoberbaram a mais disputada (mas igualmente mais triste «volta» a Portugal de todas as eras) são uma razão directa da carência de dirigentes no Desporto português: venham elas para a ribalta com designação oficial ou despoentem, como cogumelos, à sombra de emblemas clubistas. Momento, portanto,

para um sério acto de análise a este tipo de espectáculo que, salvo melhor aparição, terá de ser considerado dentro do tipo «show-business» e, dessa maneira, saltar do campo meramente desportivo para outro plano bem diferente.

Mas, enquanto não se encara o problema sob tal prisma, ao mesmo tempo que permanece sem vida o tão desejado Sindicato do Profissional do Desporto (treinador, jogador de futebol, monitor, preparador físico, massagista, secretário-técnico, ciclista, «boxeur») há que tomar imediatamente as rédeas de um desenfreado cavalo que se acoberta sob a capa de «ciclismo profissional» e que, como toda

a gente sabe, é a miséria doirada com que se acena a meia dúzia de rapazes cheios de boa vontade (mas com o estômago muitas vezes a puxar para o vazio) tendo a encaminhá-los para esse desporto-espectáculo esgotante e duríssimo que é também pretexto para, durante pelo menos duas semanas, uns senhores muito importantes darem ordens aos seus «pupilos» a moços que, na maioria, não estão ali para outra coisa que não seja pedalar, sofrer, escutar e cumprir.

O leitor sabe como as coisas se passaram: na estrada que conduziu à Mealhada, cinco equipas desertaram da luta. Os nomes dos que fugiram: Coelima, Ambar, Salgueiros, Sangalhos e F.C. do Porto. O pretexto, também já foi dito e redito: o modo como se processava o controlo anti-«doping» (melhor dizendo como não se processava...) levou esses clubes a criarem frentes unidas contra o delegado da Federação na corrida (José Maria Simões) e, depois de ter sido tentada uma destituição do cargo, de se pensar (talvez) numa marcha itinerante com as forças vivas de cada terra e muitos estandartes (recordações saudosas de tempos perdidos) achou-se que ainda o melhor seria enviar um ultimato ao Secretário de Estado dos Desportos, documento que (como se pode ler) bem define os ditatoriais sistemas de «modus-vivendi» em determinadas colectividades, em certas empresas, em locais a que ainda não chegou o saneamento de ideias que foi a melhor dádiva de 200 portugueses de hoje.

Basta ler o telegrama seguinte: «Senhor Secretário de Estado dos Desportos.

«Através exposição entregue Direcção Volta Portugal Bicicleta e Órgãos Informação decidiram Clubes signatários não aceitar análise «antidoping».

«Segundo teor comunicado neste momento entregue foi habilitadamente transferido Direcção-Geral Desportos responsabilidade julgamento dos Ciclistas faltosos análises.

«Clubes signatários mantêm posição inicialmente tomada abandonando prova se até onze horas não sejam devidamente esclarecidos da justiça que o caso merece consistindo essencialmente em não ser aplicadas sanções ciclistas faltosos análise.

«Clubes lamentam atitude a que foram coagidos repudiando

Por
NEVES DE SOUSA
Nosso enviado especial

sistema ilegal praticado por Delegado F. P. C.

«Saudações Desportivas: F. C. Porto, Ambar, Coelima, Salgueiros e Sangalhos.

Evidentemente que ninguém de bom senso esperaria que o Secretário de Desportos mandasse abrir uma repartição que estava encerrada no fim-de-semana só para acudir a este tremendo caso que poderia fazer cair o Governo. Claro que o mesmo Secretário de Desportos, ainda que tivesse recebido o telegrama a tempo de o poder despachar, faria como qualquer pessoa inteligente: não cederia nunca a uma quase «chantagem», jamais pactuaria com a desorganização, não se intrometeria em casos que dizem exclusivamente respeito à Federação, às Associações, aos Clubes, ao medo que todos os desistentes evidenciaram dos seus ciclistas serem encontrados em falta no tal controlozinho que detecta produtos proibidos, no tal exame que só foi pena não tivesse sido ordenado nas Penhas para o portista Manuel de Sousa para, então, se saber de que lado mora o sentido humanidade e o respeito pelo empregado que trabalha num labor em que é cegamente manipulado por pessoas sem escrúpulos que dele fazem joguete das suas efémeras vaidades.

Como a resposta ao ultimatum não veio, 27 trabalhadores do pedal voltaram para casa com as mãos vazias, sem um centavo de seu, após um ano de preparação para o seu único «métier» e para o modo de o exercer com alguma vantagem. A miragem «Volta» (com os seus proventozinhos, foi sol de pouca dura. Ante uma tal atitude de força, os cinco clubes perderam toda a razão: agora, quem se responsabiliza pelas indemnizações a quem tem direito Custódio Gomes (perto de 60 contos deitados a voar) e Joaquim Andrade (a hipótese de uma conquista nas etapas em que poderia melhorar na tabela geral), quem apaga da imaginação do «coelima» José Martins o sonho bonito que justamente alimentava (o triunfo voltista do grande favorito da prova estava a um passo de concre-



Sousa Santos ao «Diário de Lisboa»: «Foi a maior palhaçada que já vi, em vinte e tal anos de andar metido nestas coisas da «Volta». Que queriam que nós fizessemos?»

tizar-se), quem é capaz de sufocar a massa associativa «portista» do legítimo direito de saber em que é gasto o seu dinheiro?

A Ambar e a Coelima, sabendo as linhas com que se cose: são empresas prósperas e, gastam mais umas centenas de contos que o previsto, não deita ao solo as fábricas ou a maquinaria. Porém, iriam para casa na Mealhada se a Ambar pudesse contar com Dinis Silva ou se a Coelima tivesse no activo a decepção José Pereira ou o pouco brioso salamanquino Tamarés!

O Sangalhos, se não tivesse ocorrido a queda brusca e repentina de toda a sua formação (com Joaquim Sousa Santos a arrastar-se penosamente na bicicleta, amiúde amparado a dois companheiros de desdita) também regressaria à Bairrada logo após ter feito o gosto ao dedo com o festivalzinho na sua pista!

São casos que, como chamam crepitantes, saltam à vista do mais leigo dos juizes. E que, nesta pausa para meditação sobre o adeus dado ao Ciclismo profissional no nosso país, ficam a marcar comportamentos, prepotências, asneiras e indignidades.

Muito terá que ser dito sobre o que foi esta derradeira «Volta a Portugal em bicicleta»: o exame que se impõe será mais um abalar das misérias do Desporto profissional e da desenfreada clubite que impera por estas bandas. Mas, até que não se desenrole todo o fio desta intrincada meada, até ao instante em que não se possam chamar as

mos (com o maior respeito) os ciclistas do Ginásio de Távira

(que obrigaram os seus dirigentes a respeitarem a palavra dada à organização «voltista»), tiremos o chapéu aos orientadores e aos interpretes do ciclismo sportinguista e benfiquista, que resistiram a todas as tomadas de posição pela força descontrolada de nervos em franja e corações incandescidos pelo ódio e pela sofisma. Os ciclistas de Távira, as equipas do Sporting e do Benfica (desde o simples «aguadeiro» ao director mais rotulado) bem mereceram que o Povo estivesse na estrada, para vê-los, ontem, na última pinga de esforço entregue à sua profissão. E, enquanto a história velocipédica deste ano português não começa a ser feita, uma palavra ainda de compreensão para três lutadores: Jorge Lara, António Fernandes e Idalino de Freitas não justificam o dedo em riste com que foram muitas vezes apontados. Eles foram, como se viu, gente de cabeça erguida, de uma só palavra e uma só fé. Não se deixaram resvalar nos meandros pardacentos em que mergulharam os despeitados, todos quantos (a partir do instante em que Joaquim Agostinho se quedava pelas Gálias) logo imaginaram que qualquer bicho-careta poderia chegar ao «podium» de Alvalade mercê da sua «brilhante» orientação.

Reservamo-nos para, a partir de amanhã, dissecarmos a «Volta-74». Para já, um pedido: o leitor que comece a ser juiz de uma questão que diz respeito a muito do que é comum no dia-a-dia da vida. A exploração do Homem pelo próprio Homem, esse novo tipo de escravidão que vive cobardemente nas palavras espertalhonas de quem fala para quase analfabetos.

CLASSIFICAÇÕES

Etapas Mealhada - Cadaval INDIVIDUAL

	H. M. S.
1.º A. Martins (Benf.)	4 50 59
2.º F. Mendes (Bf.)	4 51 17
3.º Dinis Silva (Bf.)	4 51 22
4.º Joaquim Leite (Bf.)	4 51 33
5.º F. Bernardino (Sp.)	4 51 43
6.º César Aires (Tav.)	4 51 43
7.º V. Fernandes (Bf.)	4 51 57
8.º C. Vitorino (Tav.)	4 52 10
9.º J. Fernandes (Tav.)	m. t.
10.º A. Teixeira (Sp.)	4 52 20
11.º A. Silva (Bf.)	4 52 22
12.º L. Miranda (Sp.)	m. t.
13.º José Pacheco (Bf.)	m. t.
14.º Luís Dóres (Tav.)	4 52 44
15.º F. Ferreira (Sp.)	4 53 21
16.º A. Barradas (Sp.)	m. t.
17.º Vitor Rocha (Sp.)	4 53 53
18.º A. Nascimento (Tav.)	4 54 32
19.º Manuel Gomes (Sp.)	4 54 40
20.º J. M. Nunes (Tav.)	m. t.

Etapas Cadaval - Autódromo do Estoril INDIVIDUAL

	H. M. S.
1.º Manuel Gomes (Sp.)	2 32 33
2.º Fern. Mendes (Bf.)	2 32 38
3.º Joaquim Leite (Bf.)	2 32 43
4.º Dinis Silva (Bf.)	2 32 48
5.º Leonel Miranda (Sp.)	m. t.
6.º Arm. Barradas (Sp.)	m. t.
7.º César Aires (Tav.)	m. t.
8.º António Martins (Bf.)	m. t.
9.º Américo Silva (Bf.)	m. t.
10.º F. Bernardino (Sp.)	m. t.
11.º V. Fernandes (Bf.)	m. t.
12.º C. Vitorino (Tav.)	m. t.
13.º J. M. Nunes (Tav.)	m. t.
14.º Vitor Rocha (Sp.)	m. t.
15.º J. Fernandes (Tav.)	m. t.
16.º Luís Dóres (Tav.)	m. t.
17.º José Pacheco (Bf.)	m. t.
18.º A. Teixeira (Sp.)	m. t.
19.º F. Ferreira (Sp.)	m. t.
20.º A. Nascimento (Tav.)	2 40 21

Etapas Autódromo do Estoril - Estádio de Alvalade INDIVIDUAL

	M. S.
1.º Fernando Mendes (Bf.)	47 57
2.º F. Bernardino (Sp.)	48 32
3.º Dinis Silva (Bf.)	48 57
4.º V. Fernandes (Bf.)	50 08
5.º José Pacheco (Bf.)	50 11
6.º Joaquim Leite (Bf.)	50 13
7.º António Martins (Bf.)	50 14
8.º Américo Silva (Bf.)	50 51
9.º Luís Dóres (Tavira)	50 56
10.º Manuel Gomes (Sp.)	50 59
11.º César Aires (Tavira)	51 19
12.º Fernando Ferreira (Sp.)	51 27
13.º Armindo Barradas (Sp.)	51 38
14.º Carlos Vitorino (Tavira)	51 49

15.º J. Maria Nunes (Tav.)	51 49
16.º Jorge Fernandes (Tav.)	51 56
17.º António Teixeira (Sp.)	52 06
18.º Vitor Rocha (Sp.)	52 31
19.º Leonel Miranda (Sp.)	53 08
20.º Ald. Nascimento (Tav.)	54 21

EQUIPAS

	H. M. S.
1.º — BENFICA	2 27 02
2.º — Sporting	2 30 58
3.º — Távira	2 34 04

FINAIS INDIVIDUAL

	H. M. S.
1.º F. Mendes (Bf.)	54 39 13
2.º Dinis Silva (Bf.)	54 39 30
3.º A. Martins (Bf.)	54 39 53
4.º F. Bernardino (Sp.)	54 40 46
5.º César Aires (Tav.)	54 41 23
6.º Joaquim Leite (Bf.)	54 46 36
7.º Car. Vitorino (Tav.)	54 46 51
8.º Américo Silva (Bf.)	54 47 52
9.º V. Fernandes (Bf.)	54 53 40
10.º Luís Dóres (Tav.)	54 54 52
11.º José Pacheco (Bf.)	54 55 02
12.º J. Fernandes (Tav.)	54 55 26
13.º A. Teixeira (Sp.)	55 01 10
14.º Vitor Rocha (Sp.)	55 03 50
15.º F. Ferreira (Sp.)	55 07 27
16.º L. Miranda (Sp.)	55 12 14
17.º J. M. Nunes (Tav.)	55 17 13
18.º Manuel Gomes (Sp.)	55 21 46
19.º A. Nascimento (Tav.)	55 37 18
20.º A. Barradas (Sp.)	55 41 43

EQUIPAS

	H. M. S.
1.º — BENFICA	163 45 40
2.º — Távira	164 10 43
3.º — Sporting	164 14 03

METAS

	P.
1.º Fernando Mendes (Bf.)	12
2.º Joaquim Leite (Bf.)	8
3.º Jorge Fernandes (Tav.)	7

MONTANHA

	P.
1.º Joaquim Leite (Bf.)	65
2.º Firmino Bernardino (Sp.)	37
3.º Dinis Silva (Bf.)	27
4.º António Martins (Bf.)	18
5.º Fernando Mendes (Bf.)	16

PONTOS

	P.
1.º Fernando Mendes (Bf.)	61
2.º Joaquim Leite (Bf.)	39
3.º Dinis Silva (Bf.)	27
4.º Firmino Bernardino (Sp.)	23
5.º António Martins (Bf.)	19

CAMISOLA VERDE
Prémio Philishave



CAIBARETISMO

TODAS AS BEBIDAS
QUE QUISER
DAS 22.30 H. EM DIANTE

UM ESPECTÁCULO
DE MUSIC-HALL

(O SHOW COMEÇA ÀS 23,30)

RESERVAS PELO TELEFONE
28 37 50

PRAÇA DE TOUROS DE CASCAIS
PÓRTICO N.º 11

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

EM ALVALADE, COM A "VOLTA"

TRAZIAM TODOS MUITO QUE CONTAR

A «Volta» terminou em apoteose. Como sempre. Pese embora a «machadada» que representou para a corrida a desistência das cinco equipas norte-nhas a dois dias do final da prova. Mesmo assim, o final foi apoteótico. Só que essa apoteose ficou a dever-se em grande parte (para não dizer mesmo exclusivamente) ao extraordinário entusiasmo com que o público vive, tradicionalmente, o acontecimento desportivo que é a «Volta».

Em Alvalade, menos público que o costume: mas, a mesma vibração, o mesmo fervor clubista todo ele «vestido» de vermelho, a carácter com a cor dominante da competição em matéria de honrarias. Resta saber se a renda feita pela bilheteira está na razão directa desse entusiasmo popular e se o Sporting,

nada que ver com os controlos anti-doping.

VIRTUDES E DEFEITOS

Por sua vez, António Fernandes (director-adjunto e representante das Associações) declarou-nos:

— Não há «Voltas» perfeitas. Há «Voltas» com defeitos e as mesmas «Voltas» com virtudes. Esta foi mais uma «Volta» como as outras, com os seus defeitos e com as suas virtudes. Alguns dos defeitos não podem ser atribuídos à Organização: o caso dos leiteiros de Vagos, o caso dos controlos anti-doping, enfim, são coisas que acontecem. Muita gente, por desconhecimento, atribui culpas e responsabilidades à Organização, mas isso não está certo. Aconteceu por outras razões. Por outro lado a parte desportiva foi, de fac-

TER OU NÃO TER OS CORDELINHOS NA MÃO

O director da corrida (Jorge Lara) o homem que tem estado na berlinda desde que a «Volta» arrancou do Porto e que se viu a braços com os muitos e intrincados problemas da competição, declarou-nos:

— Das duas, uma: ou, para o ano, temos os cordelinhos todos na mão e fazemos a escolha dos juizes e cronometristas, fazemos a escolha do júri, fazemos a escolha dos homens que se encarregam do controlo anti-doping, ou, então, não fazemos a «Volta». Por que estar a apanhar por tabela é muito aborrecido. É muito aborrecido e não estamos para isso. Todos se atiram à Organização, mas a verdade é que a Organização não tem nada que ver com o controlo anti-doping, não tem nada a ver com os juizes e cronometristas, e só tem numa quarta parte a ver com o júri. É pouco: queremos tudo.

Apreciando a «Volta», desportivamente, disse:

— Foi a mais bem disputada destes últimos anos. Basta ver as mudanças que se deram no portador da camisola amarela.

— Pode atribuir-se isso à ausência de Joaquim Agostinho?

— Até posso dizer uma coisa: houve muita gente que não gostou de eu ter chamado «ditador» ao Agostinho, mas a intenção era apenas de elogio ao Agostinho. «Ditador» porque era o homem que mandava no pelotão. E toda a gente sabe que era assim. Portanto, quando eu lhe chamei o «ditador» Agostinho, isto queria dizer um elogio, uma homenagem aquele que é, indubitavelmente, o melhor ciclista português. Faltando ele, todos os outros sentiram que tinham possibilidades e então houve a luta que se viu. Mas, se me perguntarem se gostava de ter o Agostinho na «Volta», pois está fora de qualquer dúvida; gostava, mas o que não tinha sido era tão bem disputada como foi, por que a força dele é muita, é de mais para os restantes ciclistas portugueses.

— Quanto ao desfecho da «Volta»?

— Ainda não sei quem é que ganhou a «Volta». Se foi o António Martins, está bem entregue, como bem entregue estará se foi o César Aires, ou o Fernando Mendes, ou o Bernardino e tenho muita, muita pena de um homem (não sei se a ganharia, mas que poderia ganhá-la e os seus dirigentes tiraram-lhe essa possibilidade): um rapaz que é um dos nossos melhores ciclistas, chama-se José Martins, e trabalha para a Coelima. Esse, sim, tenho pena, como o Joaquim Andrade que podia ter ganho a «Volta» e não o deca-



Foi a mulher de Mendes quem, em Alvalade, vestiu a camisola amarela ao campeão nacional.

a Portugal. Como se compreende, estava radiante. Foi para ele um dia inesquecível. Afirmou:

— O contra-relógio correu-me muito bem. A estrada não era muito propícia para uma prova desta natureza, mas não me posso queixar porque foi igual para todos.

E referindo-se à corrida no seu conjunto:

— Como é do conhecimento geral, a quatro semanas do início da «Volta», eu fui operado a um quisto. Comecei a prova em má forma. Depois, fui-me recompondo gradualmente e por fim já me sentia bem. No entanto, quero agradecer a todos os meus colegas de equipa e ao treinador a grande ajuda que me deram. A eles devo esta vitória na «Volta», mas quero dedicá-la a minha mulher e a meus pais, que são as pessoas que mais adoro. Embora as equipas do Norte tivessem desistido, acho que esta vitória teve o mesmo mérito.

A MAIOR ALEGRIA

Américo Silva, o ciclista emigrante, que regressou de França com o «25 de Abril» para correr a «Volta» na sua antiga equipa, foi sincero nas suas considerações:

— Estou muito contente por ter ganho o Fernando Mendes, como contente estaria se tivesse ganho o António Martins. Mas a maior alegria que eu podia ter na minha vida foi ter ganho o Mendes, que foi sempre um excelente companheiro. Gostei de o ter ajudado a alcançar esta vitória, pois ele deu tudo por tudo para eu ganhar em 1968. Este ano ofereci-me ao Benfica e fiz o meu melhor para o ajudar nas primeiras etapas quando o Mendes andava atrapalhado por causa da operação: hoje, sinto-me tão feliz como se tivesse sido eu a ganhar a «Volta».

— Quanto à desistência das cinco equipas, disse:

— Dou-lhes razão por que o controlo anti-doping ou fa-

ORGULHO

Outro benfiquista. António Martins:

— A vitória do Mendes está certa. É a primeira vitória depois de tantos anos a correr a prova. Já a merecia. Como colega de equipa sinto muito orgulho em ter contribuído de algum modo para essa vitória. Quando parti para o contra-relógio já contava com o êxito do Mendes, que nestas provas é muito melhor que eu.

E a terminar:

— Acho que os clubes se retiraram procederam mal. Gostava de saber o que é que eles ganharam com isso.

PARABÊNS

Outro benfiquista: Dinis Silva, o jovem que confirmou as suas grandes possibilidades e que promete ir longe. Disse-nos:

— Estamos todos de parabéns por termos ganho a «Volta», pois creio que fomos a melhor equipa, os que trabalhamos mais. Estou satisfeito por ter sido o Mendes a ganhar, pois era uma vitória que fazia falta no seu palmarés. Ninguém duvidará que é um grande ciclista. De início ele não estava em forma, mas nós ajudámo-lo. De resto ele também nos ajudou, especialmente a mim e ao António Martins. No entanto, ele não foi perdendo muito tempo e, agora, no contra-relógio, venceu com todo o mérito. Mais do que se fosse eu, pois não me faltaram oportunidades para o conseguir.

A concluir, o caso das equipas desistentes:

— Não concordo com a decisão que tomaram. Acho que foi uma decisão precipitada, que tirou muito valor à «Volta». Naturalmente desistiram por que acharam que não tinham possibilidades de ganhar. Não lhes dou razão para o que fizeram, pois como se sabe era para não haver controlo e a Coelima pe-

Benfica assim fez e como é um clube com muitas responsabilidades não podia voltar com a palavra atrás. De qualquer maneira, não foi por eles terem desistido que nós ganhámos a «Volta»: estávamos fortes e, de qualquer maneira, seríamos sempre os vencedores, embora tivéssemos adversários dignos de todo o respeito, principalmente o José Martins.

ESTAR COM OS OUTROS E ABANDONA-LOS

Outra opinião: um taviense, o dirigente Brito da Mana:

— Sempre contei que o Mendes ganhasse. Principalmente desde Seia. Bastava ver a maneira como ele andava e a equipa que tinha.

Quanto aos desistentes, afirmou:

— sempre estive do lado deles. Até certo ponto não estava muito de acordo em abandonar a corrida, com receio de que isso pudesse prejudicar o Ciclismo. No entanto, se eu pudesse, se tivesse dinheiro para indenizar os meus ciclistas, já tinha abandonado a corrida. Mesmo assim, estive para deixar a prova mesmo no último momento que antecedeu a partida da Mealhada. Se as entidades oficiais tivessem o conhecimento exacto dos acontecimentos não podem deixar de lhes dar razão em terem protestado contra o controlo. No aspecto de terem desistido da prova não sei realmente como é que a situação irá ser encarada. De qualquer modo, tomaram uma posição e agiram conforme a sua consciência. E isso é muito importante.

GUITA JUNIOR



A máscara de esforço que valeu a saborosa conquista.

depois de pagar o combinado aos organizadores, ainda ganhou para as outras despesas.

TEMA

No meio das manifestações de alegria a que se entregaram legitimamente os adeptos benfiquistas (a vitória de Fernando Mendes foi bem saudada, tanto pelos adeptos como pelos ciclistas e dirigentes) o tema dominante era o da desistência, na Bairrada, das cinco equipas do Norte, o que reduziu o pelotão

to, extraordinária. As boas médias que se conseguiram, a mudança da camisola amarela por cinco vezes e muitas etapas com milhares de espectadores e, por último, esta apoteose hoje (do Estoril para Alvalade) são factos bem significativos.

E quanto à desistência das equipas do Norte?

— Sou o primeiro a lamentar o que se passou, visto tratar-se de equipas da minha Associação. Não nego a razão que lhes assistia, mas entendo que os problemas não se resolvem com

NOTAS VÁRIAS

PEDRO COELHO DIALOGA COM EMIGRANTES

A fim de iniciar uma série de reuniões com os trabalhadores portugueses emigrantes, que se encontram de férias entre nós, o secretário de Estado da Emigração, eng.º Pedro Coelho, esteve no Sabugal. Ali contactou com emigrantes algarvios e alentejanos, que acabavam de entrar em Portugal e estavam de passagem, o mesmo acontecendo em Vilar Formoso e na aldeia da Lejosa. Houve finalmente uma reunião no Sabugal, durante a qual várias centenas de emigrantes expuseram os seus problemas e ouviram do eng.º Pedro Coelho as linhas fundamentais do programa do Governo Provisório, face à emigração.

MATOU A MULHER E SUICIDOU-SE

«O meu fim será a tristeza» — dizia Olímpia Vieira, de 51 anos, referindo-se às cenas de ciúmes do marido. No sábado, provavelmente após uma discus-

são, Elias Marques Vieira, de 56 anos, empregado da Standard Eléctrica, agrediu a cabeça a mulher, deitou-a, nua sobre uma cama do sótão, cobriu-a com várias peças de roupa. Em seguida regou-a com um diluente e lançou-lhe fogo. Praticado o crime, na Rua Marcos Portugal, 73, Marques Vieira apanhou um táxi, na companhia de uma sobrinha de sete anos, com quem o casal vivia. Ao despedir-se da pequena afirmou: «diz aos teus pais que matei a tia». Horas depois o criminoso foi encontrado num terreno baldio, no Areeiro. Suicidara-se com um tiro de pistola. Quando os bombeiros chegaram ao local do crime, o cadáver da mulher já estava muito consumido pelas chamas.

OBRAS DO PORTO DA PÓVOA

A Direcção-Geral de Portos vai iniciar a primeira fase do programa de melhoramentos do porto da Póvoa de Varzim. As obras, postas agora a concurso e orçamentadas em 52 500 contos, compreendem: infra-estruturas do núcleo de pesca, que incluem os cais acostáveis e de abastecimento para combustíveis, pavimentação de todo o terço e construção das respectivas redes de água, esgotos e electricidade.

DOIS MORTOS NA COVILHÃ

Devido ao rebentamento do pneu de um tractor, na freguesia de Unhais da Serra, Covilhã, morreram um tractorista e o seu ajudante. São eles, José da Conceição Moura, de 27 anos, residente na freguesia de Peroviseu (Fundão) e José António Pereira Júnior, de 22, de Unhais da Serra, respectivamente.

LONAS

REPS, LINTEX
CHAPÉUS DE SOL
MATERIAL DE JARDIM
novo e usado barato
R. Leite de Vasconcelos, 16-A
Tel. 849689

RESIDENCIAL DO MARQUÊS

a estrear, central, confortável, abs. sossegado. Ac. hóspedes.

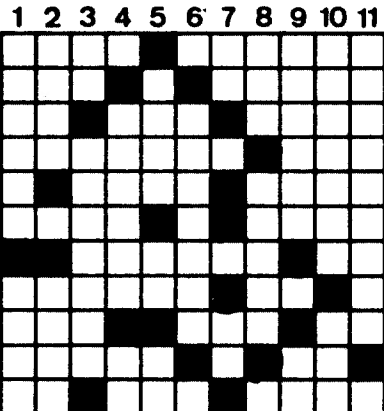
Filial luxuosa pr. Cidade Universitária. Climatizada, c/ garagem, frigoríficos, nos quartos c/ aperit. e bebidas. Tem garagem. Tel. 72 27 68.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 10864

HORIZONTAIS:

- 1 Pinga. Asneira (fig).
- 2 Apelido. Varão.
- 3 Brisa. Mesquinho. Suga o leite materno.
- 4 Vagabundos. Grande quantidade.
- 5 Prender com elos. Expulsi.
- 6 Pronome demonstrativo. A Irlanda.
- 7 Juntas. Interjeição que exprime admiração.
- 8 Percorrer a roda de. Pronome pessoal.
- 9 Época. Transpira. Praxidónio (s. q.).
- 10 Aspecto. Oferece.
- 11 Ribeira da Ásia Russa. Intimo. Pronome possessivo (pl).



VERTICAIS:

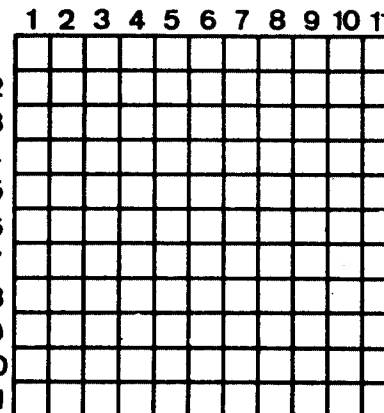
- 1 Vasto. Valeta.
- 2 Metal precioso de cor amarela. Rezem.
- 3 Porco. Mensalidades.
- 4 Vaga grande. Pronome pessoal.
- 5 Tarefa. Distar. Moderato (inv.).
- 6 Fome. Pl. e pop.
- 7 Interjeição que exprime espanto. Artigo indefinido.
- 8 Diapasão. Antiga arma de disparar pelouros ou setas.
- 9 Poisar no mar (o avião) 9 Preposição.
- 10 Diabo. Cidade de França.
- 11 Tripular.

Resolheu completamente este problema? Procure agora em segundo passalempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7022

HORIZONTAIS:

- 1 Assembleia. Constelação zodiacal que é a sexta a partir do Áries.
- 2 Pernadas de sobreiro. Célebre costureiro francês já falecido.
- 3 Catedrais. Capitão. Para barlavento.
- 4 Suspiro. Burra.
- 5 Oásis. irmã da mãe.
- 6 Nome antigo da nota musical do Azeite (bras). Atmosfera.
- 7 Cor de fogo. Superfície aparente dos astros.
- 8 Ribombas. Preposição e artigo definido. Grande ribeira da Ásia Russa.
- 9 Escavar. Tempo do verbo ser.
- 10 Bigorna de aço sem hastes (inv.). Pronome pessoal. Família.
- 11 Peixe do género siluro. Rio de França.



VERTICAIS:

- 1 Cabelos brancos. Vila e concelho de distrito de Aveiro.
- 2 Rezel. Da Tuquia.
- 3 Vinte mãos de papel. Ruim.
- 4 Reis. Tornar pior.
- 5 Expulsos. Lago.
- 6 Vossa Alteza. Nome de Buddha, na China.
- 7 Asneira. Nota musical.
- 8 Idem. Naturais da Síria.
- 9 Espécie de forragem (bras). Pronome pessoal.
- 10 Colarinho. Assanhar.
- 11 Rogo. Aromatizar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10863

HORIZONTAIS:

- 1 Apaga. Tocos.
- 2 Mimar. Alapo.
- 3 Acamo. Laçar.
- 4 Nara. Sa.
- 5 Sra. TAL.
- 6 Al. Afra. Da.
- 7 Raspa. Paços.
- 8 Sair. Alum.
- 9 Sir.
- 10 PAGA. Rabi.
- 11 Aumentar. Ro.

VERTICAIS:

- 1 Amansar. Opa.
- 2 Picarias. Am.
- 3 Amara. Salga.
- 4 Gama. API. Am.
- 5 Aro. Tiara.
- 6 Aar. In.
- 7 TAL. Lapas.
- 8 Oias. Sálira.
- 9 Caçar. CURA.
- 10 Opa. pom. Br.
- 11 Sortias. Hio.

Provérbo: TAL PAGA, TAL CURA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7021

HORIZONTAIS:

- 1 Gruda. Abade.
- 2 Aurea. Ralai.
- 3 Dirá. Rita.
- 4 Rá. Sa.
- 5 Carregadora.
- 6 Amara.
- 7 Mané. MMII.
- 8 Camaroeiros.
- 9 Ala. Ode.
- 10 Safed. Tosar.
- 11 Arara. Amora.

VERTICAIS:

- 1 Gad. Co. Casa.
- 2 Ruira. Matar.
- 3 Urrar. Afama.
- 4 Deá. Rana. Er.
- 5 Aa. Temer. Dá.
- 6 Ga. Ou.
- 7 Ar. Carme. Ta.
- 8 Bar. Dami. Om.
- 9 Aliso. Iroso.
- 10 Dalar. Iodar.
- 11 Eial. As. Será.

televisão

HOJE

1.º Programa (22.00)

BANACEK

Série policial com o actor George Peppard no protagonista

2.º Programa (21.00)

NOITE DE ÓPERA «TOSCA»

De Puccini com Marcela Pobbe, Gianni Raimondi e Cornell Macneil. Orquestra do Teatro Margherita de Génova dirigida por Pietre Argento

SIEMENS ESTORIL

HOJE	AMANHÁ
1.º Programa 1.º Período 12.45 Abertura e desenhos animados «Zé Colmeia» 13.00 Vivendo o futuro 13.30 Catch Candy 13.45 Telegiornal 1.ª edição. 14.25 Logo à noite. 2.º Período 19.30 Minijornal. 19.35 TV infantil. 19.55 Final do Concurso de Piano Tchaikovsky 1974 - Moscovo 21.00 Telegiornal 2.ª edição. 21.30 Panorama do Mundo 22.00 Banacek 23.15 Telegiornal 3.ª edição. 23.45 Fecho. 2.º Programa 20.00 Abertura e desenhos animados. 20.15 Catch Candy. 20.45 Imagens da vida de uma cidade. 21.00 Noite de ópera «Tosca» 22.55 Telegiornal 23.20 Fecho	1.º Programa 1.º Período 12.45 Abertura e desenhos animados «Laurel e Hardy» 13.00 Escrever é lutar. 13.15 O Rapaz do elefante. 13.45 Telegiornal 1.ª edição. 14.00 Almanaque. 14.15 Logo à noite. 14.25 Fecho. 2.º Período 19.30 Minijornal. 19.35 TV infantil. 19.45 Música contemporânea 20.15 Em foco 21.00 Telegiornal 2.ª edição. 21.30 Noite de cinema «A Raposa» 23.15 Telegiornal 3.ª edição 23.20 Fecho 2.º Programa 20.00 Abertura e desenhos animados. 20.15 O Rapaz do elefante. 20.40 Escrever é lutar. 21.00 Panorama. 22.00 Música e linguagem. 22.30 Telegiornal. 23.00 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroportos	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo

09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado em algumas regiões, o vento era fraco e caía neblina ou chuva em vários locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO

19°

P. DOURADAS

.....

COIMBRA

.....

PORTALEGRE

25°

LISBOA

20°

FARO

29°

FUNCHAL

23°

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA

..... Máxima

29.5°

MONTALEGRE

.....

Mínima

9.8°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar

14.6°

Atmosfera

9.9°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR

BAIXA-MAR

4.59 4,2 m

10.34 0,4 m

Dia 20

5.42 4,2 m

11.16 0,5 m

18.02 4,3 m

23.44 0,6 m

Dia 21

6.25 4,0 m

11.58 0,7 m

18.46 4,1 m

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado temporariamente muito nublado especialmente por nuvens altas, vento geralmente fraco, possibilidades de trovoadas dispersas no interior, condições favoráveis a ocorrência de neblina ou nevoeiro matinais na faixa Costeira Ocidental a Norte do Cabo Carvoeiro.

AMANHÃ

NAScer ÀS

6.54

OCASO ÀS

20.26

DIA 24

DIA 1

DIA 16

rádio

EMISSIONA 1.º Programa

16.00

Noticiário. Música Folk.

16.30

Música Variada.

17.00

Rádio Estudantil.

18.00

Música Variada.

18.05

Literatura. por Sofia de Melo Breyner.

19.05

Programa infantil. Música variada.

20.00

Jornal da noite. Perspectiva do rock.

21.30

Música portuguesa.

22.00

Sindicalismo.

22.50

Trailer de música erudita.

23.00

De um dia para o outro.

00.00

Junção (entrada do MF1 de Lisboa). Sinal horário.

Programa em MF1 de Lisboa

23.00

Rádio estudantil.

00.00

Junção com o 1.º Programa.

2.º Programa

16.00

2.º e 3.º actos da Ópera «Orfeu e Euridice» de Gluck.

17.30

Solos de piano.

18.00

Antologia sonora.

19.00

Música de bailado.

19.30

Música coral sinfónica.

20.00

Jornal da noite.

21.15

Separador.

21.30

Música de câmara.

22.00

Música sinfónica.

23.00

A pianista Felícia Blumental.

23.30

Quarteto em B Bemol Maior, op. 51, de Dvorak, pelo Quarteto Kohon.

00.05

Bailados.

01.00

Fecho.

Programa estereofónico MF2

21.15

Música ligeira Variada.

22.00

Transmissão integral da ópera Édipo «O Tirano», de Carl Orff.

00.45

Rondó el Lá Menor, K. 511, de Mozart, pelo pianista Chri Eschenbach.

01.00

Fecho.

RÁDIO CLUBE

Onda Média

16.00

Noticiário

16.04

Programa CDC

18.02

Programa Movimento

20.40

Programa Movimento rádio teatro

21.00

Noticiário

21.03

Alegria no trabalho

21.32

Quando o telefone toca

22.05

Antiquário

22.30

Quando o telefone toca

23.05

Variando para agradecer

23.30

No mundo aconteceu

02.00

A noite é nossa

06.00

Diário rural

07.00

Talisma

Modulação de Frequência

16.00

Noticiário

16.04

Programa CDC

18.02

O nosso programa

19.04

Em órbita-1

21.02

Bom noite em FM

22.02

Clube à gô-gô

00.02

Em órbita-dois

01.02

Banda sonora Sonipol

02.00

Perspectiva

03.00

Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

16.00

Noticiário.

17.30

Emissão-28.

18.03

Zona Azul. Programa de Automóvilismo.

18.23

Palavra do Dia. No final - Terço e missa vespertina da Basílica dos Mártires.

20.05

Zona Verde. espaço ocupado pela família.

20.35

Intervalo.

20.55

Meditando.

21.05

Suplemento especial.

22.00

Quando o telefone toca.

22.30

Programa dos sócios.

23.05

A 23.ª Hora.

EMISSIONA ASSOCIADOS DE LISBOA

C. RADIOFÓNICO DE PORTUGAL

Das 06.00 às 11.00 e das 19.30 às 22.00

RÁDIO PENINSULAR

Das 11.00 às 17.00

RÁDIO VOZ DE LISBOA

Das 17.00 às 19.30 e das 22.00 às 02.00

baterias

TUDOR

pilhas

NOVOS SERVIÇOS DE VENDAS E ARMAZÉM

R. PROF. REINALDO DOS SANTOS

28-A-TELEF. 78 81 83-4-5

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO 1-1 (TODA A NOITE)

ALCANTARA
Dilema, R. Aliança Operária, 49-A/B (T. 636620)

ALFAMA
Pereira, R. do Paraíso, 98-100, (T. 863224)

ALMIRANTE REIS
Candido Monteiro, Av. Almirante Reis, 121-B (T. 45751)

ALVALADE
Sana, Av. da Igreja, 31-C (T. 717505)

AREIRO
Algarve, Av. de Roma, 7-B (T. 731478)

AVENIDAS NOVAS
Cruz Nunes, P. Duque de Saldanha, 14 (T. 41845)

BAIXA
Valadas, R. de Madalena, 235 (T. 872060)

BELEM
Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63-A (T. 61454)

BENFICA
Ribeiro, E. da Cruz, 199-A (T. 780989)

CAMINHOS DE FERRO
Conceição, C. D. Gastão, 30-32 (T. 361279)

CAMPO DE OURIQUE
Pinheiro, R. Campo Ourique, 131-133 (T. 68640); Urbano de Freitas, R. Silva Carvalho, 1-B (T. 662838)

CONDE REDONDO
Salus, R. Luciano Ordeiro, 73 (T. 42239)

LUMIAR
Central, R. do Lumiar, 77 (T. 790480)

MARQUES DE POMBAL
Ribeiro Castro, R. Braamcamp, 52-C (T. 43409)

OLIVEIRA
Antunes Rosas, P. Cidade do Luso, lote 199, Oliveira (T. 313610)

PAMPULHA
Pinheiro, R. Presidente Arraia, 16 (T. 691054)

PICHELEIRA
Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16-A (T. 728395/720703)

S. BENTO
Confiança, P. das Flores, 59 (T. 680401)

S. PAULO
Africano, R. Bernardino Costa, 45 (T. 369120)

TURNO 1-2 (ATÉ AS 22 HORAS)

ALCANTARA
Costa, R. dos Lusíadas, 30 (T. 636704)

ALTO DO PINA
Idria, R. Barão de Sabrosa, 235-A (a Alameda) (T. 728277)

ALVALADE
Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (a Av. E.U. da América) (T. 721409)

AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (a Galinheira) (T. 790989)

AVENIDA DA LIVREDADE
Brites Melo, P. da Alegria, 27-28 (T. 321149)

AVENIDAS NOVAS
Figueira, Av. Marques de Tomar, 20 (T. 44995)

BAIRO ALTO
Pinhanda, R. da Rosa, 94-96 (T. 321534)

BAIRO ENCARNÇÃO
Ascenso, P. do Norte, 1-A (T. 311216)

BAIXA
Cortez, R. S. Nicolau, 93 (T. 325378-A)

BELEM
Gomes, R. da Junqueira, 326 (T. 638193)

BENFICA
Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-A (T. 704828)

CAMPO OURIQUE
Ela, R. D. Maria Pia, 358-A (T. 686176); Tâgus, Pl. da R. Posidônio Silva, 162-A (T. 689455)

CAMPOLIDE
Oliveira, R. de Campolide, 54-A (T. 684424)

ENTRECAMPOS
São Miguel, P. Francisco de Moraes, 1 (T. 771469)

ESTRELA
Rodrigues e Aires, R. da Lapá, 52-54 (T. 662246)

GRAÇA
Branquinho, R. dos Sapadores, 97 (T. 642725)

INTENDENTE
Intendente, L. do Intendente Pina Manique, 50 (T. 47838)

LUMIAR
Matos Viegas, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (Quinta dos Mouros) (T. 794174)

RESTELO
Belém, R. Tristão Vaz, 10-A (T. 612248)

SETE RIOS
Curie, Av. Madame Curie, 15-A (T. 778439)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, Rua António Granjo, 2 (Telef. 213161)

CAXIAS
Nova R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Telef. 2432039)

OEIRAS
Godinho R. Cândido dos Reis, 98 (Telef. 2430090)

PARADE
Aisir, Av. Gago Coutinho - B. das Caixas de Previdência (Telef. 2472948)

MURTAL
Primavera, R. das Parreiras, 2 (Telef. 2472278)

MONTE ESTORIL
Suica, Cruzeiro (Telef. 260087)

CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Telef. 280170); Nova Est. de Alvide - Fontinhas (Telef. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora P. 28 de Maio, 3-A (Telef. 935518); Carmelo R. Elias Garcia, 10 (Telef. 933303); Helénica R. Elias Garcia, 2 (Telef. 933613); S. Jorge R. Pedro del Negro, 5 - Reboleira (Telef. 938703)

DAMAIA
Lemos R. de Goa, 21-A (Telef. 971121)

QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (Telef. 950045); Correia L. do Mercado, 3 (Telef. 950906); Serra e Pinto.

CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Telef. 2942181)

MEM MARTINS
Química Est. Mem Martins 285 (Telef. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, Telef. 980456

SINTRA
Simões R. Heliodoro Salgado, 26 (Telef. 2930832)

COLARES
Abreja, Telef. 299088

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes R. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 204250)

ALMADA
Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (Telef. 270076)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima Est. Nacional, 244-A (Telef. 2040141)

BARREIRO
Soares, Av. da República, 1 (Telef. 2073023)

COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (Telef. 270121)

MOITA
União Moitense, Av. dr. Tedfilo Braga (Telef. 239025)

MONTIJO
Gimenes, R. Almirante Reis, 45 (Telef. 230008)

SESIMBRA
Lopes R. Cândido dos Reis, 67 (Telef. 299028)

SETUBAL
Bocagense, R. do Romeu (Telef. 23425); Bairros B. Santos Nicolau (Telef. 23330)

SEIXAL
Godinho L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580)

PORTO

1.º TURNO

SUB TURNO A

Alves da Silva, Av. da Boavista, 1016; Azevedo (de), Rua do Meiral, 503; Gomes Ferreira, Rua Faria Guimarães, 449; Nau Victoria, Rua Nau Victoria, 723; Ordem da Trindade, Rua Her. e Mart. Angola, s/n; Terreiro, Rua da Reboleira, 21.

SUB TURNO B

Antes (das), Av. Fernão Magalhães, 1076; Ant. Porto do Olival, C. Mártires da Pátria, 122; Calção, Rua de Santo Ildefonso, 61; Ferreira, Praça D. Afonso V, 55-B; Lousada, Largo do Campo. Lindo, 62.

COIMBRA

TURNO B

Estádio, Rua do Brasil, 348 r/c (Tel. 24410); Miranda, Pr.ª do Comércio, 41 (Tel. 23261); Batista, Pr.ª da República, 910 (Tel. 23747)

ROXI (T. 48560)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
O célebre filme de Eric Rohmer uma crónica de amor livre! A COLECCIONADORA com Hayde Politoff, Patrick Bauchau e Miranou

CONDES (T. 322523/326710)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
15.ª Semana! Colorido
Julie Christie e Donald Sutherland AQUELE INVERNO EM VENEZA o acto de amor... como jamais foi visto no écran. The Sun.

ESTÚDIO APOLO 70 (T. 763319)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido
Um filme impressionante! O ABO-MINAVEL DR. PHIBES

MUNDIAL (T. 538743)
15.15, 18.30 e 21.45
Interdito a menores de 18 anos
3.ª Semana!
Marisa Mell e Carlo Giffre na comédia BELA, RICA, COM PEQUENO DEFEITO FÍSICO. PROCURA CALVALHEIRO

OXFORD CASCAIS
16.00 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Semana do Cinema Proibido.
DISPAREM SOBRE O PIANISTA realização de François Truffaut com Charles Aznavour, Mare Dubois, Michele Mercier e Nicole Berger

CINEARTE (T. 660446)
15.30 e 21.30
Grupo B (10 anos)
Os Charlots em OS MALUCOS EM ESPANHA

ODEON (T. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana!
O filme que apaixonou as mulheres UMA HISTÓRIA PERVERSA com Marisa Mell e Jean Sorel. Sinistro mistério de um crime de adultério premeditado para condenar um marido à morte

RESTELO (T. 610375)
21.30
Não aconselhável a menores de 13 anos
4.ª Semana!
DESCULPE, VOCÊ CONHECE O SEXO? uma realização de Vittorio de Sisti

CINEMA CASTIL (T. 530194)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana!
Um filme de Elio Petri INQUÉRITO A UM CIDADÃO ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA com Gian Maria Volonté e Florinda Bolkan

IMPERIO (T. 555134)
15.15, 18.30 e 21.30
Não aconselhável a menores de 18 anos
Lee J. Cobb, Barbara Hershey e Lola Falana O PREÇO DO SILÊNCIO um filme de William Wyler

CASINO ESTORIL (T. 264521/234946)
17.00 e 21.30
Grupo D (18 anos)
A PROMESSA

ALVALADE (T. 717480)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo A (6 anos)
Colorido
Walt Disney apresenta PATO DONALD E C.ª a grande parada das férias

AVIZ (T. 47163)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
A NOVA VIAGEM DE SINBAD com John Philip Law

EUROPA (T. 661016)
15.15 e 21.30
Grupo B (10 anos)
A NOVA VIAGEM DE SINBAD com John Philip Law

ESTÚDIO 444 (T. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
Não aconselhável a menores de 13 anos
4.ª Semana!
DR. ESTRANHOAMOR com Peter Sellers e George C. Scott num filme de Stanley Kubrick

PHATE (Tel. 821923)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Pela primeira vez a BLOW-UP (História de um fotógrafo)
Vanessa Redgrave, Sarah Miles e David Hemmings. A obra-prima de Antonioni. Grande Prémio do Festival de Cannes (Metro Arrois)

SATELITE (T. 562632)
15.30, 18.30 e 21.45
Interdito a menores de 18 anos
nMarcello Mastroianni, Ugo Tognazzi, Philippe Noiret, Michel Piccoli e Andrea Ferrol LA GRANDE BOUFFE (A GRANDE FARRA) um filme de Marco Ferreri
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

MONUMENTAL (T. 555131)
15.00 e 21.30
Grupo B (10 anos)
70 mm
Jean-Pierre Cassel, Sarah Miles, Stuart Whitman e Terry Thomas OS GLORIOSOS MALUCOS DAS MAQUINAS VOADORAS

ESTÚDIO (T. 555135)
15.30, 18.30 e 21.45
Interdito a menores de 18 anos
Marcello Mastroianni, Ugo Tognazzi, Philippe Noiret, Michel Piccoli e Andrea Ferrol LA GRANDE BOUFFE (A GRANDE FARRA) um filme de Marco Ferreri
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

ROMA (T. 727778)
15.30, 18.30 e 21.45
Não aconselhável a menores de 18 anos
Technicolor
BILLY JACK com Tom Loughlin

TIVOLI (T. 570595)
15.15 e 21.15
Grupo B (10 anos)
O maior filme de todos os tempos! OS DEZ MANDAMENTOS

ROYAL (T. 865037)
15.00 e 21.00
Grupo E (18 anos)
Color
As mais ousadas cenas de amor OUTONO ESCALDANTE com Alain Delon e Sonia Petrova

BERNA (T. 776098)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Technicolor
Jerry Lewis e O ESTOIRA VERGAS

S. JORGE (T. 54154/54153)
15.15, 18.15 e 21.30
Interdito a menores de 18 anos
2.ª Semana!
O ULTIMO TANGO EM PARIS
Aviso ao público: este filme contém cenas eventualmente chocantes
Direcção dos Serviços de Espectáculos

ELEN (T. 320768)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
A NOVA VIAGEM DE SINBAD com John Philip Law

POLITEAMA (T. 328305)
15.15, 18.15 e 21.45
Grupo D (18 anos)
4.ª Semana da divertida audácia em "sensualidade"
EMPRESTA-ME O TEU MOTORISTA com Lando Buzzanca num super-macho. Que tinha ele a mais para ser desejado pelas mulheres?

VOX (T. 720808)
15.15, 18.30 e 21.45
Interdito a menores de 18 anos
12.ª Semana! Color
Laura Antonelli e Alessandro Momo em MALICIA

LONDRES (T. 801313)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Interdito a menores de 18 anos
Colorido
O filme de Luis Buñuel finalmente em Portugal BELLE DE JOUR com Catherine Deneuve

EXPOSIÇÕES

BELAS ARTES — Perspectiva-74 e gravuras (das 14 às 20 h).

BLOCO (CASCAIS) — Colectiva (das 16 às 20 h).

ESCOLA PRIMARIA DA DAMAIA — Colectiva de pintura e tapeçaria (das 21 às 23 h).

CASINO ESTORIL — Pinturas de Vamona. Navecar (das 15 às 3 h).

FOTO CLUBE 6X6 — Trabalhos de Alfredo Cunha (3.ª e 6.ª-feiras, das 21.30 às 24h.).

GALFRIA 111 — Colectiva de gravuras, litografias e serigrafias (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).

GRUPO AMIGOS DA COSTA — Trabalhos de Barbara Guerreiro (das 15 às 19 e das 21 às 24h.).

PALÁCIO FOZ — Trabalhos de Bernardette Stern, serigrafias de Acácio Assunção e António Brito Caiola (das 5 às 20 h).

OUTROS ESPECTÁCULOS

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
"O Último Fado Em Lisboa."

TRINDADE
21.45 (10 anos)
"O Conde de Luxemburgo."

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (18 anos)
"O Filtro do Amor."

PROMOTORA
21.00 (10 anos)
"Júliques."

OLÍMPIA
19.00 (14 anos)
"Um Homem Chamado Arizona."

LINHA DE CASCAIS

ALGES
Stadium
21.30 (14 anos)
"Uma razão para viver outra para morrer."

ESTORIL
Espanada
21.30 (14 anos)
"Excelsior Múia do Karate."

CASCAIS
Oxford
21.30 (18 anos)
"Disparem sobre o pianista."

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (10 anos)
"O filho de Shane."

AMADORA
Recreios Desportivos
21.30 (18 anos)
"Encontro com Uma Mulher Só."

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
"Condenados a viver."

PORTO/Cinemas

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
"Uma História Perversa."

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
"Os Dois Gladiadores."

PASSOS MANUEL
21.30 (14 anos)
"A Balada do Soldado."

COLISEU
21.30 (14 anos)
"Dueto ao Sol."

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
"Outono Escaldante."

ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
"Venha Tomar Café Connosco."

ESTÚDIO
21.30 (10 anos)
"Adivinha Quem Vem jantar."

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (18 anos)
"Um Homem de Ferro."

Lisboa Porto

7 COMÉDIAS QUASE EM CADA SENTIDO

AMINHO DE FERRO PORTUGUESE

LEIA ÀS TERÇAS-FEIRAS

O JORNAL motor



BARS BOITES

DANCINGS

NINA — Dancing com atrações. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.
Zorina, vedeta inglesa de "sexy".

ESPADARTE CLUB — SE-SIMBRA. Discoteca e acidentalmente fado ou música de folclore interp. por clientes e dedicado aos turistas presentes. Encer. domingos. T. 229189.

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Varedades internacionais. T. 26461/264526/264586/264621/264946.

HIPOPOTAMO — Com Mário Simões. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.

TAMILA — Marão e s/ conjunto. Matineas todos os dias. Encerra aos domingos. Av. Fuque de Loulé, 69. T. 533117.

CACO — Dancing com música ambiente com sibilur quarteto. Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.

ROUBO NO ESTORIL

De um Land Rover estacionado próximo do Casino Estoril foram roubados, no dia 8 de Agosto, vários valores entre os quais algumas centenas de fotografias (dispositivos) e documentos pessoais. Uma vez que, quer as fotos, quer os documentos, apenas interessam ao seu proprietário, agradece-se a quem os encontre que entre em contacto com Publicações Alfa. SARL — Avenida António Augusto de Aguiar, 150-5.º, Esq.º, em Lisboa ou pelo telefone 44460. Dão-se alvissaras.

NACIONAL



RENASÇENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185, 1.º 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDAÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5 320271/2/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEF. 12363
LISBOA-PORTUGAL

MORTOS EM COMBATE

O Serviço de Informação das Forças Armadas comunica que morreram em combate os seguintes militares: no Estado de Moçambique, o soldado G.E. n.º 2969/73, Gonduar Sambai, natural de Zanduzi; soldado n.º 062827/70, Francisco Jorge Gonçalves Carvalho, natural de Moreira do Rio — Fafe; 1.º ca-

bo n.º 067979/72, António Costa Oliveira, natural de São Lourenço — Ponte de Barca; major pára-quedista, Manuel António Casmarrinho Lopes Morais, natural de Benguela; e no Estado de Angola, o 1.º cabo R.E. n.º 618240/74, Tadeu Jo-mungo, natural de Andulo.

EXTINTO O INCÊNDIO NO "DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

As nove horas da manhã foi considerado extinto o incêndio que deflagrou nas instalações do «Diário de Notícias».

«Neste momento — declarou-nos um chefe do Batalhão de Sapadores Bombeiros de Lisboa — o fogo está extinto. Fica aqui no local um colega chefe de prevenção. O edifício não foi afectado, e pode dizer-se que os prejuízos são praticamente os causados pela água.»

As chammas foram detectadas pelos trabalhadores do «Diário de Notícias» pouco depois das seis horas, os quais logo tomaram medidas tendentes a impedir que o fogo se alastrasse. Para isso utilizaram os extinto-

res até à chegada dos bombeiros que se registou alguns minutos depois da chamada. O incêndio registou-se nas condutas de respiração (que levam para o exterior os fumos das diversas secções) pelo que se compreende que não tenha atingido a estrutura do edifício. Apesar disso ainda foram ligeiramente afectadas pelas chammas a rotativa velha, instalada na sobreloja, e o armazém do bar, encostado às referidas condutas no quarto andar do prédio. Tudo leva a crer que qualquer fálha saída da este-reotípia para as condutas de fumos tenha originado o incêndio. Também esta secção foi atingida pelas chammas, as-

sim como a da expedição.

O sinistro afectou bastante a publicação do «Diário de Notícias» e do «Mundo Desportivo». A rotativa ainda não tinha tirado toda a edição daqueles jornais. Assim, o matutino lisboeta só tinha sido distribuído para parte da província (Norte até Coimbra), estando durante a manhã a tentar-se concluir a edição para poder ser distribuída na cidade de Lisboa, e nas principais cidades do País. A situação do «Mundo Desportivo» era idêntica, já que também a sua edição não estava completa à hora a

que deflagrou o incêndio.

Como já assinalámos os prejuízos causados derivam especialmente da utilização da água. Observaram-se pequenas inundações em diversas secções, nomeadamente no armazém das bobinas de papel (situado na sobreloja), e que pode ter danificado totalmente o papel. Nestes termos, é difícil calcular de momento o montante dos prejuízos. Regista-se ainda que esteve também no local a colaborar nos trabalhos de extinção do incêndio a 3.ª Secção dos Voluntários de Lisboa.

SEGUNDA CAPITAL DISTRITAL CAPTURADA PELO VIETCONG

SAIGÃO, 19 (R.) — Tropas comunistas capturaram uma segunda capital distrital na sua campanha que dura há um mês nas províncias norte-centro e sul do Vietname — anunciou hoje o comando em Saigão.

O comando confirmou que a cidade de Minh Long, perto da costa central, com a qual se havia perdido o contacto pela rádio desde sábado, havia sido invadida nesse dia por forças comunistas.

A sorte da guarnição da cidade, calculada por círculos militares entre 300 a 400 soldados,

milícia e unidades civis de auto-defesa não é conhecida.

Minh Long, rodeada por montanhas e situada a 500 quilómetros a nordeste de Saigão, começou a ser atacada no sábado de manhã acabando por cair ao meio da tarde, acrescentou o comando.

A cidade de cerca de oito mil habitantes encontra-se a 130 quilómetros a sudeste da cidade de Thuong Duc que caiu em poder dos comunistas no princípio da semana passada.

CARRO ROUBADO

Foi roubado esta madrugada um dos automóveis da Renascença Gráfica, a empresa proprietária do «Diário de Lisboa». Trata-se de um «Dat-sun 1.600 SSS», cinzento metálica, matrícula HG-84-89. Qualquer informação pode ser dada para os telefones 654531,2,3 ou 321154,5.

SE PROVAR CASTELÕES SO PEDIRA CASTELÕES

Castelões é um queijo pasteurizado, amanteigado e de superior qualidade

... nos preços de artigos de pronto a vestir e calçado, durante todo o período dos nossos habituais saldos de fim de estação, nas lojas de Av. de Ceuta, Benfica/Amadora, Olivais, Porto, Barreiro, Almada, Cascais e V. N. de Gaia

Pão de Açúcar
Vale sempre a pena.

UMA CORRIDA PARA AFICIONADOS

MESTRE **BAPTISTA DA VEIGA**
MIGUEL

ESPADAS **JOSÉ JÚLIO MARIANO RAMOS**

FORCADOS AMADORES DE ÉVORA
capitaneados por João Nunes Patinhas

TOIROS DE PORTO ALTO



Grupo A - maiores 6 anos
CAMPO PEQUENO
DIA 22, ÀS 22 HORAS